



PROFHISTÓRIA

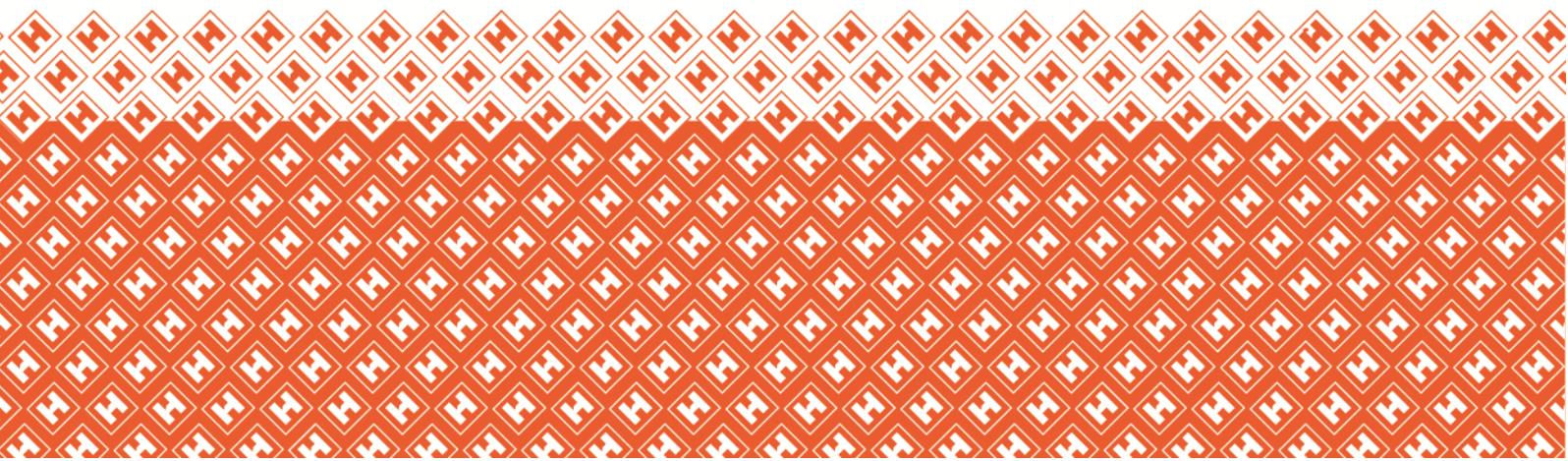
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

PATRICIA DE MATTOS ALVES

**ENSINO DE HISTÓRIA E HISTÓRIA LOCAL: (RE)
CONHECENDO MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE
ALTAMIRA DO PARANÁ**

Universidade Estadual do Paraná – Unespar

setembro / 2022



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
NÍVEL DE MESTRADO PROFISSIONAL – PROFHISTÓRIA**

PATRÍCIA DE MATTOS ALVES

**ENSINO DE HISTÓRIA E HISTÓRIA LOCAL: (RE)
CONHECENDO MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE ALTAMIRA
DO PARANÁ**

**CAMPO MOURÃO – PR
2022**

PATRÍCIA DE MATTOS ALVES

**ENSINO DE HISTÓRIA E HISTÓRIA LOCAL: (RE)
CONHECENDO MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE ALTAMIRA
DO PARANÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, nível de Mestrado Profissional, da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Ensino de História
Orientador (a): Dr. Jorge Pagliarini Junior

**CAMPO MOURÃO – PR
2022**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Alves, Patricia de Mattos
Ensino de história e história local: (re)
conhecendo memórias e histórias de Altamira do Paraná
/ Patricia de Mattos Alves. -- Campo Mourão-PR, 2022.
101 f.: il.

Orientador: Jorge Pagliarini Junior.
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Ensino de História) --
Universidade Estadual do Paraná, 2022.

1. História-Estudo e Ensino. 2. Aprendizagem
histórica. 3. Didática - Ensino - História. I -
Pagliarini Junior, Jorge (orient). II - Título.

PATRÍCIA DE MATTOS ALVES

**ENSINO DE HISTÓRIA E HISTÓRIA LOCAL: (RE)CONHECENDO MEMÓRIAS E
HISTÓRIAS DE ALTAMIRA DO PARANÁ**

BANCA EXAMINADORA



Dr. Jorge Pagliarini Junior (orientador) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – ProfHistória/Universidade Estadual do Paraná – Unespar



Dr. Federico José Alvez Cavanna – Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – ProfHistória/Universidade Estadual do Paraná – Unespar



Dr. Raphael Pagliarini – Instituto Federal do Paraná – IFPR

Data de Aprovação

26/09/2022

Campo Mourão – PR

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao programa de pós-graduação stricto sensu de Mestrado Profissional em Ensino de História– (ProfHistória) e a Universidade Estadual do Paraná- (UNESPAR) e ao seu corpo docente pela possibilidade de realizar essa formação e dissertação, pela oportunidade de aprimorar minhas práticas profissionais junto ao mundo da ciência histórica. Meu profundo agradecimento a meu orientador Dr. Jorge Pagliarini Junior, por ter acreditado em mim, pelas orientações tão valorosas, pelo zelo e paciência com as palavras nos momentos necessários e por ouvir minhas ideias e contribuir grandemente para a execução dessa dissertação. Aos colegas do mestrado, que juntos compartilhamos angústias e conquistas, trocamos ideias e muitas mensagens para sanar nossas dúvidas, em especial a Patricia Fernandes Dal Santo e Felipe Estevam Jaques, que sempre se prontificaram a me ajudar. À Direção do Colégio Estadual Altamira do Paraná, que não mediu esforços para tornar possível a realização da pesquisa e aos alunos, que juntamente aprendemos e transitamos no campo da pesquisa histórica. A minha eterna gratidão a toda a minha família por suportarem os momentos de ausências para pesquisa e estudo e a Deus há quem devo todos os motivos de minha Gratidão.

RESUMO

ALVES, Patrícia de Mattos: **Ensino de História e História Local: (Re) Conhecendo Memórias e Histórias de Altamira do Paraná**. 100f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – Mestrado Profissional. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2022.

O presente trabalho aborda a história local no ensino de história a partir das narrativas e experiências dos alunos do 9º ano A e de alunos de turmas do Ensino Médio do Colégio Estadual Altamira do Paraná, como forma de produzir uma pesquisa ao processo experiência didática em ensino de História. Uma das contribuições da pesquisa deve-se ao trabalho de produção das atividades desenvolvidas em sala de aula na perspectiva da Educação Histórica, que se fundamenta em Barca (2004), Schmidt e Braga (2005-2006) e em Fernandes (2008). O trabalho integra a relação entre ensino-pesquisa-aprendizagem, com objetivo de produzir novos conhecimentos e, acima de tudo, possibilitar que o educando atue como sujeito histórico, descobrindo nesse processo o significado da sua própria contribuição para a construção do conhecimento a partir de um trabalho de produção de pesquisa voltada para o estudo de memórias de familiares e moradores do município de Altamira do Paraná. Discorremos os resultados do trabalho com a aprendizagem histórica a partir da perspectiva da formação da consciência histórica dos alunos, problematizando com isso conhecimentos prévios e o próprio resultado das narrativas produzidas nas aulas, as quais estruturam um processo de reflexão sobre práticas educativas. Os resultados da pesquisa estão materializados na produção e análises de material propositivo, uma Unidade Temática Investigativa (UTI).

Palavras-chave: Ensino de História, História Local, Aprendizagem Histórica, Educação Histórica.

ABSTRACT

The present work is a didactic experience in the teaching of History, carried out with students from the 9th grade and from high school classes at Colégio Estadual Altamira do Paraná. One of the research contributions is due to the process of production and presentation of activities developed in the classroom from the perspective of Historical Education, which is based on Barca (2004), Schmidt and Braga (2005/2006), and Fernandes (2008). The work integrates the relationship between teaching-research-learning, intending to produce new knowledge and, above all, enabling the student to act as a historical subject, discovering in this process the meaning of his contribution to the construction of knowledge from a research production work focused on the study of memories of family members and residents of the municipality of Altamira do Paraná. Another approach presents the results of the work with historical learning from the perspective of the formation of students' historical awareness, thus questioning previous knowledge and the same result of the narratives produced in the classes, which structure a process of reflection on educational practices. The research results are materialized in the production and analysis of propositional material, from the Investigative Thematic Unit (ICU).

Keywords: Teaching History, Local History, Historical Learning, Historical Education.

LISTAS DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1-Localização do município de Altamira do Paraná. | 35 |
| Figura 2 – Decréscimo populacional Segundo o IBGE (1980-2019) | 46 |
| Figura 3 -Chuva de Palavras (Ou Tag Cloud) | 58 |
| Figura 4 -Capsula do tempo produzida pelos alunos do 9ºA. | 62 |
| Figura 5- Parte do acervo do Museu Padre Vitor Coelho..... | 66 |
| Figura 6 -Estudo de campo ao Cemitério Municipal São Luís..... | 67 |
| Figura 7-Atividade da Linha do tempo em formato de slides elaborado e apresentado por um aluno do 2ªA | 70 |
| Figura 8 -Os quatro tipos de consciência histórica de Rusen, (2001). | 73 |
| Figura 9 -Comparação entre modelo Aula Oficina X Unidade Temática Investigativa | 79 |

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| INTRODUÇÃO | 9 |
| | |
| CAPÍTULO 1: HISTÓRIA LOCAL, APRENDIZAGEM HISTÓRICA E EDUCAÇÃO HISTÓRIA | |
| 1.1 O lugar da Teoria e da Prática no Ensino de História. | 20 |
| 1.2 Uma proposta de história local para a Educação Histórica..... | 24 |
| 1.3 A busca pela ressignificação da Aprendizagem Histórica..... | 27 |
| | |
| CAPÍTULO 2: ALTAMIRA DO PARANÁ E A QUESTÃO NORTEADORA | |
| 2.1 O município de Altamira do Paraná | 36 |
| 2.2 Altamira do Paraná- Histórias e Memórias..... | 37 |
| 2.3 A questão norteadora: a História Local e a questão densidade demográfica..... | 44 |
| | |
| CAPÍTULO 3: A ELABORAÇÃO DA AULA OFICINA E A EDUCAÇÃO HISTÓRICA | |
| 3.1 Um aporte para a elaboração da aula oficina..... | 54 |
| 3.2 Atividades desenvolvidas com os alunos: (Modelo-Aula Oficina) | 57 |
| 3.3 Uma proposta de Unidade Temática Investigativa para a História Local..... | 79 |
| | |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 93 |
| | |
| REFERÊNCIAS | 96 |
| | |
| APÊNDICE/ANEXOS | 100 |

INTRODUÇÃO

Desde que comecei a atuar no magistério, observei em diversas oportunidades as seguintes falas, ditas especialmente pelos estudantes, sobre o que pensavam o que era o aprender história: “nem tinha nascido ainda, quando tal fato ocorreu”; “para que saber isso, se não lembro nem o que jantei ontem” (como se tudo se resumisse ao decorar), e até mesmo questionamentos sobre como que eu, enquanto professora, decorava tudo aquilo. Esses questionamentos denunciavam em algum sentido a falta de significado da aprendizagem histórica para os alunos.

Ademais, pude perceber que o interesse das turmas nas aulas era maior quando iniciávamos os estudos a partir de suas histórias de vida e da história local, momentos nos quais procurava exemplificar que a História também é mudança, e para trazer possíveis explicações, citava o fato de eles serem sujeitos históricos.

Nesses momentos, procurava relacionar a realidade vivida pelos alunos ao conjunto de acontecimentos de ordem familiar, com a produção de narrativas textuais, composta por fatos sobre seus passados, presentes e suas expectativas para o futuro, demonstrando que história não é só um passado distante.

As atividades eram significativas, no entanto, não percebia como poderia explorar o potencial delas, aprofundar o uso dos conceitos, para que realmente problematizássemos de maneira sistemática o significado de história. De toda forma, entendia esses questionamentos dos alunos como um grande ponto de partida para essa ressignificação.

Por exemplo, alguns dos estudos propostos aos alunos era com entrevistas com os “pioneiros (as)”, com foco nas primeiras atividades econômicas e sociais do município. Muitos eram também convidados a dar seus depoimentos para a turma. Apesar de ser produtiva tal exercício, não percebia a importância da realização de análises mais aprofundadas, naquilo referente ao trabalho em sua metodologia - da história oral – bem como da busca por outras fontes, para a construção de evidências.

As fontes históricas eram utilizadas sob uma perspectiva de representação, ilustração, ou de comprovação, sem se considerar o método histórico. Assim, não as tornávamos evidências, pois se durante todo o processo realizávamos debates coletivos e análises sobre mudanças e permanências, entrelaçando assim a história local com a global, acabávamos por não explorar o fato de o quanto o uso da história local poderia tornar o ensino de História mais

significativo, e como o processo de produção histórica, com o método histórico, poderia também engendrar orientação para vida prática do aluno.

Portanto, todas essas atividades eram realizadas, mas o processo e a análise dos resultados eram simplificados. O reconhecimento dessa potencialidade e da necessidade de novas análises e leituras sobre essas atividades foi possibilitado com a aprovação no programa de pós-graduação *stricto sensu*, o Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória)¹.

Assim, com o início do estudo e produção dessa pesquisa, pude refletir sobre minhas práticas docente, e de ter a experiência de aproximação enquanto aluna de mais perspectivas do conhecimento histórico, de mergulhar na ciência histórica.

O programa que objetiva a formação continuada do docente de História que atua na Educação Básica, estimula o desenvolvimento de uma observação mais atenta ao que acontece na sala de aula e possibilita formas de análises e intervenções. Pois coloca o professor que está em sala de aula diante da universidade, numa tentativa de apropriação de teorias, da reflexão sobre suas práticas, do debate e troca de experiências com outros discentes. Além da contribuição para o enriquecimento da prática de sala de aula, com a produção de pesquisas e conhecimentos históricos em várias perspectivas de pesquisa.

Pude compreender o quanto o Ensino de História precisa ser mais do que relatos históricos a serem cuidadosamente contextualizados, pois para que se tornassem significativos, se faz necessário entender como são elaborados, pensados e construídos a partir de métodos históricos, e assim entendê-los como ferramentas para orientação na vida prática.

Observei que a escola e a sala de aula podem ser entendidas como lugares de encontros do conhecimento escolar e acadêmico, lugar no qual se produz experiências de conhecimento, troca e divulgação de *práxis*. Especificamente, trato nesse trabalho, a partir da linha de pesquisa “Saberes Históricos e Espaços Escolares”, de uma pesquisa sobre o processo de ensino e aprendizagem da história, considerando as especificidades dos saberes e práticas mobilizados na escola.

Nesse contexto cabe refletir: como tornar o ensino de história significativo? Como ir além da memorização em pesquisas? Como transformar informações em apropriação de conhecimento? Como desenvolver junto com os alunos habilidades para ajudar a detectar *fake*

1 O ProfHistória Mestrado Profissional em História, é um programa de pós-graduação *stricto sensu* em formato semipresencial em Ensino de História, criado e aprovado em 2013 pela Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES) do Ministério da Educação. Este programa tem por objetivo proporcionar formação continuada aos docentes de História da Educação Básica, com o objetivo de dar qualificação certificada para o exercício da profissão, contribuindo para a melhoria da qualidade do ensino.

News?². Sabemos que as respostas não são fáceis, e que há vários trabalhos de pesquisa que buscam respostas semelhantes, e para tanto, com experiência de sala de aula e os estudos cursados no mestrado do ProfHistória busquei contribuir nesse processo de ressignificação do ensino de história.

Ao planejar a nossa pesquisa se fez necessário escolher um tema que permitisse a produção de diálogo não apenas entre as intenções do programa ProfHistória e a da instituição de ensino, o Colégio Estadual Altamira do Paraná, mas também considerar a familiaridade dos estudantes com os temas abordados, caso contrário, poderia ocorrer desinteresse investigativo dos alunos, principalmente durante o contexto da pandemia do Covid 19³, quando as relações sociais foram forçosamente distanciadas, literalmente.

Uma das maiores dificuldades imposta pela citada Pandemia foi a da mudança brusca na rotina de estudantes e professores, pois durante a excepcionalidade impostas pelas aulas remotas foi também necessário novas adaptações de ensino e aprendizagem, no nosso caso, conforme indicado em decretos e orientações do município de Altamira do PR e do estado do Paraná⁴.

Um aspecto que consideramos importante neste contexto de aprendizagem remota refere-se à necessidade de preparação de um ambiente no qual tanto o professor, quanto o aluno, pudesse focar nos estudos ou seja, para isso era necessário ter minimamente uma boa conexão de Internet e demais recursos necessários para a realização do seu papel. Assim como estabelecer uma rotina e foco tanto para lecionar e/ou estudar em casa, e a fragilidade presente de não se possuir uma troca de experiência.

As dificuldades apontadas acima também encontradas por mim, demais discentes e professores para a realização do curso do mestrado do Profhistória no ano de 2020 e 2021.

²“ As fake News, ou, em bom português, as notícias falsas, correm rápido nas tramas das redes sociais; aparecem na forma de vídeo, de texto e de áudio. Misturam-se ao fantasioso, ao fanatismo e principalmente às teorias conspiratórias. Apresentam-se como notícias propriamente ditas, alertas salvadores e até mesmo como história.” CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. **Fake News na história: uma bibliografia comentada**. (Bibliografia Comentada). In: Café História. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/fake-news-na-historia/>. Acesso em: 18 de set. 2022.

³ Em janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o surgimento de uma nova doença provocada por um vírus do tipo coronavírus – a Covid-19, caracterizada como uma pandemia. Fonte: <https://bvsm.s.saude.gov.br/saude-mental-e-a-pandemia-de-covid-19/> Acesso em 04 de maio de 2021.

⁴ Súmula: Estabelece em regime especial as atividades escolares na forma de aulas não presenciais, em decorrência da pandemia causada pelo COVID-19. O Secretário de Estado da Educação e do Esporte, no uso das atribuições que lhe são conferidas pela Lei n.º 19.848, de 3 de maio de 2019, considerando a Lei Federal n.º 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, a Portaria n.º 356, de 11 de março de 2020, o Decreto Estadual n.º 4.320, de 20 de março de 2020, e a Deliberação do Conselho Estadual de Educação n.º 01, de 31 de março de 2020. Publicado no Diário Oficial n.º 10648 de 3 de abril de 2020.

Soma-se a todos esses problemas, as atividades domésticas como o cuidado com os filhos pequenos e com suas atividades escolares. Especificamente, minha trajetória de pesquisa passou por outros dois impactos os quais demandaram novos desafios.

Em novembro de 2021 fomos surpreendidos pela troca de orientador do meu projeto de dissertação, pois a então orientadora deixou de fazer parte do colegiado da instituição da Unespar. O outro fator ocorreu em março de 2021, quando meu cônjuge foi transferido do entreposto no trabalho de Altamira do Paraná, para a cidade ao qual residimos hoje, Juranda-PR, fato que causou mudança também de residência e a dúvida sobre se eu iria continuar a lecionar no mesmo colégio, devido à distância entre estas cidades.

Como estávamos em caráter excepcional de ensino remoto, não foi possível a ordem de serviço, assim sendo, diante do impasse se as aulas voltariam ou não a ser presenciais, houve a dúvida se poderia ou não continuar a desenvolver o projeto no Colégio Estadual Altamira do Paraná, dúvida que só foi sanada em julho de 2021, com o retorno progressivo das aulas presenciais, quando prosseguimos com a pesquisa no colégio citado, e isto se deve ao trabalho da diretora do colégio que fez os ajustes necessários no horário da instituição.

Todos estes desafios de ordem de ensino remoto e os relacionados ao de caráter pessoal, aliado ao contexto pandêmico, como o risco de contágio no exercer da profissão, demandas de rotinas de trabalho aumentadas significativamente, e ainda da troca de orientação e da possibilidade não concretizada da mudança de colégio durante o desenvolvimento da pesquisa impactaram significativamente nas práticas da pesquisa, a qual teve sua metodologia constantemente reavaliada. Todavia, em linhas gerais, o projeto inicial foi seguido e será apresentado na sequência.

Tendo como suporte teórico alguns estudos de Jörn Rusen (2010), Isabel Barca (2005), Marlene Rosa Cainelli e Maria Auxiliadora Schmidt (2009), entre outros autores, as atividades desenvolvidas foram delineadas nos fundamentos da epistemologia da História, especialmente a teoria da aprendizagem e a formação da consciência histórica, a partir da Educação Histórica⁵, buscando com isso contribuir com a produção de saberes dentro e fora do espaço escolar.

Para tanto, intentei que o aluno conhecesse e usufrísse do significado e da importância da historicidade, atuando com empatia e autonomia para buscar investigar e relacionar os

5 A Educação Histórica é um campo de pesquisa que surgiu na Inglaterra em meados de 1970 e tem se difundido em diferentes países, como, Portugal, Unidos, Canadá e Brasil. A produção brasileira, tem destaque para os estudos realizados pelo grupo de Educação Histórica da Universidade Federal do Paraná, que apresenta diversos estudos e dentre eles está a aprendizagem histórica.

conhecimentos que possuía, para problematizar questões do presente, produzir conhecimentos e usá-los na sua vida prática.

Cabe ao professor e aluno romper com a simples memorização, reprodução do que está pronto, conhecer e ensinar o processo e produzir conhecimento. Esse é o grande desafio que propomos ao questionar a própria prática docente no ambiente da educação básica, uma busca e orientação que, com a mediação do professor, possibilita que os alunos sejam estimulados a produzir narrativas com argumentos, contextualizando e projetando orientações futuras, ou seja, narrativas históricas⁶.

Para o desenvolvimento da aprendizagem histórica, busquei como estratégia de ensino o trabalho com a história local. O objetivo era perceber se a utilização de fontes mais próximas aos alunos facilitaria as discussões sobre memória e narrativas históricas.

As pesquisas em Educação Histórica tomam como objeto de investigação os processos de aprendizagem histórica no âmbito escolar, aproximam-se desse fenômeno por meio do levantamento das ideias históricas substantivas, aqui abordamos a história local e de segunda ordem, termos como ênfase memória e narrativas históricas.

Ao destacar o processo da construção do conhecimento histórico buscase também evidenciar a consciência histórica. Jorn Rusen, autor no qual me apoio, define consciência histórica como sendo “um conjunto de operações mentais pelas quais os homens orientam e interpretam sua experiência no tempo e no espaço, nas diversas circunstâncias da vida prática”. (RÜSEN, 2001, p.57).

Essa consciência histórica remeteria, segundo o autor, ao ato de contextualizar o passado para vida prática, e os alunos foram estimulados a pensar sobre história local e a problematizá-la para sua vida prática. Com a minha mediação, discutimos as seguintes questões: o que pesquisariam? De que forma? Qual seria o porquê da investigação? Como isso contribuiria ao ensino de História e na orientação de vida deles, alunos?

Assim, lidamos com o desafio de problematizar a afirmativa comum de que a História como disciplina, muitas vezes, está estabelecida numa narrativa oficial, preservada e repetida pelos alunos e familiares. Produzir pesquisas e narrativas históricas permite repensar e reordenar supostos padrões e valores assumidos como absolutos e muitas vezes distantes de significados. Dessa forma, o intuito foi o de levar o aluno a refletir como são construídos esses

⁶ Para Rüsen (2014), a competência narrativa é dada como essencial à consciência histórica, pois articula a atribuição de sentido ao passado e promove a orientação da vida prática no presente.

registros, analisar suas experiências, poder impulsionar processos de mudança das relações na sociedade, e refletir sobre expectativas de futuro.

Serve de exemplo para essa introdução questões patentes no cotidiano dos alunos, trazidas para as aulas de História e relativamente atreladas ao julgamento do saber histórico/autoridade do professor: Quais mudanças populacionais houve no município de Altamira do Paraná? O que mudou e o que deveria permanecer na economia e na sociedade atualmente na cidade? Quais são as expectativas para o futuro da cidade de Altamira do Paraná? Essas perguntas genéricas procuram possibilitar o aprofundamento da consciência histórica dos alunos.

Posto isso, a maneira escolhida para realizar essa análise temporal foi o estudo da memória, ancorada no uso de fontes conectadas ao cotidiano dos alunos, ou seja, à história local, com o estudo de trajetórias de familiares e moradores, dando-se ênfase a realidades econômicas e sociais e demais abordagens significativas que afluíram sobre a pesquisa. Nessa conjuntura foi dado início aos levantamentos prévios e a busca por fontes para se levantar hipóteses a serem confirmadas ou não, sobre as memórias e história de Altamira do Paraná.

Nesse processo destaco o aspecto que diz respeito a reportagens relacionadas a suposta queda da densidade demográfica do município de Altamira do Paraná, tema constantemente destacado pelos alunos quando tratam da história da cidade e dele foi apresentado desdobramentos presentes em vários questionamentos para a aula de História, como o do que ouviram falar que: “Altamira do Paraná é cidade que mais perde habitantes no Paraná”.

Para melhor exemplificar essas cobranças tomamos como ponto de partida uma reportagem de 16 de setembro de 2015, elaborada pela RPC⁷ (Rede Paranaense de Comunicação)/Globo na qual, segundo a emissora, de 2000 a 2015 o município teria chegado a perder quase metade de seus moradores, a população de Altamira do Paraná foi reduzida de 6.999 para 3.341 habitantes em 15 anos.

A polêmica em torno da entrevista gerou novas narrativas e inquietações. Uma das respostas deve-se a uma postagem no *Facebook* da prefeita⁸ na época da reportagem, ela informava que teria ido à justiça buscar a correção das informações, pois alegava que repassou

⁷ Reportagem disponível em : <https://globoplay.globo.com/v/4472292/>. Acesso em 20 de abril de 2020.

⁸ Boca Santa é um site de notícias de Campo Mourão-PR. Manchetes: Prefeita se irrita com matéria da RPC Disponível em: <https://www.bocasanta.com.br/index.php?p=YWxyb3RsaXMvbWlyb3RhaUB6aHo6666YWQ9Njc2NTEExJmx1bW90ZV9vZGFjaWU9NTYzOA>. Acesso em 20 de abril de 2021.

dados que foram ignorados pela reportagem. Realmente a reportagem foi retirada da página da emissora disponível na internet, sendo acessada apenas no canal pago de emissora, mesmo assim ela foi aqui analisada e utilizada como fonte.

Afinal, qual seria o interesse do poder público municipal em solicitar a exclusão da reportagem? Quais fontes poderiam trazer a confirmação ou divergência entre os dados? Cogitamos buscar diversas fontes com os familiares, nos sites como: do IBGE, Censos escolares, da prefeitura do município entre outros. Nesse momento, os alunos refletiram não apenas sobre o presente, isso se esses dados citados fossem reais, mas também, sobre as possíveis causas deste fenômeno demográfico e sobre expectativas futuras, em relação a suas vidas e da existência da própria cidade em um futuro não muito distante.

Esse foi um tema constante nas aulas de história, trazidas pelos alunos a partir das preocupações familiares e se demonstrou um desafio ao campo da História. Esse, entre outros temas foram problematizados na pesquisa, a qual, tendo como pressuposto metodológico o conceito da aula oficina na perspectiva da Educação Histórica, está materializada na construção e apresentação de material propositivo de Unidade Temática Investigativa (UTI) voltado para a produção e análise da narrativa histórica que trata de memórias e a história de Altamira do Paraná.

Diante dessa expectativa de ação e dos resultados apresentados na sequência do texto, percebo que o trabalho com fontes pode oportunizar aos alunos uma reflexão sobre o significado do aprender história, sua utilidade para a vida prática, e isso envolve analisar como o conhecimento histórico se processa, através da criação de evidências e narrativas históricas sobre as memórias e histórias de Altamira do Paraná. Em suma, a pesquisa será apresentada com seguintes capítulos sintetizados a seguir.

O primeiro capítulo discorrerá a respeito das relações entre o Ensino de História, Educação Histórica e o Ensino de História local. Nesse propósito serão apresentadas as discussões realizadas com a turma sobre o conhecimento histórico, momento no qual será enfatizado o diálogo com a bibliografia específica.

O segundo capítulo trabalha a contextualização da história do município de Altamira do PR, explicitando a importância na escolha de conteúdos significativos e a descrição das atividades desenvolvidas. Esse processo buscou o uso de argumentações e de análises de mudanças e permanências na intenção de problematizar questões sociais e econômica de abrangência local e/ou regional.

No terceiro e último capítulo será apresentado observações das atividades efetuadas com a turma de 9º ano A, e com alguns alunos integrantes do Ensino Médio, convidados ao projeto, a partir de uma síntese destas atividades, bem como um estudo de como as fontes foram surgindo em diferentes fases da pesquisa, isto no já referido contexto da pandemia, marcada por diferentes ritmos de participação dos alunos ao projeto.

Concluindo o capítulo, será apresentado o percurso de construção de um material propositivo, trata-se de uma Unidade Temática Investigativa (UTI) voltado para a produção e análise da narrativa histórica, que trata de memórias e a história de Altamira do Paraná.

CAPÍTULO 1

ENSINO DE HISTÓRIA, HISTÓRIA LOCAL, APRENDIZAGEM HISTÓRICA E EDUCAÇÃO HISTÓRICA

1. Apresentação:

Neste primeiro capítulo discutiremos sobre relações entre Ensino de História, Educação Histórica e a História local, especificamente aqui, do município de Altamira do Paraná. O capítulo serve principalmente como uma introdução ao leitor da abordagem conceitual que estrutura toda a pesquisa e assim contribui para o entendimento dos capítulos seguintes. O primeiro tópico destaca a abordagem sobre teoria e prática no ensino de história. O segundo tópico apresenta leituras e problematizações sobre história local e a perspectiva de ensino aqui desenvolvida. E o terceiro tópico destaca a estratégia de ressignificação da aprendizagem histórica.

A História, como ciência ou disciplina escolar, tem sido campo de profundas análises tanto sobre o seu modo de pesquisar quanto o de ensinar e aprender. O ensino na Educação Básica acaba por ficar muitas das vezes distante da compreensão teórica e metodológica da História enquanto ciência.

Em algumas situações o cientificismo da História afasta a realização de práticas significativas e até mesmo de possíveis novos leitores devido ao seu linguajar técnico próprio da área e suas discussões teórico-metodológicas do campo epistemológico. Já no caso de situações relacionadas diretamente ao ambiente escolar, a História, ao utilizar materiais didáticos “fechados”, os quais, muitas vezes registrados de modo resumido e desprovidos de pesquisa, pouco interessa aos estudantes.

Diante desses desafios do ofício do historiador, a partir de práticas educativas inseridas na metodologia da Educação Histórica, pretendemos buscar contribuir com uma aproximação entre a ciência histórica e a história enquanto disciplina escolar e com isso potencializar sua significância, usos e produções históricas.

O documento das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica⁹ (DCNs, 2013) demonstra a importância do incentivo à pesquisa, dentro dos processos pedagógicos

⁹ As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) são normas obrigatórias para a Educação Básica que orientam o planejamento curricular das escolas e dos sistemas de ensino. Elas são discutidas, concebidas e fixadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE). Mesmo com a elaboração da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as Diretrizes continuam valendo, pois, os documentos são complementares: as Diretrizes dão a estrutura; a Base o detalhamento de conteúdos e competências.

como forma de preparar o estudante para vida prática e também, para um cenário futuro no mercado de trabalho. Conforme as DCNs, (2013);

É necessário que a pesquisa como princípio pedagógico esteja presente em toda a educação escolar dos que vivem/viverão do próprio trabalho. Ela instiga o estudante no sentido da curiosidade em direção ao mundo que o cerca, gera inquietude, possibilitando que o estudante possa ser protagonista na busca de informações e de saberes, quer sejam do senso comum, escolares ou científicos. (BRASIL, 2013, p. 163)

Observo que a escola e a sala de aula podem vir a ser lugares de encontros do conhecimento escolar e acadêmico, no qual não só se tem contato com o conhecimento, mas se produz experiências de conhecimento, troca e divulgação de *práxis*, estas que são a base da pesquisa em Educação Histórica. Encontra-se descrito no documento das Diretrizes Curriculares Estaduais (DCEs) que:

Os critérios de validade do conhecimento histórico na academia e nos currículos escolares tem sido problematizado e organizado por alguns intelectuais, dentre os quais, destaca-se o historiador alemão Jörn Rüsen, o qual propõe uma matriz disciplinar da História para que se compreenda a organização do pensamento histórico dos sujeitos. O professor, ao entender como se dá esta organização do pensamento histórico, poderá encaminhar suas aulas de maneira que o aprendizado seja significativo para os estudantes. (PARANÁ, 2008, p.45-46)

Conforme as discussões das DCEs¹⁰, a historiadora portuguesa, Isabel Barca que é referência fundamental na mudança de paradigma na forma de ensinar história nas escolas do Paraná, nas últimas décadas, também sugere que as ideias prévias dos alunos, sejam sistematizada em narrativas, analisadas e identificadas pela matriz disciplinar de Rüsen no contexto processual da Aula Oficina, baseada no campo de pesquisa na Educação Histórica (BARCA, 2004, p. 139).

Assim, o campo da educação histórica tem como ponto de partida os interesses apresentados pelos alunos, ele se potencializa, durante o desenvolvimento das aulas com seu protagonismo, postura que contribui para um trabalho significativo que possibilite uma evidente progressão do conhecimento histórico, diagnosticada por comparações de suas próprias narrativas.

10 Publicadas em 2009 no Paraná, pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED), as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (DCE), o documento é adotado nas escolas públicas estaduais, como norteador da prática docente em todas as disciplinas.

1.1 O lugar da Teoria e da Prática no Ensino de História

Sabemos que na perspectiva da Educação Histórica, os alunos devem compreender os usos que são feitos da história, seu processo de construção, para que assim seja atribuído sentido ao passado, agora vinculado aos projetos do presente. Nessa perspectiva, buscamos envolver a escola e a sociedade, dentro e fora do espaço escolar, objetivando o protagonismo do aluno no processo de construção de conhecimento, dando a esses sujeitos maior sentido de identidade individual e social. Portanto:

[...] produzir a inserção do aluno na comunidade da qual faz parte, criar a historicidade e a identidade dele. Ajudar a criar atitudes investigativas, criadas com base no cotidiano do aluno, além de ajudá-lo a refletir acerca do sentido da realidade social. Ajudar o aluno a analisar os diferentes níveis da realidade: econômico, político, social e cultural. Facilitar o estabelecimento de continuidades e diferenças com as evidências de mudanças, conflitos e permanências e ser instrumento idôneo para a construção de uma história mais plural, menos homogênea, que não silencie a multiplicidade de vozes dos diferentes sujeitos da História. (SCHMIDT e CAINELLI, 2009, p. 139).

Nesse seguimento, as autoras supracitadas afirmam que os alunos devem buscar pesquisar e relacionar os conhecimentos que possuem sobre história e história local ao que estão aprendendo, precisam entender sobre o que vão escrever e não apenas decorar, e assim se tornam protagonistas do processo de pesquisa e narração histórica, atitude na qual com curadoria do professor constroem conhecimento juntos.

Isso faz toda a diferença à medida que os alunos correlacionam seu dia a dia a aspectos mais amplos da vida social e histórica, e começam a aprofundar as reflexões, indo além da realidade imediata e do meio social em que vive e atua enquanto cidadão, articulado a outros espaços, outros grupos e outros tempos. Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica (DCNEB, 2013):

Uma consequência imediata da sociedade de informação é que a sobrevivência nesse ambiente requer o aprendizado contínuo ao longo de toda a vida. Esse novo modo de ser requer que o aluno, para além de adquirir determinadas informações e desenvolver habilidades para realizar certas tarefas, deve aprender a aprender, para continuar aprendendo. Essas novas exigências requerem um novo comportamento dos professores que devem deixar de ser transmissores de conhecimentos para serem mediadores, facilitadores da aquisição de conhecimentos; devem estimular a realização de pesquisas, a produção de conhecimentos e o trabalho em grupo. (BRASIL, 2013, p. 163).

A concepção de história e o seu ensino se transforma em seus tempos e espaços. Se desde os iluministas, com uma visão da História pautada no uso da ciência, passando pelos

“positivistas”¹¹, e historiadores da escola metódica, que viam a História como tradição, a história era apresentada a partir de uma leitura única para os acontecimentos, a partir da Nova História, esta concepção deixa prevalecer na historiografia, e conseqüentemente, a ser baliza para o ensino de história. Desde então, para se conhecer a história seria necessário conhecer como ela se processa, constrói e se reconstrói, tal como os conceitos envolvidos nesse processo.

Assim como houve a renovação da produção historiográfica proposta pela Escola dos Annales, a compreensão de fonte histórica ampliou-se, logo, para os historiadores, a palavra fonte que remetia a documentos oficiais passa a ser substituída por termos como vestígios e registro, tudo que possibilite acessar importantes informações sobre o homem¹². Diante dessa perspectiva, cabe, direcionar nosso olhar às perguntas que gostaríamos que fossem respondidas:

Com esse exercício, a aproximação do aluno com fontes materiais, orais, visuais ou escritas, classificadas como “tipologias de fontes primárias”, torna essas fontes familiares a ele e, conseqüentemente, concretiza a proposta de análise histórica, realizando, assim, a aprendizagem sobre o conteúdo proposto pelo professor (SCHMITD; CAINELLI, p.118)

Entender como construir evidências envolve o desafio de fazer a curadoria para uma pesquisa, inclusive com o uso da internet, uma das ferramentas e ambientes utilizados em nossas aulas e na pesquisa como um todo, pois há uma vasta quantidade de informações, e uma grande dificuldade por parte dos alunos de seleção de fontes, pois, todos os conteúdos, encontrados dentro ou fora da internet, escrito ou não escrito, foram produzidos, por certo recorte e seleção de assuntos, portanto, não são isentos ou imparciais.

A estratégia da aula oficina adaptada à Unidade de Temática Investigativa¹³, com ênfase na educação histórica, pode aproximar e envolver o trabalho com conceitos distintos e a participação, pró-atividade e companheirismo, entre outros valores, nos quais os estudantes podem vir a ser protagonistas do processo.

Ainda sobre este processo de aprendizagem histórica, o mesmo pode ser entendido a partir da perspectiva de Rüsen (2011): “de que o importante não é aprender História, isto é, aprender o conteúdo da História, o importante é saber como, dos feitos, surge a História”. O ensino de história deve levar o aluno ao entendimento de como os conhecimentos históricos

¹⁰ No início do século XIX surge a Escola Metódica, positivista, interessada na originalidade de um povo. Sua história possuía uma verdade histórica objetiva, o historiador limitava-se a narrar fatos congelados sem a construção de hipóteses.

¹² A Escola dos Annales foi um movimento historiográfico surgido na França na primeira metade do século XX que permitiu grandes modificações metodológicas na forma de se analisar a História.

¹³ A unidade temática investigativa na perspectiva da Educação Histórica, que se fundamenta em Barca (2004) e Schmidt e Braga (2005/ 2006), com mais um elemento à unidade temática investigativa: registro, seleção e guarda na biblioteca escolar do caminho percorrido/reflexões do professor e produção dos alunos, conforme dissertação de mestrado (Fernandes, 2004).

são produzidos, que aquilo que é exposto no presente não são cópias fiéis do passado, mas uma tentativa de explicação de um determinado evento.

A Educação Histórica pode contribuir para ressignificação e atribuição de utilidade e de um sentido social ao conhecimento histórico, através da formação da consciência histórica. Nesse contexto, as DCEs para disciplina de História, se estruturam a partir da matriz disciplinar de Jörn Rüsen e de ideias que se vinculam a Educação Histórica.

Entende-se que a consciência histórica seja uma condição da existência do pensamento humano, pois sob essa perspectiva sujeitos se constituem a partir de suas relações sociais, em que qualquer período e local do processo histórico, ou seja, a consciência histórica é inerente à condição humana em sua diversidade. (PARANÁ, SEED, DCE, 2008, p. 56)

A consciência história estaria relacionada a todas as experiências do passado articulada para ações do presente, presentes em todos os seres humanos, expressas em narrativas históricas. De acordo com Rüsen, conforme citado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais - DCNs (2008, p. 58) existem quatro tipos de consciência histórica: tradicional, exemplar, crítica e ontogenética.

Esses tipos de consciência são expressos por diferentes narrativas históricas fundamentadas em quatro condições de orientação intencional da vida prática dos sujeitos no tempo: **afirmação, regularidade, negação e transformação**. Esses tipos de consciência e narrativas coexistem no mundo contemporâneo nas historiografias de referência e, também, na vida prática dos sujeitos, seja nas escolas, nos meios de comunicação, nos manuais didáticos, nas famílias e nas demais instituições, e são, portanto, intercambiantes. (PARANÁ, 2008, p. 58) Grifos nossos.

Analisando os tipos de consciência e narrativas históricas propostas por Rüsen, percebemos que o ensino de História tradicional por vezes traz a formação de uma aprendizagem estruturada em uma consciência histórica tradicional, que procura dar sentido ao atual modo de vida por meio de afirmação de uma memória, de maneira que o tempo se apresenta de maneira permanente, a consciência histórica exemplar demonstra a maneira que os sujeitos expressam experiências do passado e dos sistemas de valores, regularidade.

Já a consciência crítica é pautada na aprendizagem histórica das experiências do passado, a qual possibilita a formação de pontos de vista históricos por negação ou argumentação. E ainda a consciência ontogenética ou genética, que conforme as discussões de Rüsen (2001) amplia as possibilidades de argumentação, de alteridade, de compreensão do processo histórico para orientação da vida, de transformação. Ainda conforme as DCNs, (2008):

Esse tipo de consciência se expressa em narrativas ontogenéticas, as quais propõem a transformação de modos de vida dos próprios sujeitos a partir dos modos de vida da alteridade. Esses sujeitos acabam percebendo sua história a partir das experiências de vida do Outro ao longo do processo histórico, seja em outras temporalidades, seja em outros espaços. Essas narrativas apresentam as continuidades como um processo no qual as alterações dos modos de vida permitem a constituição de uma identidade por meio da alteridade. (PARANÁ, 2008, p.59)

A minha aproximação com a Educação histórica envolve aqui a produção de pesquisa local. Aprender como são construídas as evidências históricas, saber diferenciá-las de fontes históricas, pode ser o ponto de partida para entender como a história é construída, pois nesse processo existe as intenções de quem produz as evidências, cruzando-as com fontes favoráveis à sua intuição intencional ou não. Elas podem até mesmo ser provisórias se novas evidências surgirem, sendo passíveis de questionamentos, ou seja, que a história não é somente um acúmulo de informações do passado, mas sim, uma construção contextualizada em determinados tempos e espaços.

Entender conceitos e o processo da epistemologia histórica, junto com as experiências humanas acumuladas, em conteúdos históricos, podem ser ferramentas a serem utilizadas para a vida prática, desde transformar informações do presente em conhecimento, a relacioná-los para orientação para o presente e expectativas futuras.

Conforme será apresentado no decorrer deste capítulo, buscamos, conforme a autora supracitada descreve, na tentativa de que os alunos envolvidos na pesquisa pudessem reformular seus questionamentos sobre o passado, ao buscarem explicações e uma compreensão sobre o mundo no qual estão inseridos, ou seja, buscar orientações temporais, tendo como ponto de partida a sua história, a história local, de seus familiares e vizinhos, para possibilitar o desenvolvimento da consciência histórica nos moldes de Rüsen.

1.1 Uma proposta de história local para a Educação Histórica

Busco evidenciar que o tempo presente e a história local podem ser o ponto de partida para a aprendizagem da História, dialogando com outros conteúdos ao longo do processo de pesquisa, analisando os diferentes contextos e os principais conceitos envolvidos no processo dessa pesquisa. Essa preocupação com a temporalidade e com o local novamente nos reconecta com os objetivos do ensino.

Na busca de tornar o ensino de história significativo, temos as discussões de Barca (2012, p. 37), a qual aponta que: “Educação histórica tem a preocupação em contribuir para

aquilo que, talvez, falte ainda no panorama global dos trabalhos em Ensino da História (e de alguns outros saberes): ligar a teoria à prática”. Nesse contexto, o ensino de história não fica restrito ao trabalho de aquisição de conteúdos históricos, mas volta-se ao desenvolvimento de competências pautadas no conhecimento histórico.

Concomitantemente, quero destacar a importância para o processo de construção do conhecimento histórico da definição da relação entre conhecimento formais e informais, algo significativo para o posicionar-se do aluno de forma crítica no seu presente. Aqui a aprendizagem de metodologias apropriadas para a construção do conhecimento histórico é essencial para que o aluno possa apropriar-se de um olhar consciente para sua própria sociedade e para si mesmo. Conforme apresentam, SCHMIDT, CAINELLI, (2004):

O trabalho com a história local no ensino da História facilita, também, a construção de problematizações, a apreensão de várias histórias lidas com base em distintos sujeitos da história, bem como de histórias que foram silenciadas, isto é, que não foram institucionalizadas sob forma de conhecimento histórico, ademais, esse trabalho pode favorecer a recuperação de experiências individuais e coletivas do aluno, fazendo-o vê-las como constitutivas de uma realidade histórica mais ampla produzindo um conhecimento que, ao ser analisado e trabalhado, contribui para a construção de consciência histórica (SCHMIDT, CAINELLI, 2004, p. 114).

Assim, ao partirmos de questões sobre o decréscimo populacional do município de Altamira do Paraná, e dos questionamentos que este fenômeno apresenta, criamos em sala, problemáticas em busca de hipóteses e resoluções.

Quais seriam os fatores ligados ao suposto decréscimo populacional desde sua emancipação até os dias atuais? Quais seriam as suas possíveis causas? E quais poderiam ser as consequências desse processo para o presente e futuro? E a partir da pesquisa dessa temática, junto com os alunos, busquei apresentar ferramentas para uma possível significância ao ensino de história.

Conforme as DCEs (2008), a narrativa histórica é a forma de apresentação desse conhecimento e se refere à comunicação entre os sujeitos “(...)As narrativas dos estudantes são constituídas pelas temporalidades e intencionalidades específicas deles, a partir do diálogo com as narrativas dos historiadores” (PARANÁ, 2008, p. 58).

Analisando as narrativas dos alunos, os depoimentos dos moradores nas entrevistas, as fontes encontradas, pude distinguir e classificar as questões e conceitos nelas mais presentes. Com tais análises de conceitos envolvidos em contextos históricos diferentes procurei desenvolver a alteridade no processo de pesquisa.

Assim, busquei trabalhar conceitos substantivos, que dizem respeito não-somente-sobre a história local, mas também ao conteúdo/série, aos conceitos de segunda ordem que são essenciais para a aprendizagem do conhecimento histórico, enquanto instrumentos a serem utilizados na vida prática. RAMOS, CAINELLI, (2015) destacam da questão do aprendizado:

Fixar-se nos conceitos substantivos, que dizem respeito às temáticas históricas (exemplo: Revolução Francesa, Ditadura Militar, feudalismo), implicaria na ênfase do ensino, ou seja, o professor ensinaria ao aluno sobre tais conteúdos, geralmente por aulas expositivas e pautadas em informações. Enquanto que entender que os conceitos substantivos são importantes, mas demandam a compreensão dos conceitos meta-históricos, – ou conceitos estruturais, ou ainda, conceitos de segunda ordem –, destaca a questão do aprendizado. (RAMOS, CAINELLI, 2015, p. 20)

Procurei com isso atrelar diferentes visões de um mesmo conceito, em seus tempos e espaços, pois como a história, seu significado também se transforma. Nas atividades com os alunos problematizei os conceitos de memória, fontes históricas e trabalho e sugeri atividades voltadas para a discussão sobre o conceito de progresso:

É necessário que os jovens aprendam, sim, narrativas substantivas sobre o passado; mas é necessário que desenvolvam também, em simultâneo, ideias cada vez mais elaboradas sobre a História - ideias meta históricas ou de “segunda ordem” - que lhes forneçam um aparato conceptual mais sofisticado, uma literacia mais avançada, em suma, um equipamento intelectual para uma ação mais sustentada e criativa. (BARCA, 2009, p. 60).

A autora segue, concluindo: “Os conceitos “de segunda ordem”, também designados conceitos estruturais ou meta-históricos, exprimem noções ligadas à natureza do conhecimento histórico” e os conceitos substantivos “referem-se a noções ligadas aos conteúdos históricos” (BARCA, 2011, p.25). Conceitos esses necessários segundo a autora citada, para o desenvolvimento do pensamento histórico.

Diante da já mencionada problemática que trata da densidade demográfica ou mesmo da realidade populacional, econômica e social de Altamira do Paraná, com base na educação histórica buscamos identificar as consciências históricas, expressas nas narrativas tácitas dos alunos. Nesse trabalho, buscamos junto desenvolver avanços graduais de aprendizagem, analisando os processos de mudança da consciência, considerando o aprendizado de conceitos históricos que explicam os processos de mudança da consciência histórica nos alunos.

1.1.2 A busca pela ressignificação da Aprendizagem Histórica

Os alunos precisam sentir que o saber histórico pode ser uma ferramenta importante para a compreensão de questões que os afligem, para compreensão e orientação de situações que aparentemente não possuem nenhuma vinculação com processos históricos. Diante desse pressuposto do ensino definimos na sala de aula a questão norteadora¹⁴ necessária para a sequência das atividades da pesquisa, qual seja, a história local, o município de Altamira do Paraná a partir de sua abordagem e potencialidade para o ensino de História.

Essa questão norteadora foi desenvolvida nas pesquisas dos alunos, eles buscaram informações de várias formas e contextos sobre o município, objetivando exercitar a habilidade de identificar, ordenar, relacionar e selecionar os dados e fontes, estimulando a capacidade de inferir e elaborar hipóteses.

As fontes encontradas foram diversas, como: objetos, documentos, fotos de moradores, entidades religiosas, privadas e órgãos públicos da cidade e sites da internet, relacionadas as memórias e histórias de Altamira do PR, além das dos procedimentos metodológicos da História Oral.

Os resultados desse exercício de pesquisa e de contextualização serão melhor trabalhados nos capítulos seguintes, mas cabe, por ora, sua apresentação a partir do trabalho de contextualização e descrição das atividades desenvolvidas da história local. Aqui, a escolha de conteúdos significativos deve-se ao objetivo da contextualização focada não apenas no conteúdo substantivo, mas também nos conhecimentos próprios da natureza da História enquanto ciência histórica, os conceitos de segunda ordem definidos de acordo com Barca (2011).

Conforme anunciado anteriormente, reside na temática abordada, a questão da densidade demográfica municipal, trazida para aula de história quando alunos buscavam respostas sobre o suposto fenômeno histórico do decréscimo populacional de Altamira do Paraná, desde sua emancipação (1982) até a realização pesquisa (2020/2021). Tinha-se como desafio o fato de se partir de uma demanda por história e de se tratar do processo de transformação local/regional que envolve ainda a problematização do mito do crescimento urbano, grosso modo, atrelado à concepção de progresso.

Para a busca de intervenção pedagógica, partimos de discussões sobre aspectos relacionados aos conteúdos substantivos, sobre a suposta alta queda da densidade demográfica de Altamira do PR desde sua emancipação até os dias atuais, descritas em narrativas pelos

14 Função Norteadora em um projeto de pesquisa segundo BARROS (2017) é dar uma direção à pesquisa, fixando finalidades relacionadas a etapas a serem cumpridas durante a pesquisa, implicando em procedimentos metodológicos específicos.

alunos nos episódios de aula, de forma oral e escritas, no levantamento dos conhecimentos prévios sobre a história do município de Altamira do PR.

Ainda sobre as narrativas prévias dos alunos, foi possível reconhecer conceitos de segunda ordem, que poderiam ser contextualizados junto aos alunos, para a compreensão de quais ferramentas utilizar no processo dessa pesquisa. O conceito de memória foi pontuado com essencial no contexto de nossa pesquisa, pelo fato da escolha pela história oral.

Na busca de contextualizar o conceito memória, existem diversas formas e definições buscamos descrever memória individual e coletiva, conforme as discussões Halbwachs (1990) apresenta a memória coletiva, como a junção da participação da memória individual de cada sujeito para com o fato, “diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (HALBWACHS, p. 51, 1990).

Os trabalhos de Maurice Halbwachs (1990) trouxeram ao estudo da memória análises que demonstram que a memória dos seres humanos não estava ligada exclusivamente a fatores biológicos, mas ao fator social, mostrando a existência de uma relação íntima entre o individual e o coletivo.

Embora de grande valia para o debate, a apropriação dos significados e força das memórias coletivas podem ser repensadas a partir das críticas que o autor recebe, entre elas, daqueles que como Pollak (1989), procuram atentar às memórias que escapam ao “enquadramento” do coletivo. Segundo Michael Pollak (1989), as memórias sociais estão em permanente disputa entre memórias concorrentes, entre relações de poder, entre memórias oficiais. Sendo elas subterrâneas, significam e representam aquelas manifestações que não foram enquadradas na lógica oficial, e podem ser alcançadas através da história oral. Portanto:

Estudar as memórias coletivas fortemente constituídas, como a memória nacional, implica preliminarmente a análise de sua função. A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. (POLLAK, 1989, p. 09).

Quando a memória individual não condiz com essa memória coletiva supracitada em determinado ponto, essa memória pode ser considerada, segundo Pollak (1989), uma memória subterrânea, uma vez que não apresenta coerência com os discursos oficiais.

Dentro essas disputas de memórias, a história oral tende como forma de apresentar as memórias refugiadas dos focos privilegiados da história. Estas devem ser cruzadas com outras fontes, antes que essas memórias individuais possam se misturar com a memória coletiva, pelo

sentimento de identidade. Podendo criar-se uma nova versão do fato, um novo olhar por parte do entrevistado, afinal a memória está dentro da ciência histórica e a História também está contida na memória. Assim é na confrontação crítica com a alteridade¹⁵ dos narradores, que buscamos entender as representações envolvidas.

Abordei alguns caminhos metodológicos específicos, ancorados nos estudos memórias locais, como foi o caso da história oral. Especificamente, da história oral temática, e a sua escolha se deu, pois, de acordo com Meihy (2011) na modalidade da história oral temática, a conduta do entrevistador é ativa, e até contestatória buscando hipóteses sobre o tema, no nosso caso, ressaltamos que detalhes da vida pessoal dos entrevistados foram considerados por apresentarem aspectos úteis sobre o tema pesquisado, o desenvolvimento do município e Altamira do Paraná em diferentes acepções e abordagens temáticas.

Ainda segundo o autor MEIHY (2011, p.34-35), são três as principais modalidades de história oral: história oral de vida, (onde o sujeito tem maior autonomia para narrar livremente, sobre sua experiência pessoal); a história oral temática (onde há maior objetividade a partir de um assunto específico e preestabelecido, busca-se o esclarecimento ou opinião do entrevistado sobre algum tema definido); e a tradição oral (onde o foco é a visão de mundo de comunidades que têm valores filtrados por estruturas mentais em referências do passado remoto).

Contudo, antes do momento das entrevistas, trabalhado nos capítulos seguintes, cabe destacar que a primeira etapa e/ou metodologia adotada se deu a partir de uma abordagem prospectiva de informações disponíveis na internet.

Na atual cultura digital, procuramos ir além do simples uso da tecnologia, utilizando-a a partir de métodos pesquisa criteriosos, para que os alunos possam usá-los na formação para vida prática. Pois, no uso da internet, lugar de intensa informações disponíveis, é constante a dificuldade de seleção de fontes confiáveis, identificação e análise de possíveis manipulações, riscos de construção de opiniões sem cruzamentos de fontes, terreno propício, para abordagem de uma história sem rigor teórico metodológico, apropriação e divulgação de “*fake News*”.

A busca dos alunos pelas fontes relacionadas à história local, além de proporcionar o exercício da pesquisa, demonstra também a escassez de arquivos coletivos de memórias e histórias sobre o município, dificultando a possibilidade de um ensino que atente para o fortalecimento de uma identidade local coletiva útil e democrática, que contribua com a

¹⁵ Alteridade: implica que um indivíduo seja capaz de conhecer e se colocar no lugar do outro, em uma relação baseada no encontro e nas trocas culturais por meio do diálogo e da valorização das diferenças existentes. Considera-se que no processo de interação social o sujeito constitua sua identidade.

superação da dicotomia entre a produção e a transmissão do conhecimento, ou seja, saber científico e saber escolar.

A validade do processo educativo se verifica quando o ensino resulta em aprendizado em que o aprendiz se tornou capaz de recriar e refazer o ensinado, em que o ensinado foi apreendido pelo educando, aguçando-lhe a curiosidade crescente. Nas condições de aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo (FREIRE, 1996, p. 22-26).

Portanto, como destaca o autor supracitado, eu pretendia que os alunos pudessem criar e recriar, envolvidos com a pesquisa, aprendessem sobre métodos de entrevista e “coleta de depoimentos”, sobre a leitura e a interpretação de documentos, confrontando fontes adversas sobre o mesmo tema, possam perceber como se produz conhecimento, ou seja, que é possível fazê-lo e identificá-lo com embasamento. Novamente, Isabel Barca corrobora tais discussões quando afirma que é necessário que “[...] os alunos experimentem procedimentos metodológicos que permitam selecionar e interpretar fontes, tirar conclusões e avaliá-las por comparação” (BARCA, 2005, p. 15-16).

Denota-se assim, a importância de que os alunos se habituem a citar corretamente as fontes utilizadas. O engajamento dessas análises com a aprendizagem histórica está na essência do trabalho do historiador, que é a análise, a interrogação das fontes históricas, as quais não falam por si, ou mesmo, a avaliação de credibilidade, o que é explícito e implícito, compará-la a outras fontes, reconhecendo que a história também não é imparcial.

É possível perceber nas narrativas dos alunos que muitos familiares migraram em busca de melhores salários e profissionalização e não voltaram, outros acabaram por voltar, após se formarem ou terem certa estabilidade econômica, para ficar próximos aos familiares, ou ainda por considerarem o município como uma cidade tranquila para morar.

Mas, de forma geral, a questão do significativo decréscimo populacional, e as supostas hipóteses, são pontos de vista, senso comum. Nosso objetivo foi então levar os alunos ao trabalho de pesquisa e julgamento dessas e de novas hipóteses, desenvolvendo habilidades com as ferramentas necessárias para resolução de problemáticas e orientação para vida prática.

Abordamos também a problematização do mito do crescimento urbano junto a um suposto progresso, e para isso tratamos do próprio conceito de “progresso”. A escolha desse conceito ocorreu também pelo objetivo de considerarmos importante investigar como os alunos dialogam com o passado e, pensando historicamente, possibilitando a busca por uma construção efetiva da aprendizagem histórica. Pois a apreensão das ideias de segunda ordem é entendida

como uma operação mental elevada, por influenciar que o aluno adquira a compreensão da organização do conhecimento histórico, adquirindo assim ferramentas para orientação de sua vida prática.

A busca de definições e interpretações que conceituem o termo “progresso”, sabemos, não pode contar com um consenso geral acerca. A questão é em parte resolvida com uma breve análise do conceito moderno de progresso, no intuito de se buscar demonstrar que o termo acompanha necessariamente os momentos históricos e políticos de uma nação.

Apesar dos impactos da Revolução Científica¹⁶ do século XVI no Ocidente, a ideia do progresso se manifesta a partir dos avanços técnicos e científicos dos séculos XVIII na Europa, com a Revolução Industrial. No Brasil a ideia de progresso foi difundida entre a burguesia e ganhou ainda maior inflexão com a Proclamação da República, contexto este influenciado pelos ideais positivistas de "ordem e progresso" importados da França e descritos na Bandeira da Primeira República do Brasil.

Maison d'Auguste Comte (1798-1857), filósofo francês, demonstra claramente algumas das ideias básicas da doutrina positivista, é caso de uma de suas célebres frases: “O amor por princípio e a ordem por base; o progresso por fim”, “O progresso é o desenvolvimento da ordem”, influência na construção do Brasil Republicano, no qual o progresso surge como eixo central do positivismo¹⁷.

A partir da segunda metade do século XX no Brasil, o desenvolvimento industrial passa a ser visto como o motor do progresso. Será essa associação que converge, a partir dos anos 70 o projeto modernizante brasileiro, implementado, especialmente a partir da segunda metade do século XX, ações governamentais modernizantes, ligada a ideia de progresso.

O professor Raphael Pagliarini em sua dissertação de mestrado: O Colono na cidade: memórias e viveres rural-urbanos em Marechal Cândido Rondon (Oeste do Paraná, 1970-2009), demonstra a confluência de discursos e saberes rurais e urbanos que se misturam na cidade, caso próximo ao do município de Altamira do Paraná, marcado pela expectativa de um progresso avindo do crescimento urbano, mas construído em práticas de uma cidade com população com cultura rural:

Deste crescimento populacional decorreu um conjunto de mudanças no espaço urbano, gerando, inclusive, a necessidade do poder público de tentar por vezes controlá-lo, com base evidentemente numa imagem particular de cidade e de ideias tidos como ‘progressistas’” (PAGLIARINI, 2009, p. 60).

¹⁶ Na história da ciência a Revolução Científica teve início no século XVI até o século XVIII, os conhecimentos só eram considerados corretos depois de confirmados pela experiência e razão, surgindo assim o método científico.

¹⁷ Positivismo – corrente de pensamento que exerceu influência muito representativa no pensamento nacional e na própria concretização de um projeto de educação para o Brasil.

Percebe-se que quando citado o “progresso”, ele aparece idealizado no crescimento econômico e populacional, isso é enfático nas memórias e nos documentos sobre a história de muitos municípios, na maioria dos casos é pontuado na estratégia de atração de emigrantes. E verificamos que esta condição também está presente no município de Altamira do Paraná, desde antes da emancipação política, com a chegada de pessoas advindas principalmente de Minas Gerais e Bahia.

Segundo os ditos pioneiros (as), estimulados naquele contexto pela busca por melhores condições de vida depositadas nessa localidade, estimulados pelas propagandas da empresa colonizadora e ações governamentais, o que também ocorre e ocorre em diversas regiões, sendo aqui possível fazer diversos paralelos entre o local e global.

E nesse contexto, o que significa, afinal, a palavra progresso no imaginário da comunidade local? Como justificam as raízes desse progresso? E que projeção para o futuro pode ser imaginada sobre o conceito atual de progresso? Será que a divulgação de uma possível alta taxa decréscimo populacional, acaba por ser associada a um certo “retrocesso”?

Sabemos que a ideia de progresso, muitas vezes, estaria relacionada na história a evolução humana, causada pelos avanços nas ciências e nas técnicas em geral e por novas formas de organização política. Segundo Jacques Le Goff, em *História e Memória*¹⁸(...) a história de um gradual progresso econômico da sociedade humana, cujos principais aspectos são a liberdade de comércio e a solidariedade econômica"(LE GOFF, 1990, p.252).

Essa acepção de progresso descrita acima, teria forte influência eurocêntrica, e em sua perspectiva generalista percebe-se o progresso como um avanço civilizacional. Nesse ideal de progresso, algumas sociedades eram consideradas mais avançadas em relação a outras e isso acaba por dificultar a percepção de progresso como algo construído historicamente, associado a uma determinada cultura ou grupo de uma sociedade específica nos tempos e nos espaços, desse modo não possibilita que possa ser entendido de forma diferente por culturas diferentes em tempos e espaços diferentes.

Tal perspectiva não deixaria de ser representada em determinado tipo de ensino de história, o qual ainda reverbera nos entendimentos históricos atuais.

O ensino de História, no país, desde a criação do Colégio Pedro II, bem como do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em 1938, que tinha como objetivo consolidar a história do Brasil que acabara de se tornar independente, firmar uma nova

18 O livro "História & Memória" do historiador francês Jacques Le Goff é uma profunda análise dos fundamentos e dos conceitos da ciência histórica, onde o autor situa a formação do conceito moderno de progresso.

identidade para o país. Como afirma Fonseca (2011, p.24): A missão de afirmar as identidades nacionais e a legitimar dos poderes políticos fizeram com que a História ocupasse papel central no conjunto de disciplinas escolares, pois era incumbida a apresentar às crianças e aos jovens o passado glorioso da nação, e o estudo da história nacional contada através das experiências de seus governantes.

Neste contexto, segundo Fonseca (2011, p.35) por meio do ensino, deu-se a construção e consolidação de uma identidade nacional coletiva, trazendo a História enquanto conhecimento social e culturalmente produzido dentro e fora dos muros escolares. O ensino de história sofreu grandes transformações desde então, até a chegada de uma Educação que se propõe a desenvolver competência técnica e cognitiva.

Concluindo, de acordo com a autora, a noção de progresso se dá muitas vezes, através de uma relação com certas experiências passadas e a através da educação, sendo relacionadas as memórias coletivas oficiais. Desta forma, evidencio essa noção de progresso, ainda comum entre aos familiares dos alunos, quando se remetem ao desenvolvimento histórico do município.

A ideia de progresso pode ser notada em diferentes discursos e suportes narrativos, nessa perspectiva esteve ligada a uma questão patente nas nossas aulas, a do significado atribuído ao decréscimo populacional do município durante a segunda metade do século passado. Os diversos discursos sobre o conceito de progresso, tão pontuado não só na história local, ainda prolifera no presente, e se torna pontual para nossa pesquisa.

No segundo capítulo, apresentarei de maneira mais pontual aspectos de como se deu o trabalho de busca e análises de fontes disponíveis para pesquisa sobre a história do município de Altamira do Paraná, e desta maneira apresentarei o objetivo do segundo capítulo, o de aprestar parte da história do município de Altamira do Paraná.

Mais especificamente, ao narrar esta leitura histórica local, descreverei como foi possível analisar as características e tipos de usos dos materiais da pesquisa, tais como: textos escritos e iconográficos, reportagens retiradas da internet, além de outras fontes oriunda dos acervos pessoais dos alunos, de seus familiares e da comunidade analisadas, além da adoção de certos critérios e procedimentos metodológicos da História Oral¹⁹.

19 Cabe ressaltar que com a pandemia do Covid 19, houve a necessidade do uso de plataformas de videoconferência on-line, o que de certa forma tornou evidente ao aluno que a realização de entrevistas sem a localização física não seria um entrave. Assim, os materiais produzidos nas entrevistas poderiam se dar em seus três formatos elementares, escrita, áudio e vídeo, enriquecendo ainda mais, o uso das fontes e possibilidade de formamos arquivos mais completos.

CAPÍTULO 2

ALTAMIRA DO PARANÁ E A QUESTÃO NORTEADORA

2.Introdução:

Este capítulo apresenta o município de Altamira do Paraná a partir de sua abordagem e potencialidade para o ensino de História. Diante da carência de material bibliográfico e mesmo, da multiplicidade de abordagens disponíveis na internet, o capítulo destaca o caminho de pesquisa desenvolvido junto com os alunos.

O primeiro tópico apresenta alguns aspectos geográficos e o levantamento de fontes disponíveis para a pesquisa, relacionados a História do município de Altamira do Paraná. O segundo destaca os significados encontrados/escritos sobre a história local e a relação com a história regional e com isso apresenta potencialidades do estudo de memória, e desta maneira trata da aproximação com a perspectiva da Educação Histórica.

O terceiro tópico aborda a questão norteadora dos estudos, justificadas no capítulo anterior, qual seja, das preocupações sobre o suposto decréscimo populacional de Altamira do Paraná desde sua emancipação (1982) até a realização pesquisa (2020/2021) e apresenta com isso a participação dos alunos na pesquisa histórica desenvolvida.

Os três momentos do texto servem assim tanto para a uma breve apresentação histórica do município, quanto como aporte para o leitor acompanhar as atividades desenvolvidas em sala de aula e sistematizadas no terceiro capítulo.

2.1 O município de Altamira do Paraná

O município de Altamira do Paraná limita-se ao norte com o município de Campina da Lagoa e Nova Cantú, a leste com o Município de Laranjal, ao sul com o município de Diamante do Sul e a oeste com o município de Guaraniaçu. Está no Centro-Oeste do estado, situado no extenso Vale do Piquiri, entre os rios Cantu e Piquiri.

O acesso ao Município a partir de Campo Mourão acontece através da rodovia estadual BR 369, e a distância entre Altamira do Paraná até as principais cidades da sua mesorregião, a mesorregião Centro Ocidental Paranaense, e da capital do estado, Curitiba, são,

respectivamente de: 130,7 km de Campo Mourão; 101 km de Goioerê e 449 km da Capital Curitiba²⁰.

Figura 1-Localização do município de Altamira do Paraná.



Fonte: IPARDE, 2018.

A história do município Altamira do Paraná foi registrada em parte em um livro, intitulado, “Altamira do Paraná, Sua História e Sua Gente” (KLEIN, 2000), essa obra apresenta dados os quais, segundo o autor, apresentam um histórico sobre Altamira do Paraná desde sua colonização até o ano de 2000. E ainda:

Na busca em relatos dos pioneiros sobre o modo de vida hábitos da época, pensamento e acontecimentos e perspectiva dos moradores, no momento que o povo toma consciência e inicia a luta para se tornar emancipado, na busca do progresso e desenvolvimento em todas as direções”. (KLEIN, 2000, p. 08).

Com o desenvolvimento do projeto também encontramos recortes de jornais e fotos na Biblioteca Cidadã; no site da prefeitura analisamos o Plano Diretor Municipal²¹ de 2018, além de alguns banners com fotos e objetos no Museu da Igreja católica Pe. Vitor Coelho,²² que poucos conhecem, e informações encontradas e/ou “desencontradas” na internet sobre a história do município. Materiais esses que destacam principalmente fatos sobre a fundação, do município, empresa colonizadora, primeiros moradores, origem do nome e primeiras atividades

²⁰ Fonte: Rota Mapas.

²¹ Conforme os artigos 39º e 40º do Estatuto da Cidade, o plano diretor é “o instrumento básico da política de desenvolvimento e expansão urbana”. É ele quem deve promover o diálogo entre os aspectos físicos/territoriais e os objetivos sociais, econômicos e ambientais que se tem para a cidade.

²² Museu Padre Vitor Coelho, foi em homenagem àquele que foi um dos maiores divulgadores da devoção a Nossa Senhora Aparecida, reúne peças diversas sobre a história local e da Paroquia município.

econômicas, geralmente tratam-se de trabalhos postados em datas próximas ao aniversário da cidade.

Esses conteúdos e seus suportes narrativos interferem nas memórias dos alunos e familiares e conforme indicado anteriormente, serviram de ponto de partida para um estudo de memórias sobre o município, atividade que antecedeu a pesquisa de campo igualmente apresentada neste capítulo.

2.1 Altamira do Paraná- Histórias e Memórias

Antes de Altamira do Paraná se tornar um município emancipado, passou pelo poder de outros municípios, como Guarapuava e Pitanga. Os municípios são considerados parte da organização política e administrativa do país, tendo autonomia e sendo fundamental na promoção do desenvolvimento local. De acordo com a Constituição Federal do Brasil de 1988 (1998, p. 25): Art. 18. A organização político-administrativa da República Federativa do Brasil compreende a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, todos autônomos, nos termos desta Constituição (CONSTITUIÇÃO DO BRASIL, 1998, p. 25²³) Segundo IBGE, 2017 esse processo histórico se deu da seguinte forma:

[...] A região que abrange o território do município de Altamira do Paraná era um grande vazio demográfico ocupado esparsamente por famílias que se dedicavam ao extrativismo vegetal, primeiramente a erva-mate, depois a madeira. Formou-se então uma pequena povoação, no interior do imenso município de Guarapuava. (IBGE, 2010).

Fato aqui analisado junto aos discentes que a história pode ter várias versões, dependendo do olhar e do interesse de quem a conta. Na citação acima, fica explícito a apresentação de um momento anterior ao momento quando ela foi ocupada/colonizada, sendo destacada pela característica de uma região de “grande vazio demográfico”.

Entre os questionamentos, apresentei para os alunos as questões: será mesmo que não havia ninguém nessas terras? Será que elas não tinham donos? Com novas pesquisas realizadas

23 Os municípios são considerados parte da organização política e administrativa do país, tendo autonomia e sendo fundamental na promoção do desenvolvimento local. De acordo com a Constituição do Brasil de 1988 (1998, p. 25): Art.18. A organização político-administrativa da República Federativa do Brasil compreende a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, todos autônomos, nos termos desta Constituição (CONSTITUIÇÃO DO BRASIL, 1998, p. 25)

pela internet, encontramos dois artigos que tratam do “Massacre dos Kaingang em Pitanga”,²⁴ e “A Conquista da América, o Genocídio e a afirmação dos Povos Indígenas no Brasil²⁵”, e deles procurei realizar uma síntese do conteúdo, esse conteúdo foi significativo para se fazer paralelos entre o local, o regional e mesmo o nacional naquilo referente ao processo de ocupação/colonização territorial.

Nessa intenção busquei fazer uma explanação na qual, desde o século XVI, no chamado “Novo Mundo”, a expansão e busca pelas riquezas naturais e por territórios indígenas, o processo de colonização, teria dado início a um longo e violento processo de invasão territorial, que resulta no genocídio de povos indígenas até na atualidade.

Embora o estudo da economia antes da emancipação não seja nosso foco de análise, suas características foram lembradas pelos alunos e entrevistados, e elas interferem processualmente nas características do município pós-emancipação, este sim, recorte da pesquisa.

De acordo com depoimentos de moradores participantes da pesquisa, fontes estas que serão mais exploradas no próximo capítulo, o processo de colonização privada passou a ser causa de disputas violentas entre possíveis posseiros, e houve vários depoimentos de violência entre os posseiros no passado por disputas e vingança. “Antigamente tinha muita arma aqui muita briga, mas hoje graças a Deus fizemos um lugar tranquilo”. Sr. (o) SANTOS, entrevistado²⁶ por um grupo de alunos do 2^aA.

Acredita-se que a solução para evitar a ocupação desordenada e ilegal, pelo governo do Paraná, foi permitir a colonização a Companhias privadas, a qual se deu nessa região a partir dos trabalhos da Companhia de Colonização e Desenvolvimento Rural de Londrina (CODAL). “Viemos de Minas Gerais porque o meus pais falaram que a terra estava cansada e tinha muita Praga. Passou um avião jogando panfletos falando que tinha terras aqui férteis e barata, por isso viemos”. Conforme o depoimento feito pela Sr. (a) PEREIRA, a um grupo de alunos do 9^aA.

24 Para saber mais acesse: GONÇALVES, Cleverson; FRAGA, Nilson Cesar; CAVATORTA, Mateus Galvão. Massacre dos Kaingang em Pitanga–PR, um conflito atrelado à ideologia do branqueamento e à expansão do capital sobre os territórios indígenas. Serviço Social em Revista, v. 18, n. 1, p. 81-100. GONÇALVES, Cleverson; FRAGA, Nilson Cesar; GROSS, Cristina Buratto. CONFLITOS TERRITORIAIS NA FORMAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL DA REGIÃO CENTRO DO PARANÁ. Geographia Opportuno Tempore, v. 3, n. 2, p. 242-252.

25 LACERDA, Rosane. A Conquista da América, o Genocídio e a afirmação dos Povos Indígenas no Brasil. O Direito Achado na Rua, vol. 7, p. 75.

26 As entrevistas se deram de diversas maneiras no contexto pandêmico do ano letivo de 2021, desde presenciais com os devidos cuidados de biossegurança e online via *Watts App*, em grupos ou individualmente conforme a disponibilidade dos alunos.

Segundo o relato da moradora Sr. (a) SPACOV, entrevistada por um grupo de alunos do 9^aA (2021), foi no início década de 1960 que teve início exploração da terra para fins econômicos, começando pela extração da madeira e criação de suínos, com a derrubada das matas e policultura, de feijão, arroz, milho e o hortelã, este, economicamente um produto de alto valor comercial e facilmente transportado, e ganhou muita força nessa época, para produção de óleos em alambiques:

O Município de Altamira começou pela CODAL (foi responsável por dividir as terras da região da atual, Altamira do Paraná em pequenos lotes e assim comercializando para futuros moradores, surgindo assim o povoado). E hoje continua evoluindo, com o passar do tempo. (Sr. (a) SPACOV, 2021, entrevistada por um grupo de alunos, 9^aA).

O nome da cidade, Altamira, foi dado pela diretoria da Companhia de Colonização e Desenvolvimento (CODAL), em homenagem à cidade de Altamira, do Estado do Pará, isto em 1962. No dia 20 de novembro de 1963, o povoado de Altamira tornou-se um Distrito Administrativo, através da Lei Estadual nº 4.784, fazendo parte do recém-emancipado município de Palmital.

Os alunos surpreenderam-se ao saber que muitas profissões exercidas por moradores antigos, eles as aprenderam sozinhos, com familiares, ou através de fascículos, como relatado pelo morador, Sr. (o) SILVA, entrevistado por um grupo de alunos do 2^aA: “Me tornei farmacêutico, estudando fascículos sozinho”.

Destacaram ainda profissões que já estão quase extintas atualmente, como engraxate, meiros, entregador de leite, telefonista, datilógrafo, boias frias, catador de algodão, dentre outras citadas, esse momento foi valioso para reflexões sobre profissões do passado, presente e expectativas futuras para os alunos e a cidade.

Em outros relatos foram lembrados a criação de porcos e a cultura da hortelã. Muitos dos entrevistados pelos alunos relataram que faziam o deslocamento para venda dos porcos, a pé mesmo, tocando a criação com cavalo ou de charrete. Havia também a cultura da hortelã para venda e produção de óleo, em alambiques caseiros para combustível de aeronaves.

Além da economia, tiveram também destaque entre os alunos alguns fatos marcantes. É o caso de um depoimento feito pela Sr. (a) PEREIRA sobre o acidente da balsa no rio Cantú, descrito por vários entrevistados também:

Na década de 70, um ônibus da empresa Expresso Nordeste, empresa que fazia rota para Campo Mourão, via Nova Cantu, com 28 passageiros, ao subir na balsa não conseguiu parar, indo parar há 6 metros de profundidade. Neste acidente faleceram 23 passageiros, após o acidente fortes chuvas dificultaram

o resgate dos corpos das vítimas, fato que trouxe ainda mais dor e sofrimento aos familiares. (Sr. (a) PEREIRA, 2021, em entrevista a alunos do 9ªA).

A recorrência desta tragédia nas memórias dos entrevistados possibilita considerar o reconhecimento de uma memória do trauma, fortemente compartilhada entre os moradores mais velhos.

Um fato que teve muita repercussão entre a população local e regional, foi a da troca do local do cemitério por quatro vezes, isso em um curto período de tempo. O primeiro encontrava-se no local desocupado para construção do Hospital Municipal, logo na entrada da cidade, via Campina da Lagoa. O segundo, então em 1987, inaugurado com topografia acidentada, na localidade da atual Vila Esperança, não foi aprovado pela população, pois quando chovia as covas eram desmanchadas, sepulturas eram descobertas, deixando os caixões a mostra.

O prefeito da época mudou para outro local e o terreno também era muito cimentado, comentam os moradores que os corpos eram enterrados em pé. Fato este que trouxe muita revolta na população, pois por falta de planejamento correto, para instalação da localidade do cemitério em locais inapropriados e transferências dos restos mortais, trouxe também muitas polêmicas sobre o assunto.

Então, em 1992 o novo prefeito adquiriu terras na entrada da cidade, também via Campina da Lagoa, ao lado de um conjunto habitacional, para o novo cemitério, que não foi aprovado também pela população, que fez até um abaixo assinado, para que nem se inaugurassem o novo cemitério, assim o mesmo não ocorreu.

Mas, foi somente em 1997 quando o Prefeito que na época chegou a ser chamado pela imprensa como Odorico Paraguaçu, referência a um personagem de novela da época, que também ocupava o cargo de prefeito, a intitulada O Bem-Amado²⁷, conseguiu um terreno que se adequasse corretamente, próximo a saída da cidade em direção a Palmital, existente até hoje, o cemitério Jardim, com o nome Cemitério Municipal São Luís.

Outro fato levantado nas entrevistas, foi a descoberta de poços de gás natural em 1982 na localidade rural chamada de Água da Bota, em 1982 e na localidade da Água da Cristalina, em 1991, o que movimentou na cidade a expectativa da possibilidade da exploração de possíveis poços de gás e petróleo. “Lembro de o povo comentar que estava saindo uma

27 O Bem Amado é uma novela brasileira, produzida pela Rede Globo e exibida na década de 1980. O prefeito um político corrupto que, ilude o povo da pequena cidade e tem como meta prioritária de sua administração a inauguração do cemitério local, o prefeito arma tramas para que morra alguém, sendo sempre malsucedido.

fumacinha da terra, aí atraiu pesquisadores, que descobriram que era gás”. (Sr. (a) MATTOS, 2021, entrevistada por um grupo de alunos do 9^aA).

De fato, tais coletas de dados e amostras foram realizadas, isto por meio chamados poços exploratórios em busca de petróleo e/ou gás natural, mas foram encontrados somente uma fonte termal e um tipo de gás, que eram muito profundos, exigindo grandes investimentos.

Assim os pontos de localização foram demarcados e lacrados por exigir desembolsos maiores que as bacias maduras de outras localidades, para futuramente serem exploradas se necessário. Esse tema, o dos poços de petróleo, parecia ser lembrado com uma possibilidade de crescimento econômico que não se consolidou, espécie de ressentimento da cidade.

Aspectos administrativos também são lembrados pelos entrevistados. A transformação de Altamira do PR em município emancipado de Palmital ocorreria no dia 27 de abril de 1982, pela Lei Estadual nº 7.571, aprovada pelo governador Ney Aminthas de Barros Braga. O município foi instalado solenemente no dia 1º de fevereiro de 1983. Em 15 de junho de 1983, através da Lei Estadual nº 7.601, Altamira mudou de nome para Altamira do Paraná, porque já existia um município no Pará com o mesmo nome.

Eram tempos difíceis, na década de 1970 a região hoje pertencente ao município de Altamira do Paraná era habitada aproximadamente por 14 mil pessoas. Assim, com o aumento da população em 1981 foi formada uma comissão, com interesse levar avante projeto de emancipação política do distrito. Após resistências dos políticos da sede, e apoio de outros políticos o projeto foi aprovado na Assembleia Legislativa do Paraná. (Sr. (o) KLEIN, em entrevista a turma 9^aA em sala em 27 de setembro de 2021, após o retorno das aulas presenciais).

O fato de a emancipação política do município de Altamira do PR ter sido rememorado em muitas entrevistas denota a importância da perspectiva política e administrativa, bem como da genealogia administrativa, na concepção de história de alunos e de moradores entrevistados. Ou seja, apresenta-se como fato marcante nas memórias, devido a sua fonte de benefícios aos habitantes da região.

Segue aqui alguns relatos descritos pelos moradores mais antigos, sobre a emancipação política do município: “No início éramos distrito de Palmital com desmembramento, nossa cidade tornou-se independente, para que no futuro tornasse uma cidade de progresso”. Sr. (o) JOANNA, 2021, entrevistado por um grupo de alunos do 2^aA. Ainda, “Período de emancipação foi de grande desenvolvimento econômico e social, instalações de comércios: como Hotel, escolas de 1º Grau, telefone, cinema, farmácias e hospital”. (Sr. (a). SPACOV, 2021, entrevistada por um grupo de alunos do 9^aA).

E ainda “A luta não havia sido em vão o suor e as lágrimas derramados fizeram com que a semente germinasse e o progresso a partir de então seria conduzido pela própria população de Altamira”. (KLEIN, 2020, p. 12).

Houve vários depoimentos sobre a prática da policultura, com cultivo de feijão, arroz, milho, mandioca, mamona, café, entre outros, para a subsistência dos moradores, pois o local era de difícil acesso e se passavam meses com falta de produtos básicos, como até mesmo sal, ao qual muitos relatam que utilizavam a água salobra de pé de coqueiros, e com os poucos produtos existentes, praticavam o escambo.

Profissões e formas de trabalhar, tragédia e formação administrativa foram constantemente enfatizadas nos estudos dos alunos, mas conforme já indicado, a preocupação da turma gravitava em torno da questão demográfica.

Retomando a análise do livro “Altamira do Paraná, Sua História, Sua Gente” (KLEIN, 2020) observamos que, no recorte do Jornal Folha de Londrina (1982), no fragmento ao final da reportagem, descreve-se o município com uma população de 14 mil habitantes, e cerca de 5 mil eleitores. Fato que pode explicar depoimentos de alguns moradores sobre o número de habitantes que o município já chegou a ter na década de 1980.

O autor do livro, o Sr. (o) Ademar Klein, quando questionado pelos alunos se concordava com esses números, respondeu: “Acredito que esses números sejam elevados do real, pois não havia como fazer há contagem” (Sr. KLEIN entrevistados pelos alunos do 9ªA).

Alguns depoimentos destacados pelos alunos: “Altamira já chegou a ter mais de 15 mil habitantes e se deu por causa das formas de ofício, colheita de algodão, plantação de feijão, café e hortelã, bastante trabalho agrícola braçal”. (Sr. (a) MATTOS, 2021, entrevistada por um grupo de alunos do 9ªA). “Eu acredito que Altamira tinha de 12 a 15 mil habitantes, a maioria do Povo era rural, tinha muitas casas no sítio e pouca gente na cidade”. (Sr. (o) SILVA, 2021, em entrevista a um grupo de alunos do 2ªA).

As interpretações do decréscimo populacional podem ser conectadas com aspectos econômicos, conforme apresento na sequência. Esse exercício, o de conectar acontecimentos e processos a partir da análise das fontes corresponde de certa forma aos objetivos que apresentei no capítulo anterior.

A cultura do algodão ganhou grande importância na década de 1980, motivando o fato do município passar a ser chamado, segundo moradores, de “rainha do algodão”. Essa atividade gerou empregos e renda, sendo instalado ali um entreposto da Cooperativa Agropecuária Mouroense (COAMO), em 11 de junho de 1982, o qual até os dias atuais continua ativa, atendendo também aos municípios vizinhos.

Assim, a cultura do algodão foi importante para o momento pós-emancipação, todavia, essa cultura sofreu com o impacto da praga “bicudo do algodoeiro”²⁸ que na década de 1980 devastou o cultivo, não só no Paraná, mas em várias regiões do Brasil. Esse contexto causou grande impacto nas décadas seguintes na demografia do município de Altamira do Paraná. Ela pode ser, inclusive, entendida como uma das causas do fenômeno de venda de terras pelos pequenos sítiantes que produziam o algodão, trouxe êxodo rural e aumento de latifúndios para a criação de gado.

A pecuária também ganhou força na década de 1980 e se sustenta até os dias atuais junto ao gado de corte, uma das principais atividades econômicas na atualidade. Em síntese, os resultados de pesquisa com a História Oral, desenvolvidas pelos alunos, indicaram muitas abordagens sobre o município, e elas servem aqui inclusive como material histórico para uma apresentação da história local.

Essa síntese corresponde em parte aos temas tradicionais sobre o município, como aqueles preocupados com o processo de emancipação política, mas também corresponde aos temas relacionados a especificidades locais, como no caso da história do cemitério e da prospecção sobre exploração do gás natural. É possível afirmar que neste momento da pesquisa os alunos participantes das atividades demonstraram estar mais próximos do estudo histórico do município, isso se comparado com os resultados primeiros, buscados na internet.

2.2 A questão norteadora: a História Local e a questão da densidade demográfica

Uma questão central da abordagem histórica da nossa pesquisa, conforme já mencionado no tópico anterior, reside na realidade demográfica da população municipal, mais especificamente no suposto fenômeno histórico do decréscimo populacional de Altamira do Paraná, desde a sua emancipação (1982) até a realização pesquisa (2020/2021).

Essa realidade motiva olhares de interesse sobre a história local. Ou mais que isto, pode significar uma demanda de estudo cuja resposta poderia ser dada pelo ensino de história. Essa é a expectativa de alunos e dos seus familiares.

O engajamento da análise que envolvem o estudo histórico desse tema passaram pela concepção de aprendizagem histórica, com sua análise, problematização, a interrogação das fontes históricas, que não falam por si. Passa ainda pela credibilidade das informações, o que é

28 Para saber mais sobre a crise da cotonicultura no Brasil, informações disponíveis em Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) no endereço eletrônico: <<https://www.embrapa.br/bioma-cerrado/cotonicultura>> Acesso em: 04 janeiro, 2022.

explícito e implícito, compará-la a outras fontes, construir evidências, construindo conhecimento e reconhecendo que a história também não é imparcial.

No processo de historicizar aprendemos a nos orientar no presente, relacionar fatos, confrontar pontos de vista e consultar diversas fontes de pesquisa para tanto a intervenção pedagógica se fez a partir da historiografia. “Aprender História é discutir evidências, levantar hipóteses, dialogar com os sujeitos, os tempos e espaços históricos. É olhar para o outro em tempos e espaços diversos.

A experiência de cada um alarga-se com a compreensão das experiências dos outros” (BARCA, 2009). Para tanto, o professor deve mediar e incentivar esse interesse pela pesquisa, para que não fique numa curiosidade superficial, para que tenham a perspicácia de saber como construir evidências, não cometer anacronismo e desenvolver alteridade.

Assim, corroborando a autora supracitada, desenvolvemos o processo de construção de evidências. O ponto de partida foi a reportagem exibida em 16 de setembro de 2015, pela Rede Paranaense de Comunicação (RPC)/Globo, segundo a qual, de 2000 a 2015 o município teria chegado a perder quase metade de seus moradores, período quando casas de ex-moradores teriam sido demolidas por falta de interesse de novos moradores.

De acordo com o conteúdo dessa reportagem, a população de Altamira do Paraná teria sofrido uma redução de 6.999 para 3.341 habitantes em 15 anos. Em postagem no Facebook²⁹, a prefeita efetiva na época destacou que fora à justiça buscar a correção das informações, pois alegava que repassou dados que foram ignorados pela reportagem. Cabe destacar que a reportagem foi retirada da página da emissora, mesmo assim isso não impossibilitou que a utilizássemos como fonte.

Ainda que a reportagem tenha sido retirada do ar, e esteja disponível apenas em plataforma digital fechada da emissora, Globoplay, foi possível contextualizá-la. Algumas questões nortearam a sua análise, quais sejam, os dados expostos pela reportagem realmente eram totalmente reais, ou parcialmente reais ou eram dados irreais? Quem, por trás da emissora, poderia querer divulgar tais dados, com possíveis insinuações de “abandono” da população? Qual/Quais seriam os interesses do poder público municipal em solicitar a exclusão da reportagem? Qual a possível divergência entre os dados? Segundo o IBGE, qual era a população

29 Boca Santa é um site de notícias de Campo Mourão-PR. Manchete: Prefeita se irrita com matéria da RPC Disponível em: <https://www.bocasanta.com.br/index.php?p=YWxyb3RsaXMvbWlyb3RhaUB6aHo6666YWQ9Njc2NTEExJmx1bW90ZV9vZGFjaWU9NTYzOA>. Acesso em 20 de abril de 2021.

do município? Assim podemos refletir e buscar o ensino de história na perspectiva da Educação histórica. Dessa perspectiva corrobora CERRI (2011):

(...) método histórico esquadrinha os sujeitos, suas ligações sociais, suas intenções e interesses em jogo, para entender a informação que cada um deles traz, e, assim, dimensioná-la corretamente e relativizá-la. Se o nosso aluno puder fazer isso e identificar pessoas e interesses por trás de reportagens processos históricos, ações governamentais, a história terá cumprido outra de suas funções educativas (CERRI, 2011, p. 116).

Nesse momento, os alunos refletiram não somente sobre as fontes do presente, como seguimos analisando em outras reportagens, como citado acima, mas sobre quais as possíveis causas que supostamente explicariam o fenômeno migratório e de decréscimo populacional, além de suas expectativas sobre o futuro deles e da cidade.

A discussão ganhou maior relevância a partir do ano de 2019, quando surgiu um questionamento sobre a possível da extinção do município de Altamira do Paraná. O Plano Mais Brasil³⁰, levado ao Senado em novembro de 2019, pelo atual presidente, Jair Bolsonaro, e pelo Ministro da Economia, Paulo Guedes, teria como um dos elementos a extinção dos municípios com até 5.000 habitantes, que não tivessem 10% de receita própria, estabelecia o prazo de 30 de junho de 2023 para que comprovassem sua sustentabilidade financeira (descrita na PEC do Pacto Federativo (PEC 188/19), no Artigo 115, caso contrário o município perderia a tão aclamada emancipação política, voltando a ser distrito).

A PEC não foi aprovada e apesar de muitos comentarem na ocasião que havia a possibilidade do município de Altamira do Paraná ser extinto, a prefeita em gestão, Elza Aguiar, teria apresentado dados aos quais o município teria o mínimo de sustentabilidade financeira, não sendo provável a extinção do município, caso a PEC fosse aprovada.

A preocupação com a realidade sociodemográfica do município reverberou na sala de aula, e pôde ser acompanhada em reportagens de nível regional e estadual anteriores ao contexto da PEC 115. Uma delas, matéria da Tribuna do interior de 2012³¹ destacava o fato de o município possuir segundo a reportagem, mais eleitores do que moradores (TRIBUNA DO PARANÁ, 2012), assim como RPC também gravou uma reportagem na cidade³² com mesmo tema em 2012.

30 O Plano Mais Brasil foi um conjunto de medidas estruturais apresentado por Paulo Guedes, Ministro da Economia do Governo Jair Bolsonaro, com o propósito declarado de impedir novas crises das contas públicas nacionais, como a verificada na crise econômica de 2014.

31 Disponível em: TRIBUNA DO INTERIOR: <https://www.tribunadointerior.com.br/sem-categoria/altamira-do-pr-tem-mais-eleitores-que-moradores/> . Acesso em 31 de maio de 2021

32Globoplay: Altamira do Paraná tem mais eleitores que moradores. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2045376/> .Acesso em 20 de abril de 2020.

Segundo o professor da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e coordenador do Núcleo de Pesquisas em Participação Política da instituição, Rafael da Silva, em reportagem para o G1 Paraná³³ sobre as 22 cidades com mais eleitores do que habitantes.

A reportagem destacava os estudos que levam em consideração dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e a estimativa populacional de 2020, feita pelo IBGE. Segundo ele, as hipóteses para tamanha diferença entre o total de moradores e total de eleitores, vão desde a defasagem dos dados oficiais até possibilidade de fraude.

O município que aparece com a maior diferença proporcional na relação entre habitantes e eleitores é Altamira do Paraná. Segundo os dados do TSE, o município tem 3.311 eleitores. No entanto, pela projeção do IBGE, a cidade conta com 1.682 habitantes, ou seja, quase metade do total de registrados para voto.

Ainda na reportagem para o G1, o professor Rafael explica que não existe apenas uma causa específica para o entendimento dessa diferença, e que as causas podem ocorrer inclusive devido a inconformidade na estimativa populacional elaborada pelo IBGE, pois o último censo foi realizado com dados mais precisos, foi feito em 2010.

Como o IBGE não tem um dado atualizado, ele acaba fazendo projeções pelos modelos econométricos que depois deverão ser corrigidas com um novo censo. Outra hipótese seria a defasagem do cadastro eleitoral. Segundo o professor citado, mudanças no perfil do eleitorado, como migração entre cidades e morte, também podem contribuir para a diferença, pois segundo ele, cidades pequenas tem características peculiares, onde a população muda em busca de uma vida melhor, e não atualizam cadastro.

E de acordo com outra reportagem, esta da Folha de Londrina de 2015, intitulada “Altamira do Paraná é a que mais perde”,³⁴ (FOLHA DE LONDRINA, 2015), o município teve entre os anos de 2014 e 2015 uma redução de 3754 para 3341, redução de 11%. A reportagem destaca a política de incentivo à agricultura familiar como política do poder municipal para reverter este cenário.

Buscamos dados em documentos da prefeitura sobre o número de habitantes, e encontramos no Plano Diretor Municipal, Avaliação Temática Integrada II, 2018, que o Paraná e Brasil em geral, no contexto de 1980 a 2019, tiveram maiores contingentes populacionais. No caso de Altamira do PR, a cidade teve decréscimo populacional nesse mesmo período, segundo

33 G1Paraná- Paraná tem 22 cidades com mais eleitores do que habitantes. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/eleicoes/2020/noticia/2020/09/25/parana-tem-22-cidades-com-mais-eleitores-do-que-habitantes.ghtml> Paraná tem 22 cidades com mais eleitores do que habitantes. Acesso em 20 de abril de 2021.

34 Disponível em: FOLHA DE LONDRINA: <https://www.folhadelondrina.com.br/reportagem/altamira-do-parana-e-a-que-mais-perde-926937.html#:~:text=Altamira%20do%20Paran%C3%A1%2C%20no%20Noroest>

os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE 2010³⁵. Como demonstrado na figura da tabela abaixo ³⁶:

Figura 2 – Decréscimo populacional segundo IBGE (1980-2019)

| Ano | Altamira do Paraná | Paraná | Brasil |
|-------|--------------------|------------|-------------|
| 1980 | - | 7.629.849 | 119.002.706 |
| 1991 | 7.437 | 8.448.713 | 146.825.475 |
| 2000 | 6.999 | 9.563.458 | 169.799.170 |
| 2010 | 4.306 | 10.444.526 | 190.755.799 |
| 2019* | 1.942 | 11.433.957 | 210.147.125 |

Fonte: Plano Diretor Municipal Altamira do Paraná-*Projeção Populacional ³⁷

Analisando a figura da tabela acima, nota-se que o Município de Altamira do Paraná teria passado por considerável êxodo demográfico entre 1991 a 2010, isso se considerarmos os 19 anos de intervalo. A população de Altamira do Paraná teria diminuído 43% da população. Projeção para 2019 era de 1.942, portanto permanecendo o decréscimo da populacional, segundo o IBGE.

Todavia, ao buscar mais dados, cheguei até outras projeções. Como o do censo escolar de 2021, nele seriam 613 o total de alunos matriculados na rede pública de ensino, considerando aqui estudantes a creche, EJA e Escola de Educação Especial, segundo QEdu³⁸, e ainda temos os dados da cobertura vacinal da covid 19, atualizado em 22 de maio de 2022, com 3.329 doses distribuídas para a 1º dose, onde teriam sido aplicadas só na 1ª dose 6.993, segundo os dados apresentados no site do Estado do Governo do Paraná.

Sobre essa abordagem, cabe destacar a estimativa de que o município possui cerca de 4 mil habitantes, segundo dados do Programa Saúde da Família da Secretaria Municipal de

35 O IBGE deveria atualizar os dados em 2020, porém com a COVID 19, essa atualização foi interrompida.

? Dados obtidos em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 2 de maio de 2021.

36 Para projetar as populações o IBGE utiliza o método das componentes demográficas, o qual incorpora as informações sobre as tendências observadas da mortalidade, da fecundidade e da migração em nível nacional e regional. Neste método, interagem as variáveis demográficas seguindo as coortes de pessoas ao longo do tempo, expostas às leis de fecundidade, mortalidade e migração. Para tanto, é necessário que se produzam estimativas e projeções dos níveis e padrões de cada uma destas componentes.

37 Município de Altamira Do Paraná, Plano Diretor Municipal, Avaliação Temática Integrada II, p.11, 2018.

38 QEdu é um portal aberto com informações sobre a aprendizagem das escolas de todo o Brasil. Disponível em : <https://qedu.org.br/municipio/4100459-altamira-do-parana> .Acesso em 22 de out. de 2022.

Saúde³⁹, dados que não convergem com as projeções do IBGE, e que levaram a várias divergências no contexto pandêmico, pelo encaminhamento inadequado em números de doses de vacina contra a Covid-19.

Altamira do Paraná não é um caso único de município que obteve taxas negativas de crescimento demográfico desde 1991 e caracteriza-se pelo esvaziamento demográfico, mas como já discutido, ganhou muito repercussão e destaque devido às possíveis taxas de decréscimo demográfico no Paraná.

Embora entendo e isso foi discutido com os alunos da pesquisa, que ser uma cidade pequena não seja de fato um problema, pode-se buscar no fenômeno do decréscimo populacional origens históricas relevantes. Ferreira (1995) exemplifica algumas características que as cidades pequenas podem apresentar:

Não é raro encontrarmos pequenos núcleos urbanos com problemas semelhantes aos dos grandes centros, como excesso de poluição, populações marginalizadas, favelas e cortiços, desemprego em grande escala etc... Ao mesmo tempo em que se pode encontrar no Brasil cidades pequenas, que abriga em sua área, indústrias e serviços os mais diversos, potencialidades para o turismo e mesmo centros de pesquisas e universidades que lhes permitem estar em contato simultâneo com todo o mundo. (FERREIRA, 1995, p. 44).

Como destacado no fragmento citado, o discurso de vantagens e desvantagens perante a questão de a cidade ser pequena se fez presente nas rodas de conversas; a cidade é bem-vista para se morar pelos alunos e habitantes.

Fato também descrito nas entrevistas realizadas pelos alunos, mas a falta de recursos e trabalho, principalmente, levantaram questionamentos das possíveis causas: “Altamira do Paraná hoje pelo tamanho da cidade, ela tem muitas conquistas que muitas cidades grandes não têm, o futuro a Deus pertence e tudo depende das próximas administrações e gerações” (Sr. (a) RIBEIRO, 2021, entrevistada por um grupo de alunos do 9^aA). “Altamira do PR, é o melhor lugar para se viver, porque é um local seguro, todo mundo se conhece (Sr. (a) SPACOV entrevistada por um grupo do 9^oA).

Podemos compreender aqui um exemplo da relação diretamente estabelecida pelo aluno entre o tamanho da população e possibilidades de emprego e renda. A continuidade do estudo complementa as leituras sobre a cidade, assim como a apresentação de suas virtudes:

³⁹Dados encontrados no site da Prefeitura de Altamira do Paraná, disponível em: http://altamiradoparana.pr.gov.br/pagina/78_Historia-da-Cidade.html . Acesso em 20 de abril de 2021.

Altamira tem suas vantagens e desvantagens. Uma das vantagens, a de que é uma cidade calma e o ar não é poluído, todos se conhecem. Suas desvantagens, é que se for preciso fazer um curso/faculdade temos que fazer exames e ir fazer em outras cidades (ALUNA 1, 2021, 9ªA).

Nesta perspectiva, a problematização e a investigação demandem um espírito de pesquisador, um ceticismo metódico e senso crítico mais aguçado, no sentido da busca de respostas para suas indagações, e impulsionaram o estudo sobre o suposto fenômeno do decréscimo populacional, direcionado para diferentes memórias dos moradores do município. Essas memórias são reveladoras não necessariamente de problemas, mas também de virtudes da História Local.

O desafio foi, então, partir de uma demanda por história dos alunos e da própria cidade, e tratar do processo de transformação local/regional, sem se perder de vista também a problematização do mito do crescimento urbano enquanto sinônimo de progresso. Também se trata de uma perspectiva histórica e sociologicamente problematizada por teóricos que tratam de uma história da modernidade lida a partir de possíveis entraves para o desenvolvimento urbano.

A título de exemplo, temos Ellen Meiksins Wood⁴⁰ (2001) em: A origem do Capitalismo⁴¹, que analisa a concepção naturalista dos estudos históricos sobre a formação do capitalismo para abordar o problema de maneira menos anacrônica – “questionar a colocação do capitalismo como algo natural e destacar suas maneiras particulares de representar uma forma social historicamente específica, bem como ruptura com formas sociais anteriores” (WOOD, 2001, p. 17).

Nessa abordagem as origens históricas do “capitalismo agrário”, com seu modelo de comércio de terras, durante o processo de acumulação de capital do espaço rural, que teve um grande impacto para a produção da riqueza dos ingleses, não gerada somente da produção industrial, mas neste caso, principalmente agrícola. “A transformação das relações sociais de propriedade enraizou-se firmemente no campo, e a transformação do comércio e da indústria ingleses foi mais resultado do que causa da transição da Inglaterra para o capitalismo”. (WOOD, 2001, p. 102). Conforme alerta a autora:

(...) precedentes do capitalismo agrário fez-se sentir em todas as esferas da vida econômica. Decerto é verdade que o capitalismo inglês surgiu no contexto de um sistema de comércio mais vasto, e não teria surgido sem ele.

⁴⁰ Ellen Meiksins Wood (1942-2016) foi uma historiadora que desenvolveu contribuições fundamentais para a teoria política marxista.

⁴¹ Refere-se a uma obra estruturada em torno da tese do “capitalismo agrário”, de Robert Brenner, e da “sociedade de mercado”, de Karl Polanyi, e que faz um balanço das interpretações das origens do capitalismo (naturalmente influenciadas pelas diferentes interpretações do próprio sistema capitalista).

Mas, contrariando as convenções que identificam a força propulsora do desenvolvimento econômico na atividade comercial, as “leis de movimento” econômicas nascidas na Inglaterra Rural transformariam as antigas regras do comércio... (WOOD, 2001, p. 106)

A autora defende que o capitalismo foi criado neste momento histórico, portanto, não nasceu nas sociedades mercantis e urbanas como almeja a visão tradicional, mas na Inglaterra rural. Desde então, os fazendeiros, para conservar suas terras, tiveram que se mostrar o mais concorrencial possível, aumentando sua produtividade. O trabalho, de acordo com Wood (2001) abre perspectiva de que seria necessário criar novas relações sociais para a real evolução da sociedade humana.

As discussões de Wood demonstram como o passado pode ajudar a compreender o presente, e no caso da nossa pesquisa, orientar a reflexão sobre expectativas diferentes no futuro. Minha apropriação da autora serve então para reafirmar a importância da atenção ao processo de desenvolvimento das narrativas históricas que demonstram consciência histórica genética/ontogenéticas.

Nesse caminho, pode-se questionar a narrativa única de que o futuro de uma cidade pequena necessite passar pelo crescimento populacional e comercial e esse discurso, por sua vez, está ancorado em determinadas leituras do passado, neste caso, de um suposto passado da industrialização do Ocidente.

Em outra contribuição Pagliarini (2009), em sua tese de mestrado, descreve que é possível acompanhar o fato de o processo de industrialização não apagar as práticas do universo rural. Pois as diferentes identidades inseridas no urbano são exemplos das formas de se viver que escapam ao planejamento público ancorado no progresso advindo da urbanização/industrialização. PAGLIARINI (2009, p. 60).

Não que esta forma de progresso seja na referida obra, negada, mas as permanências e práticas rurais na cidade indicam um espaço marcado por diferentes formas de se viver e narrar a cidade.

Assim, mais que uma linearidade e evolução, o texto demonstra a confluência de discursos e saberes rurais e urbanos que se misturam na cidade, caso próximo ao do município de Altamira do Paraná, marcado pela expectativa de um futuro de crescimento urbano, mas construído em práticas de uma cidade com população com cultura rural.

As preocupações dos alunos com a realidade sociodemográfica ancoram-se, portanto, em uma realidade comum aos familiares quando se remetem ao desenvolvimento histórico do

município, e ela está relacionada, principalmente, com a realidade de empregos e na projeção que fazem sobre a continuidade dos estudos. Como no trecho descrição da aluna a seguir:

Bom, sabemos que Altamira foi uma cidade muito populosa, chegou a acerca de 14 mil habitantes, mas com o passar do tempo a sua população foi diminuindo, qual será a causa? Bem, os ofícios de antigamente rendiam bem mais, a produção de óleo de hortelã, a produção agrícola, a produção de algodão, de milho e de feijão geravam bastante empregos, e antes o trabalho era braçal, via-se diversas pessoas em campo, hoje vemos máquinas. Um fato que também pode ter levado os habitantes de Altamira diminuir, é o fato de que antes produzia muito algodão em Altamira, mas houve uma praga que devastou a plantação de algodão, e assim as pessoas que trabalham colhendo algodão foram embora para outra cidade procurar emprego. Atualmente Altamira do Paraná tem em média 4 mil habitantes (ALUNA 1, 2021, 9ªA)

É significativa a interpretação histórica da aluna citada, e nela fica evidente a preocupação com a cidade enquanto lugar de emprego.

No ano de 2011 a Cooperativa Agroindustrial Consolata (COPACOL), junto com Cooperativa Agroindustrial União (COAGRU) e Cooperativa dos Produtores da Floresta Agroextrativista do Vale do Jari (COOPERFLORA), criaram em conjunto a Cooperativa Central (UNITÁ) na cidade de Ubitatã, ela foi inaugurada em 2013, e está voltado ao abate e processamento de carne de frango, o que gerou muitos empregos, inclusive aos habitantes de Altamira do Paraná, onde a empresa disponibiliza ônibus para deslocamento da cidade até a indústria próxima a Ubitatã⁴².

Muitos dos entrevistados pelos alunos destacaram que a possibilidade de irem trabalhar em outros municípios é um dos motivos que impediram sua migração da cidade:

Altamira para mim é um lugar bom de morar, mas vai demorar o certo tempo para crescer de novo, porque aqui não tem indústria, etc., mas aqui o povo é muito acolhedor muito simpático, só tem pela frente o progresso, Altamira do Paraná só vai crescer, esses abatedouros em Ubitatã estão ajudando muito (Sr. (o) PIRES, 2021, entrevistado pela Aluna 1, 3ªB).

Como citado acima, a questão de falta de emprego fica evidente nos debates sobre profissões com os alunos, quando muitos alegam que ao terminarem o ensino médio, gostariam de ficar morando no município de Altamira do Paraná, com os seus familiares, mas iriam trabalhar no abatedouro de frango, no município de Ubitatã, por não terem outra opção, demonstrando não quererem deixar o município, mas que a falta de emprego é um empecilho e impulsiona a migração para outras localidades.

42 A distância entre Ubitatã e Altamira do Paraná é de 65 km. Fonte: Rota Mapas.

Através do estudo dos relatos orais, foi possível reconhecer e entender situações e experiências relacionadas a crenças e valores individuais, de outros tempos e espaços, exercitando a empatia. E com a ambiguidade dessas e de outras fontes, foi produzida evidências e narrativas históricas, que poderão levar os alunos a repensar e reordenar padrões e valores assumidos como absolutos. Levar o aluno a refletir como são construídos esses registros, analisar suas experiências, pode impulsionar processos de mudança das relações na sociedade, e as expectativas futuras.

No terceiro capítulo apresentaremos a contextualização e descrição das atividades sobre a história de Altamira do PR, explicitando a importância da escolha de conteúdos significativos. O capítulo recupera as fontes da pesquisa e procura através da contextualização, não só situar os alunos em relação ao conteúdo substantivo, mas também em relação aos conhecimentos próprios da natureza da História enquanto ciência histórica, analisar os conceitos de segunda ordem e estruturar um processo de reflexão sobre práticas educativas.

As atividades desenvolvidas pelos alunos estão materializadas no primeiro momento do capítulo e tem como base as contribuições de Barca (2004) e Schmidt e Braga (2005/2006). Na Sequência, a partir da reflexão sobre este processo da pesquisa e dos resultados alcançados, o segundo momento do capítulo apresenta um material propositivo, denominado Unidade Temática Investigativa (UTI).

Esse material também está fundamentado na perspectiva da Educação Histórica, mas amplia sua metodologia e busca em Fernandes (2008) um aporte para a apresentação do material propositivo. Essas atividades seguem focadas na História Local e também estão voltadas para a produção e análise de narrativas históricas que tratam de memórias e a histórias de Altamira do Paraná.

CAPÍTULO 3

ELABORAÇÃO DA AULA OFICINA EDUCAÇÃO HISTÓRICA

3. Introdução

Nesse terceiro capítulo, delinearei o percurso metodológico e a contextualização das atividades sobre história da cidade de Altamira do PR. As análises conceituais, consultas de fontes, e construção de problemáticas tratadas nos capítulos anteriores embasam a análise de atividades produzidas pelos alunos.

A abordagem está estruturada a partir das questões referentes ao estudo da questão norteadora, o suposto fenômeno histórico do decréscimo populacional de Altamira do Paraná, desde sua emancipação (1982) até a realização pesquisa (2020/2021).

Tendo como desafio essa demanda por história que envolve o processo de transformação local/regional, sem se perder de vista também a problematização do mito do crescimento urbano relacionado ao alcance do progresso, busco apresentar o processo de desenvolvimento da consciência histórica expresso em narrativas históricas, que contribuam para vida prática dos alunos, e envolvam as expectativas futuras com a cidade e suas relações de alteridade.

Assim, a partir dos resultados da pesquisa apresentarei na segunda parte do capítulo uma proposição didática, que converge com a proposta deste Mestrado Profissional em Ensino de História e com a linha de pesquisa “Saberes Históricos e Espaços Escolares”, a qual apresenta usos de fontes históricas e produção de narrativas históricas na perspectiva do campo da Educação Histórica. Essas atividades apresentadas estruturam um processo de reflexão sobre práticas educativas e estão materializadas na construção e apresentação de um material propositivo de Unidade Temática Investigativa (UTI).

Essa escolha pela apresentação dos resultados da pesquisa em dois momentos permite ao leitor acompanhar a diferença entre a maneira como realizei as atividades junto com os alunos e a sua problematização e reapresentação final. Portanto, demonstra uma postura processual desta pesquisa.

3.1 Um aporte para a elaboração de aula oficina

A pesquisa e produção didática de nossa Oficina de Educação História foi realizada com a turma 9ºA do período matutino do fundamental II e com demais alunos do Ensino Médio

matutino e vespertino, interessados em participar do projeto, do Colégio Estadual Altamira do Paraná.

O município de Altamira do Paraná possui um único Colégio que oferta o Ensino Fundamental II e Médio. Segundo o Projeto Político Pedagógico⁴³ (PPP) dessa instituição, os alunos são oriundos, a metade urbana e outra metade rural, sendo que no período matutino a maioria vem do perímetro urbano. Os alunos que participaram do projeto de pesquisa estão na faixa etária entre 13 e 17 anos.

As comunidades rurais são longínquas e possuem alunos que residem até 33 (trinta e três) quilômetros de distância. O trajeto para colégio passa por estradas de chão, só há asfalto na PR que liga Altamira à Campina da Lagoa. Muitos deles são de famílias em situação de vulnerabilidade social, as quais recebem benefícios sociais e durante o período em que durou a Pandemia, como muitas famílias são cadastradas no Cadastro Único (CADÚNICO), receberam e/ou estão recebendo o Auxílio Emergencial.

Apesar das incertezas quanto à extensão das medidas sanitárias necessárias para a contenção da COVID-19 e os desafios que a organização do ano letivo de 2020 e 2021 nos apresentaram, a pesquisa prosseguiu por meio do diálogo com a Educação Histórica e com a temática de estudo, História local, denominado, Ensino de História, (Re)conhecendo as Memórias e Histórias de Altamira do Paraná⁴⁴.

No decorrer de 2020, primeiramente, iniciaram aulas presenciais até a data de 20 de março, a partir de então, foi necessária uma nova organização de estudos para os alunos, tanto daqueles que seguiram com o sistema remoto, com acesso à Plataforma, *Classroom* do programa Aulas Paraná, quanto daqueles que não possuíam acesso à Internet, os quais necessitaram do uso de material impresso em conformidade com o Plano de Trabalho Docente de cada série/ano.

O papel da escola e dos professores na forma de ensino remoto era o do acompanhamento e busca ativa dos alunos, assim continuamente evitando o abandono/desistência deles, principalmente via aplicativo *Whatsapp* e redes sociais. A partir de

43 Este documento é resultante da construção coletiva de todos os sujeitos da comunidade escolar: Equipe gestora, professores, alunos, pais, Agente I e II, na qual, buscou-se de um diagnóstico real. O PPP possibilita que a escola defina, quais conteúdos serão ensinados e o como, a partir da realidade social, cultural e econômica presente. Isto é, considera as especificidades dos estudantes da instituição de ensino.

44 Salientamos que os desafios enfrentados em virtude da pandemia causada pelo Coronavírus (COVID-19), demandaram a necessidade de adaptação e reorganização da proposta inicial do nosso produto didático, assim como as modificações advindas da troca de orientação dessa pesquisa, e de instituição de ensino ao qual lecionava, como já citado anteriormente.

agosto os professores desenvolveram suas aulas via *Meet* (Aulas Paraná – *Classroom*) em casa, bem como para os alunos que também tinham acesso à internet.

Essa organização permaneceu até meados de 2021, pois com a diminuição de casos de Covid-19, as aulas retornaram primeiro em modelo híbrido, no primeiro momento com o Ensino Médio, e depois as demais turmas do Ensino Fundamental II, ao final de agosto, e a partir de outubro todos foram retornando em rodízios e seguimos com retorno de todos presencial em novembro, seguindo o Protocolo de Biossegurança e mediante a autorização dos pais⁴⁵.

Mesmo nesse contexto educacional atípico, buscamos contribuir, a partir dessa experiência de pesquisa junto aos alunos na perspectiva da educação histórica, com o desenvolvimento de um modo de pensar historicamente, tendo como objeto um conteúdo substantivo determinado, a história local, junto da valorização da apropriação de conceitos de segunda ordem como os de tempo, evidência, e empatia, necessários para o desenvolvimento de uma literacia histórica⁴⁶.

Nesse processo de pesquisa, desenvolvemos uma unidade temática, embasada em preceitos teórico-metodológicos no campo de pesquisa da Educação Histórica, no modelo de Aula-Oficina (BARCA, 2004). Nela o aluno é o principal protagonista do processo de pesquisa, na construção de conhecimento e no contato com a epistemologia da história. A Aula-Oficina de Barca, (2004) pode ser descrita com a seguinte estrutura:

1. Recolha inicial de dados sobre as ideias prévias dos alunos acerca de um conceito substantivo, selecionado dentro de uma determinada unidade em estudo.
2. Análise das ideias prévias dos alunos segundo um modelo (simplificado) de progressão conceptual: categorização das ideias de alunos desde ideias incoerentes e alternativas até às relativamente válidas.
3. Desenho, planeamento e implementação de uma unidade temática tendo em conta um refinamento progressivo das ideias históricas dos alunos previamente diagnosticadas.
4. Recolha de dados sobre as ideias dos alunos a posteriori, aplicando o mesmo instrumento do momento inicial.
5. Aplicação de um instrumento de metacognição aos alunos para monitorizar o processo de ensino e aprendizagem.

(Adaptado de BARCA, 2012, p. 47).

Nesse modelo, o professor tem a função de investigador social, e o aluno proposto como criador do próprio conhecimento. Segundo a autora supracitada, o Ensino de História deve ser focado na instrumentalização e não nos conteúdos, como ocorre no ensino tradicional de

45 Quando se excedia o número permitido de alunos por turma, ocorria revezamento semanal dos alunos, e em novembro de 2021 os alunos sem comorbidades teriam a obrigatoriedade de voltar as aulas presenciais.

46 A literacia histórica instrumentalizaria o aprendiz a romper com o senso comum e fomentaria a consciência histórica e sua função prática (RÜSEN, 2001).

História. As competências devem ser desenvolvidas de forma gradual, buscando um modo de que os alunos possam desenvolver uma estrutura de pensamento histórico para a vida prática.

A Aula-Oficina se desenvolve a partir da definição de uma temática, em seguida o docente investiga os conhecimentos prévios que os alunos possuem sobre os temas, não só no ambiente escolar, mas em seu cotidiano.

Posteriormente, os conhecimentos tácitos são classificados, podendo ser tabulados juntos com os alunos, e analisados para que seja desenvolvida e executada uma intervenção pedagógica, procurando-se desta maneira construir um processo de transformação de conhecimentos tácitos em conhecimento histórico. Isso ocorre a partir de um processo de cruzamentos de diversas fontes de pesquisa, de construção de evidências e de contato com a ciência histórica, para que assim se possa demonstrar com o elemento da comunicação, um maior nível de elaboração nas narrativas históricas.

Essas narrativas podem ser construídas de diversas formas. O elemento final da Aula-Oficina é denominado de metacognição, o qual o aluno construiu novas narrativas históricas sobre a temática abordada para ser comparada com a primeiras narrativas relacionada aos conhecimentos tácitos, para verificação de mudanças na percepção do conhecimento histórico, com objetivo de fazer os alunos pensarem sobre como aprenderam, o que mais gostariam de aprender, o que mais gostaram nas aulas.

Na sequência, serão apresentados os resultados da pesquisa e atividades realizadas pelos alunos.

A metodologia no modelo de Aula-Oficina teve início com a busca pelos conhecimentos tácitos dos alunos ao se levantar os conceitos envolvidos no ensino de História e na história e sua significância naquilo referente à história do município de Altamira do PR.

A metodologia envolveu a realização de rodas de conversas realizadas pelo *Google Meet*, uso de questionários, da atividade chuvas de palavras, e da produção de narrativas textuais sobre “o que sabiam” e sobre como poderiam acessar e produzir memórias e história de Altamira do Paraná. Na sequência, procuro classificar e categorizar as respostas.

Após a análise dos conhecimentos tácitos, procuramos construir uma intervenção pedagógica. Selecionei o conceito de “progresso”, e refleti sobre como ele se apresentava em diversas fontes históricas, como em algumas entrevistas realizadas pelos alunos, reportagens escritas e vídeos online.

Saliento que, devido ao contexto pandêmico, a busca por fontes foi exaustiva, pois tanto em aulas via *meet* online, como em materiais impressos e retorno as aulas presenciais houve

“rodízios” de alunos, tornando-se uma atividade repetitiva para alguns e tendo ausências de outros, o que dificultou o processo de construção de evidências.

Concomitantemente com as dificuldades das aulas remotas procuramos explicar a diversidade de perspectivas que os sujeitos históricos de uma determinada época possuíam em relação a determinados acontecimentos históricos a partir de suas memórias, buscando com isso exercitar a empatia e alteridade, dialogando com as diferentes perspectivas de opiniões, suas intencionalidades e sua relação com a ciência, explanando a importância de tomar decisões fundamentadas.

Na sequência, foi desenvolvida a prática do exercício de interrogação das fontes e o levantando hipóteses a partir de informações implícitas, confrontando-as na construção em evidências e procurando com isso chegar o mais próximo possível de um suporte de legitimidade, descobrindo como se processa a história e evidenciando os conceitos de metacognição como ferramentas para a construção do conhecimento histórico sobre a história local. Assim os alunos poderiam se posicionar diante de questões sociais discutidas.

A avaliação de metacognição histórica se deu com a comparação entre as primeiras e as últimas narrativas históricas produzidas pelos alunos, diante da finalidade de investigação sobre se houve mudanças na produção das narrativas expressas pelo tipo de consciência históricas dos alunos, inferindo nos resultados e vislumbrando os pontos positivos e os negativos no processo da pesquisa.

3.1 As Atividades desenvolvidas com os alunos: (Modelo - Aula Oficina)

Buscando sistematizar o percurso realizado, a Oficina foi dividida em três etapas, descritas abaixo. A primeira sequência de atividades, respectivamente, Atividades um, dois e três preocuparam-se com uma espécie de Introdução à História. Assim, neste primeiro momento, o objetivo foi o estudo dos conhecimentos tácitos dos alunos sobre epistemologia da História e a história local, relacionando, para tanto, aspectos teóricos aos práticos.

A segunda sequência de atividades, Atividades quatro, cinco e seis, buscaram um exercício de contextualização e consideraram usos de conceitos e fontes históricas: atividades de contextualização da pesquisa, com conceitos (meta históricos) de história, memória, tempo, evidência e trabalho, conforme cada ano/série (conceitos substantivos), análises e produção de intervenção pedagógica, tendo como ênfase a construção de evidências sobre a história local, de Altamira do Paraná.

A última atividade, a Atividade sete, preocupou-se com a produção das Narrativas Históricas e com a socialização dos conhecimentos produzidos. Essa última atividade permitiu ainda a problematização do conteúdo; análise do resultado do levantamento de fontes; elaboração, afirmação e/ou refutação de hipóteses.

O embasamento teórico dessas atividades aciona uma abordagem sobre a orientação temporal e a construção de um pensamento histórico com conceitos substantivo e com ênfase nos conteúdos estruturantes/meta-históricos. Na sequência apresentamos alguns resultados dessas atividades.

Atividade 1: organizando a pesquisa

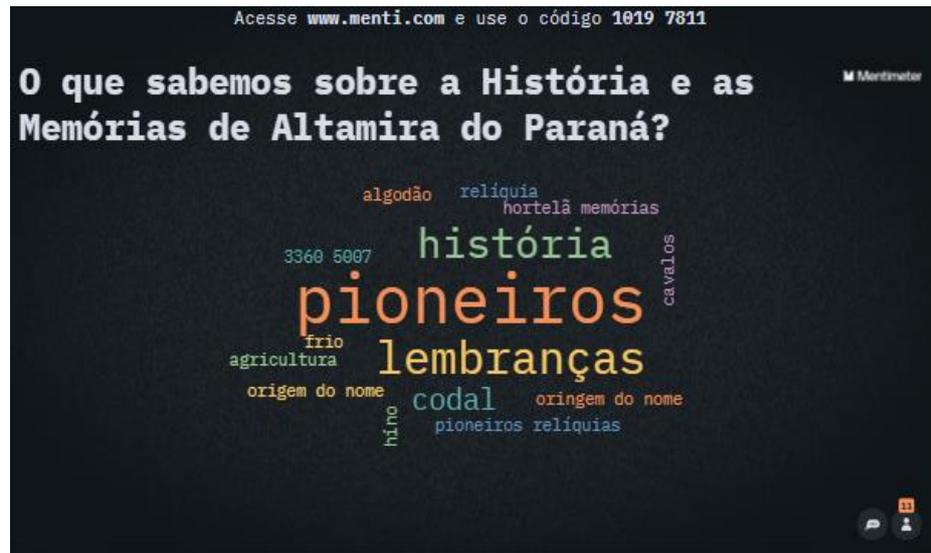
Aula Oficina - Fase 1. Dados sobre as ideias prévias dos alunos acerca de um conceito substantivo, selecionado dentro de uma determinada unidade em estudo.

Iniciamos a aula com diálogo e questionamentos que trouxeram reflexões sobre conhecimentos tácitos dos alunos em relação ao ensino de história e a história local. Nas aulas online que ocorreram no início do ano letivo de 2021, foram discutidos conceitos de história, memória e fontes históricas, apresentação da proposta de trabalho e elaboração de narrativa histórica: escrita sobre a história de Altamira do Paraná.

Parti de perguntas do tipo: o que sabem, conhecem, reconhecem e compreendem sobre a história do nosso município? O objetivo foi introduzir a temática e despertar o interesse pela pesquisa sobre história e história local.

Muitos alunos alegaram “não saberem nada sobre a história do município”, e a primeira atividade foi uma atividade de chuva de palavras (ou *Tag Cloud*), na qual poucas palavras apareceram, e todas relacionadas a conceitos substantivos, tais como: “pioneiros, primeiro prefeito, emancipação, CODAL, cidade pequena, poucos habitantes”.

Figura 3 - Chuva de Palavras (Ou *Tag Cloud*)



Fonte: própria autora.

Tornando evidente e necessário superar o “ouvir falar”, a recepção do conteúdo para memorização, discutimos a respeito de informações sem origens concretas e refletimos sobre relativizações de fatos, de formulações anacrônicas e a importância de elucidar conteúdos, conceitos e a utilização de métodos investigativos. Aqui debati juntamente aos estudantes sobre: o que é uma *fake news*? Assistimos aos vídeos, via *Google Meet*, “A História: Um antídoto às *fake News*”⁴⁷ (2018), de Luiz Estevam de Oliveira Fernandes e “Leandro Karnal ⁴⁸ – *Fake News*” (2019).

Voltamos ao debate para repensar os conteúdos dos vídeos e pensar a relação entre a história e o método histórico com a história da “vida prática”. No processo de reflexão sobre “desconfiar” e contextualizar as chamadas “*fake news*”, conforme sugerem os historiadores Karnal e Fernandes, os alunos sentiram-se desafiados a buscar, formular e solucionar situações problemas trazidas por questões do presente, principalmente em relação a história local.

Ainda foram produzidos textos, dos quais alguns trechos compõem esta dissertação. Por vezes, os alunos apontaram a possibilidade de investigações sobre as memórias dos habitantes da cidade.

47 “A História: Um antídoto às *fake news*” (2018), de Luiz Estevam de Oliveira Fernandes. Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=QJ39IUYQ4t4> . Acesso em 10 de setembro de 2021. Luiz Estevam de Oliveira Fernandes é Doutor em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas.

48 *Fake News* (2019) .Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ekmmvqWHTYA> . Acesso em 10 de setembro de 2021. Leandro Karnal é professor, historiador, graduado em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e doutor pela Universidade de São Paulo (USP).

Atividade 2: debate sobre o conhecimento histórico

No período de aulas remotas via *Google Meet*, e em conjunto com os alunos, optamos pelo tema da História local, e assim optamos pelo foco no desenvolvimento econômico e social, no intuito de se investigar aspectos de mudanças e permanências nas relações econômicas e sociais, buscando possíveis hipóteses para a questão levantadas pelos próprios alunos.

Os alunos também responderam alguns questionários sobre: história como disciplina e a memória. A aula foi desenvolvida via *Google Meet* com objetivos de trabalhar as questões: O que é a História? Para que ela serve? Como é o ofício do historiador? A história e a Memória, são iguais? O que são fontes históricas? Quais são os tipos de fontes históricas e sua importância?

Em suma, as respostas as mais variadas possíveis, tais como: “História é para conhecer o passado”; “Para buscar conhecimento, para saber se realmente aquilo é verdade”; “História serve para entender como as coisas aconteceram”; “Historiador estuda o passado”; “História está nos livros e a memória na cabeça”; “são coisas que traz informação do passado”; “Existem fontes materiais e imateriais, elas ajudam a contar o que aconteceu”.

É possível perceber nas respostas dos estudantes que a história acaba sendo vista como “verdade absoluta”, distante das leituras de mundo dos mesmos, e a valorização da memorização de fatos sem questionamentos, contextualização, sem significância para a vida prática dos alunos.

A partir desta discussão, os alunos foram sondados sobre o que eles sabiam e/ou ouviram falar sobre o município de Altamira do Paraná, sobre o que gostariam de saber sobre a cidade, sua origem, a história, se tinham conhecimento sobre fontes históricas acerca disso? Se suas famílias guardavam alguma fonte histórica em casa? Se tivessem, quais seriam? O que poderia significar cada uma delas?

Aula Oficina- Fase-2. Análise das ideias prévias dos alunos segundo um modelo (simplificado) de progressão conceptual: categorização das ideias de alunos desde ideias incoerentes e alternativas até às relativamente válidas.

Durante a análise dos conhecimentos tácitos, para a preparação da intervenção pedagógica, os alunos alegaram que sempre escutavam muitas pessoas questionarem porque o município vinha perdendo tantos habitantes nos últimos anos e também gostariam de saber o porquê do decréscimo populacional, e mesmo, das causas da configuração populacional atual.

Levantou-se como hipótese principal a causa o êxodo rural/urbano para cidades maiores devido à falta de oportunidades de emprego, e quando questionados se essas seriam as únicas

causas e quais poderiam ser as possíveis soluções, foram poucas as respostas e quando elas ocorreram, elas se deram sem consenso entre eles, com respostas sem embasamento, como já descrito em narrativas de moradores e alunos no segundo capítulo dessa dissertação.

Aqui corroboram à análise de tal problemática trazida para o ensino, as autoras Schmidt e Garcia quando destacam que: “a investigação e a análise dos conhecimentos prévios também serviriam de ponto de partida para a seleção das fontes, materiais e problematizações que serão trabalhadas em aula” (SCHMIDT; GARCIA, 2006. p. 22).

Foi a partir desses elementos analisados em relação aos conhecimentos tácitos dos alunos, sobre História e a história local, que organizamos a intervenção pedagógica, oportunidade quando tratamos a realização de uma pesquisa com fontes históricas, como pistas para se compreender e discutir sobre diversos conceitos envolvidos na construção da História.

Atividade 3: pesquisa sobre a cidade

Aula Oficina- Fase- 3. Planejamento e implementação de uma unidade temática tendo em conta um refinamento progressivo das ideias históricas dos alunos previamente diagnosticadas.

No terceiro momento colocamos em prática a busca por fontes históricas sobre a cidade, e os resultados seriam apresentados via *Google Meet* aos colegas. Os alunos pesquisaram e trouxeram distintas fontes para a atividade e as apresentaram como objetos de estudo úteis para auxiliar o processo de interpretação do passado, com suas variadas informações sobre período de produção, formas de utilização originais, intenções as suas utilizações posteriores, para além da forma original, e como tais fontes perduraram ao longo do tempo. Com essa abordagem procurei demonstrar que não só os grandes monumentos ou importantes documentos escritos ou não que pode servir de objetos de estudo do passado.

Durante o processo de pesquisa buscamos a valorização e respeito das experiências dos vizinhos e familiares, descobertas sobre memórias, que trouxeram maior ligação afetiva entre os envolvidos, descobertas de relíquias (objetos, cartas, fotos), origens de sobrenomes. Essas pesquisas contribuíram com a compreensão e o exercício da alteridade em um contexto social. Assim como foi possível perceber prováveis silenciamentos em alguns entrevistados que relatam aos alunos que não queriam falar sobre determinados assuntos, por se tratar de tempos difíceis e não quererem revivê-los por memórias.

Ainda, ao longo das atividades, abarcamos debates sobre silenciamentos na história, analisamos semelhanças e diferenças entre espaços e tempos diferentes, em um processo de conscientização e construção identitária individual e coletivas. Buscamos perceber quais fatos

muitas vezes são silenciados e impostos pela sociedade, violência domésticas, perseguições políticas entre outras.

Discutimos sobre a memória dominante e seus enquadramentos, e sobre memórias subterrâneas, muitas vezes acessíveis por meio da história oral. “O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais” (POLLAK, 1989, p.5). Os alunos questionaram uma visão segundo a qual, o que não fosse relatado, não tivesse sido vivido e pudesse ser apagado da história.

Nesta atividade alunos entrevistaram moradores, e para tanto buscaram uma postura ética e o cuidado ao tratarem de “silenciamentos”; foi ressaltado a leitura e interpretação de documentos de modo implícito e explícito, buscando informações com responsabilidade e percebendo como se produz conhecimento.

Assim, nesse processo, por obter fontes de confirmação ou refutação e depoimentos foi orientada por atitudes de respeito pelas trajetórias dos familiares e pessoas da comunidade. Como no depoimento da Sr. (a) Pereira: “Não guardo muita coisa do passado não, era muito sofrido aquela época”. Entrevistada por alunos do 9ºA.

Na sequência, após a organização e classificação e construção de evidências dos documentos foram pensadas as organizações/interpretação das entrevistas. Isabel Barca descreve que é necessário que “[...] os alunos experimentem procedimentos metodológicos que permitam selecionar e interpretar fontes, tirar conclusões e avaliá-las por comparação” (BARCA, 2005, p. 15-16).

Ao tomar contato com as fontes, o aluno aproxima-se do próprio sentido da história, evidenciando o processo de investigação histórica, os alunos coletaram documentos antigos junto aos familiares: fotografias, objetos, entre outros.

Buscamos também na biblioteca do colégio Estadual e Municipal, na biblioteca cidadã municipal e na internet, elementos acerca da história do município de Altamira do Paraná para seleção após as entrevistas. Outra atividade proposta foi a da elaboração de uma cápsula do tempo, nela os alunos pesquisaram sobre como eram produzidas cápsulas do tempo e quais eram suas características, para seguirem os modelos escolhidos.

Ponderamos junto aos alunos escolher objetos e cartas, criamos uma cápsula com rótulo de identificação, contendo objetos referentes ao momento presente, com significância a eles como sujeitos históricos, (muitos elaboraram cartas, assim como eu, outros trouxeram objetos como máscaras e até uma medalha de cunho esportivo) isso, com todos os cuidados de biossegurança no contexto pandêmico.

Alguns alunos se dispuseram a ajudar, mediante devida autorização dos pais, a cápsula foi enterrada no pátio do Colégio Estadual Altamira do PR em novembro de 2020, para ser desenterrada e aberta em dezembro 2023, quando eles estiverem terminando o ensino médio.

Figura 4 - Cápsula do tempo produzida pelos alunos do 9ºA.



Fonte: autora.

Posteriormente, analisamos o que tínhamos e o que buscávamos, indagações sobre o número de habitantes do município nas últimas décadas, foi ser tornando a principal problemática de investigação. Com o intuito da experimentação do processo histórico, pesquisamos fontes sobre a questão demográfica que tanto os intrigavam, para que os alunos atuassem com autonomia para investigar e relacionar os conhecimentos que possuem, problematizá-los, significá-los, produzir e partilhar seus conhecimentos e usá-los na sua vida prática.

Encontramos fontes escritas online em jornais, redes sociais, reportagens em vídeos e sites de pesquisa sobre o tema. Esse material será apresentado na proposta da Unidade Temática Investigativa. Ocorre que não foi possível, devido a circunstâncias já destacadas anteriormente, do contexto pandêmico, reunir as fontes para cruzamento geral.

As fontes acabaram por ir surgindo aos poucos, e o processo de análise se deu da mesma forma, às vezes online, às vezes com alguns alunos, às vezes com outros, e com a transferência de cidade/colégio a impossibilidade dessa organização junto a eles.

Atividade 4: visita aos museus

As já citadas dinâmicas de debates dos conhecimentos tácitos dos alunos e das fontes históricas no ensino de história estruturaram a atividade de visita aos museus. Indubitavelmente, essa gama de fontes e suas diversas representações interferem nas interpretações indutivas.

Como ainda estávamos em período pandêmico, fizemos uma visita online via Google *Meet* ao Museu de Artes e Ofícios de Minas Gerais⁴⁹, como forma de demonstrar outros ambientes de aprendizagem histórica, bem como a importância e variedade de documentos não escritos, como eles contribuem para a compreensão de outros tempos e espaços, elaborando questionamentos com senso crítico para construção do conhecimento histórico.

Para apresentar esta atividade, trago exemplos das falas dos alunos, como: “(...) os documentos ajudaram a compreender a história de Altamira e a tirarem algumas dúvidas (...)”; e: (...) podemos comparar objetos e fotos para entender um pouco mais como as coisas mudaram”; ainda: (...) pudemos perceber que também temos em casa, muita coisa que ajuda a contar a história”.

Também realizamos uma visita online ao portal do Museu da Pessoa, uma instituição que trata da inclusão dos idosos e da valorização da memória e da história oral⁵⁰, para que os alunos refletissem sobre sujeito histórico, memória individual e coletiva, e para que percebessem que as histórias de vidas são fontes de conhecimento.

Houve a análise da linha do tempo do Museu da Pessoa e outros modelos como sugestões, para os alunos criarem a linha do tempo sobre a história de seus familiares até a vida atual deles e perspectivas para futuro.

O acervo permitiu tratar de diferentes temáticas, e conforme já citado, prevaleceu o interesse nas formas de trabalho e ofícios. Como a questão da falta de oportunidade de trabalho foi apontada como uma das principais causas da diminuição de habitantes do município, desenvolvi atividades de pesquisa sobre formas de ofício do passado e do presente municipal, atividade que envolveu entrevistas com vizinhos e familiares.

Os alunos pesquisaram os significados do conceito trabalho, como esse conceito surgiu, reagiu às mudanças provocadas pelo tempo, mostrando o movimento dialético da história. Fizeram pesquisa sobre as formas de trabalho que extinguíram, contribuíram e se

49 O Museu de Artes e Ofícios – MAO é um espaço cultural que abriga e difunde um acervo representativo do universo do trabalho, das artes e dos ofícios no Brasil. Disponível no endereço eletrônico: <http://mao.org.br/>. Acesso em 20 de outubro de 2021.

50 O Museu da Pessoa é um museu virtual e colaborativo de histórias de vida aberto à participação de toda pessoa. Fundado em 1991, o Museu da Pessoa acredita que contar, escutar, conhecer e preservar histórias de vida pode mudar seu jeito de ver o mundo. Disponível em: <http://www.museudapessoa.net/>, acesso em 20 de outubro de 2021.

transformaram na história, as que admiram e pretendem exercer e quais poderão ser as novas profissões do futuro.

A pesquisa sobre profissões do passado, presente/futuro pode ampliar as perspectivas dos alunos em relação as expectativas de profissões no mundo do trabalho. E partindo do ofício do historiador explanamos sobre a importância dos métodos históricos na vida prática, assim com as semelhanças com outras profissões.

Na sequência, com o intuito de incentivar a habilidade de pesquisa, os alunos, em grupos e/ou individualmente, buscaram informações sobre ofícios do passado, presente e expectativas futuras em relação a história local. Concluindo a atividade foram elaboradas questões levadas para vizinhos e familiares.

ATIVIDADE SOBRE PROFISSÕES

- 1- Pesquise quais profissões existiam e não existem mais?
- 2 - Quais profissões são promessas de sucesso para futuro?
- 3 - Quais profissões você mais admira? Por quê?
- 4 - Qual profissão pretende ter? Por quê?
- 5 - Quais são as principais profissões presentes em sua família?
- 6 - Quais profissões existem hoje que podem vir a desaparecer no futuro? Justifique:
- 7 - Pesquisar fontes históricas das diversas formas de ofícios que fazem parte das memórias de sua família e da comunidade:
- 8 - Quais as formas de ofício (trabalho) da nossa cidade permaneceram até os dias atuais quais desapareceram? Explique:
- 9 - Quais mudanças foram provocadas e ainda são, em nossa cidade pelas formas de ofícios? E na sua família? Justifique:
- 10 - Atualmente o que precisa ser feito para que as diversas formas de ofício contribuam para os desenvolvimentos de nossa cidade? Explique:

Buscou-se na mediação da pesquisa, motivar a habilidade de pesquisador e o senso crítico dos alunos em relação ao campo de horizonte dos estudos de história. Ao entrar em contato com a materialidade das fontes e do trabalho do historiador para produção de conhecimento histórico, aproximando-os dos conceitos de segunda ordem, como: fontes históricas, evidências, memória e tempo histórico, para evidenciar que o conhecimento histórico é construído a partir de vestígios deixados por sociedades de determinadas épocas e espaços.

Em outro episódio de aula, os alunos pesquisaram antigas profissões analisando as mudanças e permanências no mundo do trabalho. Encontraram relatos de profissões exercidas por vizinhos e familiares, tais como “Os ofícios que permanecem até os dias atuais agricultura e a pecuária, professor, mercearias, vendedores de leite (...); já quanto aos ofícios que desapareceram, foram: “boia fria”, empregados de máquina de arroz (pessoas que limpavam o arroz), parteira, (...) benzedeira, crianças vendendo sorvete (...)”⁵¹.

Na sequência, após o retorno das aulas presenciais, foi possível realizar visita aos locais mais comentados pelos alunos nos depoimentos, identificando os patrimônios históricos e/ou bens culturais da cidade, também fizemos uma visita ao Museu Pe. Vitor Coelho⁵² do município de Altamira do Paraná e Paróquia Nossa Senhora Aparecida.

A visita ao Museu Pe. Vitor Coelho objetivou conhecer o acervo local, e como ele ajudava a conhecer a cidade, muitos alunos desconheciam sua existência. Após as aulas teóricas e práticas, sobre fontes históricas, tínhamos o intuito que aluno trouxesse consigo, além de um olhar contemplativo, também o interpretativo e crítico, na medida que conseguissem articular os objetos com seus contextos e lhes confirmassem significados.

Registramos a visita, desenvolvemos atividades de interpretação e fizemos a contextualização em sala sobre essa experiência. São trechos de algumas respostas dos alunos: “Nossa, muita coisa que tem lá, minha vó também guarda, não tinha parado para pensar que ajudava a contar nossa História!”, “As fotos ajudam muito a entender como muitas coisas e lugares mudaram e outras não, os objetos também, tem coisa lá que nunca tinha visto, não sabia para que servia, como aquele retroprojeto e mimeografo”⁵³.

51 Citadas pelos alunos do 9ºA.

52 Museu Padre Vitor Coelho, foi criado em homenagem ao Padre, que foi um dos maiores divulgadores da devoção a Nossa Senhora Aparecida. O museu está à disposição da comunidade para agendamento de visitas e também para o recebimento de peças históricas que possam enriquecer o acervo e a cultura e que ajude a contar a história do município e região. Disponível em: <https://www.diopuava.org.br/?id=2111> . Acesso em 20 de novembro de 2021.

53 Citados pelos alunos do 9ºA.

Figura 5- Parte do acervo do Museu Padre Vitor Coelho



Fonte: autora.

Outra preocupação foi proporcionar compreensão de patrimônios considerados históricos no município, ou como não se tratam de patrimônios tombados, de bens culturais. Para esta atividade parti do pressuposto segundo o qual o conhecimento não é construído somente no espaço escolar, mas, também, por meio das relações entre espaços, memórias e experiências, que são formadores das identidades dos sujeitos. Por tanto é necessário a valorização desses espaços de memórias sua dinâmica social.

A questão da memória impõe-se por ser base da identidade, e é pela memória que se chega à história local. Além da memória das pessoas, escrita ou recuperada pela oralidade, existem os “lugares da memória”, expressos por monumentos, praças, edifícios públicos ou privados, mas preservados como patrimônio histórico. Os vestígios do passado de todo e qualquer lugar, de pessoas e de coisas, de paisagens naturais ou construídas tornam-se objeto de estudo. (BITTENCOURT, 2009, p. 169).

Conforme autora supracitada defende, os vestígios do passado estão presentes em diversos espaços, e devem ser reconhecidos e pesquisados. Durante as rodas de conversas com os alunos denotamos que é necessário chamar a atenção para os usos ideológicos do passado e que a memória histórica muitas vezes constitui “lugares de memória”, estabelecidos pela sociedade e pelos poderes constituídos, que escolhem o que deve ser preservado e lembrado e o que deve ser silenciado e “esquecido” (POLLAK, 1992, p. 2), aqui retomei os debates sobre “silenciamentos” e a questão de sujeitos históricos.

Nesse sentido, os alunos foram convidados a percorrer a cidade reconhecendo esses espaços de memórias, e destaco o atual cemitério municipal da cidade, o Cemitério São Luís. O local se mostrou um grande centro de memória e de reflexão histórica.

Os alunos reconheceram sepulturas de entes queridos, sentimentos de empatia por perda de conhecidos e análises de mudanças e permanências nesses locais, em diferentes tempos e espaços.

Figura 6 -Estudo de campo ao Cemitério Municipal São Luís



Fonte: Autora.

Caminhamos, analisamos e refletimos sobre as memórias contidas pela cidade, nesse percurso fomos até a Casa da Cultura Flávio José Ribeiro dos Santos, ao Museu Pe. Vitor Coelho, ao monumento de Nossa Senhora Aparecida, a Igreja Católica Nossa Senhora Aparecida, ao Ginásio de Esportes, Prefeitura, Praça Pública, Lago Municipal, ao Parque Ecológico Municipal e ao Campo de Futebol onde partilhamos de um piquenique ao final do trajeto, (feito em parte de ônibus, disponibilizado pela prefeitura municipal).

Os alunos relataram durante o reconhecimento dos lugares lembranças diversas dos familiares e troca informações adversas que poderiam ser analisadas em outro momento. Passaram a reconhecer determinados espaços como portadores de memórias.

Evidencia-se assim, o significado para a análise e reflexão histórica das experiências individuais e coletivas dos sujeitos próximos ao convívio dos educandos, valorizando o conhecimento histórico que pode abranger também sua família e a comunidade na construção do pensamento histórico, algo que passa também pela empatia, respeito pelo saber do outro, troca de experiências e alteridade.

Ainda sobre as atividades desenvolvidas com os estudantes, após assistirem o curta intitulado “Dona Cristina perdeu a Memória”⁵⁴ de Ana Luiza Azevedo da Casa de Cinema de

54 O curta metragem *Dona Cristina Perdeu a Memória*, de ficção gaúcho, de Ana Luiza Azevedo, mostra a relação de amizade que se constrói entre uma senhora e um garoto, que e se dá conta que a senhora se esquece de alguns dados e que conta histórias desencontradas, aos poucos, ele vai entendendo a situação e, reconhece que tem muito a aprender com ela e que a memória é aquilo que construímos afetivamente. Disponível em: <https://vimeo.com/240478265>. Acesso em 20 de outubro de 2021.

Porto Alegre, analisamos conceitos que dizem respeito ao fato e ao registro histórico, memória, história e identidade.

Debatemos sobre vários conceitos meta-históricos, sobre como seria o trabalho do historiador. Quais seriam as “provas” de que um fato realmente aconteceu? Se a história e/ou a historiografia é inquestionável? Se ela não for, o que torna ela confiável? Se é possível mais de uma versão sobre o mesmo fato? Sobre o que é memória individual e coletiva. Como os livros didáticos adotam uma versão dos fatos? Se é possível consultarmos fontes diversas para checar alguns acontecimentos?

Aqui também foram incitados a refletirem sobre a “alteração” ou a omissão e novas descobertas ao longo da História, como os acontecimentos históricos pode comprovar, refutar, complementar ou alterar a produção historiográfica já existente.

Alguns respostas descritas pelos alunos de forma geral: A história usa métodos, a memória não, a memórias precisar ter outras fontes para saber ou lembrar como as coisas aconteceram, a História cria evidências, cruzando um monte de fontes históricas, a história tenta chegar mais próximo possível do que aconteceu, mas sempre estão descobrindo coisas, a memória individual é o que eu consigo lembrar, a coletivas traz o máximo de informações sobre o fato de todo mundo, podendo ser uma pista falsa ou verdadeira aquilo que alguém contou diferente, o trabalho do historiador parece de advogado e detetive , busca pistas para tentar defender o que julga correto⁵⁵.

Analisamos a afirmativa de que a memória não é falsa, mas, sim, subjetiva. Voltamos ao conteúdo do vídeo do Karnal (2019) sobre métodos históricos, segundo o qual a memória está dentro da ciência histórica e que a História também está contida na memória, refletindo que o Histórico é o que permite o surgimento do ofício do historiador e a autonomia e especificidade da ciência histórica, incluindo aí as noções básicas de como se dá a dinâmica do ofício do historiador.

Atividade 5: linha do tempo

Após explicações e exercícios de noções básicas sobre os conceitos de Tempo Histórico e Tempo Cronológico, junto aos alunos, discutimos os significados de marcos e rupturas para facilitar a compreensão de como podemos construir uma Linha do Tempo e as diversas formas que ela pode ser elaborada, sendo ela, também, uma forma de narrativa do tempo.

⁵⁵Respostas dadas pelos alunos do 9ªA.

Em síntese, a atividade proposta foi a da elaboração de uma linha do tempo, que poderia ser elaborada em diversos modelos, apresentada e composta por fatos da vida dos alunos e de sua família, sobre passado, presente e expectativas para o futuro. Cada aluno ainda deveria pesquisar sobre que acontecimentos históricos teriam acontecido na localidade, estado, país ou no mundo, nos períodos destacados em sua vida.

Assim, os alunos fizeram uma pesquisa de coleta de dados e elaboraram uma linha do tempo, contextualizando outros tempos e espaços, fazendo exercício de alteridade em contextos sociais. Em sala, cada participante deveria escolher um episódio de sua vida para compartilhar com o grupo, e formamos assim uma “Roda de histórias”, nela o aluno pôde perceber-se como autor da história, bem como descobrir o valor da história do outro.

Todos tiveram a oportunidade de falar e ouvir a história de cada um, assim estipulamos o tempo razoável para cada um, ressaltamos a importância da empatia e respeito, no qual os fatos das histórias não deveriam ser alvo de juízo de valor pela turma. Dessa forma, foi possível discutir e identificar os principais marcos e rupturas, semelhanças e diferenças que aparecem em suas linhas do tempo.

Como exemplo, foram descritos em várias linhas do tempo, avanços tecnológicos, mudanças sociais, (até mesmo as vestimentas que aparecem nas fotos foram evidenciados por eles, no suposto vai e vem da moda atual), fatos trágicos como guerras, atentados e acidentes, e alguns demonstraram preferências em certas temáticas, vários fatos sobre copas do mundo/conquista de títulos por times de futebol, e fatos atuais em evidência nas mídias como o “Caso Lázaro”⁵⁶ ocorrido em 2021.

⁵⁶ Em 9 de junho de 2021, homem invadiu uma chácara e matou quatro pessoas no Distrito Federal. Depois do crime, Lázaro fugiu durante 20 dias até ser morto pela polícia de Goiás.

ter meu próprio dinheiro e continuar aqui em Altamira do PR, perto da família”, “Para o presente e futuro, gostaria que não tivessem mais guerras”⁵⁷.

Cada cronologia produzida pôde ser entendida como um novo “documento”, que merece ser preservado como fonte da história do aluno. Portanto, vale a pena identificá-lo, imaginando que outras pessoas poderiam consultar.

Atividade 6: roteiro para as entrevistas

Em relação a metodologia da produção de entrevista, tivemos que pensar nos cuidados referentes ao contexto pandêmico do Covid-19. Assim alunos foram instruídos sobre como realizar entrevistas com familiares e moradores mais antigos da comunidade, tomados os devidos cuidados em relação à pesquisa e o protocolo de biossegurança. A escolha foi pela utilização da História Oral Temática (MEIHY, 2011)⁵⁸, a qual teve como objetivo a investigação das memórias coletivas e individuais sobre a história de Altamira do Paraná e maior envolvimento e engajamento do aluno e comunidade escolar.

Quase todos os grupos realizaram entrevistas, alguns não realizaram por dificuldades impostas pela pandemia, ou falta de participação nos *meets* para orientações e motivação. As entrevistas realizadas foram feitas de maneiras diversificadas. A maioria optou pela gravação dos relatos em áudio e vídeo, algumas foram feitas via *WhatsApp* os demais acabaram descrevendo as respostas dos entrevistados.

Adotamos um critério cronológico para organizar as entrevistas, a despeito de alguns alunos terem enfrentado dificuldades na elaboração de suas questões, o roteiro preestabelecido foi organizado em três grandes blocos de perguntas: Introdução: origem da pessoa, pais, avós, infância. Desenvolvimento: fases da sua trajetória, incluindo, formas que aprendeu sua profissão, quais outras profissões podem ter exercido, memórias que consideram relevantes sobre a história de nosso município e algum fato histórico regional/nacional ou global que marco sua trajetória de vida. E por último a fase de Finalização: conclusão da história, relação com o presente e o futuro.

Após as entrevistas, os alunos realizaram um seminário de apresentação: cada grupo teria 10 minutos para apresentar a sua pesquisa, juntamente com as fontes que embasaram o trabalho. Depois de cada apresentação havia tempo para considerações. Alguns alunos gravaram a apresentação em áudio, outros em áudio e vídeo, outros as descreveram em forma

⁵⁷ Alunos do 2ºA.

de síntese, outros em formato de perguntas. Eles selecionaram algumas fontes que se relacionavam com o tema, produziram livremente suas deduções e até mesmo a sua empatia com os entrevistados e as apresentaram à turma.

A produção e realização das entrevistas com ação ativa dos alunos trouxe bons resultados, pois se sentiram realmente protagonistas, e sentiram a responsabilidade da organização e do respeito, a terem que agendar as entrevistas, preparar as questões, o modo ao qual fariam a entrevistas, pensar como seria a apresentação, delegando sobre todos integrantes do grupo alguma função.

Nas apresentações, demonstraram em sua maioria empolgados com os resultados. Alguns relataram ter descobertos parentes, origem dos familiares. Outros se surpreenderam ao descobrir que seus avôs eram “pioneiros” do município, além de objetos antigos que tinham e a relação de afeto com os mesmos por terem ligações as suas memórias.

Atividade 7: análise e produção de narrativas

Aula Oficina-Fase-4. Dados sobre as ideias dos alunos a posteriori, aplicando o mesmo instrumento do momento inicial

Na sequência da pesquisa, busquei organizar e classificar as fontes para procurar construir evidências para a construção de uma segunda narrativa sobre as História de Altamira do PR. Agora, além dos conhecimentos tácitos, os alunos tiveram como base todo o processo de pesquisa sobre a temática em questão e as ideias de segunda ordem. Eles tiveram que relacionar o conceito substantivo de História local aos conceitos de segunda ordem de história, como: história, memória e evidência histórica⁵⁹.

Nas narrativas históricas analisadas pelo professor deve buscar diferentes condições de atitudes de orientação intencional da vida prática dos sujeitos no seu tempo, sustentado por seus conhecimentos históricos, expressos em consciências do tipo: afirmação, regularidade, negação e transformação. Segundo Rüsen (2001):

A consciência histórica constitui-se mediante a operação, genérica e elementar da vida prática, do narrar, com a qual os homens orientam seu agir e sofrer no tempo. Mediante a narrativa histórica são formuladas representações da continuidade da evolução temporal dos homens e de seu mundo, instituidoras,

⁵⁹ Cabe destacar que devido aos entraves do ensino remoto e mudança de cidade/colégio não consegui retomar as narrativas de todos os alunos, e assim analisá-las junto com eles, estabelecendo os paralelos do desenvolvimento gradual das narrativas históricas, sendo que analisamos em partes alguns trechos do início da pesquisa e das narrativas finais que foram possíveis de serem realizadas.

por meio da memória, e inseridas, como determinação de sentido, no quadro de orientação da vida prática humana (RÜSEN, 2001, p. 66).

Devemos considerar que o mesmo sujeito histórico pode expressar diferentes consciências históricas com outras temáticas. Segue abaixo um quadro, contendo características dos quatro tipos de consciência histórica de Rüsen, (2001), expressas em narrativas históricas.

Figura 8 - Os quatro tipos de consciência histórica de Rüsen (2001).

| | TRADICIONAL | EXEMPLAR | CRÍTICA | GENÉTICA |
|-----------------------------------|--|---|--|---|
| Experiência do Tempo | Origem e repetição de um modelo cultural e de vida obrigatório. | Variedade de casos representativos de regras gerais de conduta ou sistemas de valores. | Desvios problematizados dos modelos culturais e de vida atuais. | Transformações dos modelos culturais e de vida alheios em outros próprios e aceitáveis. |
| Formas de significação histórica. | Permanência dos modelos culturais e de vida na mudança temporal. | Regras atemporais de vida social. Valores atemporais. | Ruptura das totalidades temporais por negação de sua validade. | Desenvolvimentos nos que os modelos culturais e de vida mudam para manter sua permanência. |
| Orientação da vida exterior. | Afirmção das ordens pré- estabelecidas de acordo com contorno de modelo de vida comum e válida para todos. | Relação de situações particulares com regularidades que aludem ao passado e ao futuro. | Delimitação do ponto de vista próprio frente às obrigações pré- estabelecidas. | Aceitação de distintos pontos de vista numa perspectiva abarcativa do desenvolvimento comum. |
| Orientação da vida interior. | Sistematização dos modelos culturais e de vida por imitação – papel-típico–. | Relação de conceitos próprios a regras e princípios gerais. – Legitimação do rol por generalização –. | Autoconfiança na refutação de obrigações externas – papel-típico–. | Mudança e transformação dos conceitos próprios como condições necessárias para a permanência e a autoconfiança. Equilíbrio de papéis. |
| Relação com os valores morais. | A moralidade é um conceito pré- estabelecido de ordens obrigatórias; a validade moral é inquestionável: Estabilidade por tradição. | A moralidade é a generalidade da obrigação dos valores e dos sistemas de valores. | Ruptura do poder moral dos valores pela negação de sua validade. | Temporalização da moralidade. As possibilidades de um desenvolvimento posterior se converte numa condição de moralidade. |
| Relação com o raciocínio moral. | A razão subjacente aos valores é um suposto efetivo que permite o consenso sobre questões morais. | Argumentação por generalização, referência a regularidades e princípios. | Crítica dos valores e da ideologia como estratégia do discurso moral. | A mudança temporal se converte num elemento decisivo para a validade dos valores morais. |

Fonte - (Adaptado de BARCA et al. 2010, p. 63)

Aula Oficina-Fase-5. Aplicação de um instrumento de metacognição aos alunos para monitorar o processo de ensino e aprendizagem.

Para apresentar os resultados desta atividade analisarei alguns trechos das primeiras narrativas, realizadas no início do projeto (Fase 1 e Fase 2). Elas serviram de contraponto para as narrativas dos alunos produzidas no momento analisado neste momento (Fase 5): “Eu não sei quase nada sobre a história do município” (Aluno 1, 9ªA). “Altamira do Paraná é uma cidade pequena, o primeiro prefeito foi Evaldo Rack, já pertenceu a Pitanga e Palmital, sua emancipação foi dia 27 de abril de 1982, aniversário da cidade. Altamira é uma cidade tranquila e com pouco emprego”. (Aluno, 3ªA).

Podemos perceber que as primeiras narrativas majoritariamente expressavam o tipo tradicional (afirmação) de consciência histórica, pois não há relação de transformação com tempo, continuidade do passado, passíveis de conformismo, aconteceu e ponto, ele foi simplesmente memorizado. Mais alguns trechos para analisarmos: “Altamira do Paraná foi colonizada pela CODAL, o primeiro prefeito foi Evaldo Rack, os pioneiros são baianos e mineiros, muita gente foi embora em busca de emprego e estudo, por ter poucas oportunidades aqui”. (Aluna 2, 9ªA). Outro fragmento:

Altamira do Paraná mudou muito desde que foi fundada, existiam muito mais habitantes naquela época do que nos dias atuais, principalmente nas áreas rurais, era mais fácil trabalhar. Como: colhendo, plantando, cuidando de criações, etc. A população foi diminuindo quando as maquinas chegaram, e com isso a população foi embora procurar emprego (Aluna 3, 9ªA).

Nesses trechos transcritos podemos perceber noções de tempo, mudanças e permanências. As narrativas estabelecem inspirações desse passado no presente por meio da consciência histórica expressa exemplar (regular), na qual o aluno não procura problematizar seu contexto histórico está inserido, os feitos do passado são tomados como exemplos e justificam o presente.

Em síntese, nas primeiras narrativas dos alunos, majoritariamente percebo como do tipo de consciência tradicional, com poucas exceções de produções como do tipo exemplar. Os fragmentos a seguir se referem a um segundo momento, ocorrido no decorrer das atividades e marcado pelo exercício de construção de uma segunda narrativa. Nesse momento os alunos já haviam realizado a sequência de atividades apresentadas anteriormente no capítulo, e para sua realização analisamos o processo de pesquisa como um todo. A metodologia principal foi a da realização de uma grande roda de conversa.

A comparação entre estas respostas e aquelas que abrisa o tópico demonstram um processo de aprendizagem ancorado no processo de metacognição. Nesse momento, os alunos puderam compreender se eles haviam aprendido e como aprenderam sobre historicidade e a história local de Altamira do Paraná.

Descrevo na sequência trechos da segunda narrativa produzida pelos alunos. Analisemos um trecho da narrativa da aluna 1 do 3ºA: “O passado influencia o presente, na forma de compreendê-lo, esse conhecimento pode orientar no presente e no futuro, para elaborar projetos para cidade, para que as pessoas não precisem ir embora para buscar oportunidades”.

Nesse trecho percebemos o tipo de consciência tipo crítica (negação) na qual se estabelece uma ruptura com passado, onde o passado está ligado com o presente, mas não é categórico. Trechos de outras narrativas:

Antigamente nossa cidade já chegou a ter mais de 15 mil habitantes, mas com o passar do tempo esse número de pessoas foi caindo. Uma das principais causas desse declínio foi a falta de emprego para comunidade, fazendo então irem embora em busca de serviços. (Aluna 1, do 2ºA).

Na atualidade o município é sustentado economicamente pela pecuária, comércio local, prefeitura e cooperativas. A através do trabalho de história foram “desenterrados” conhecimentos que se quer estão na internet, como a existência de cinema e cemitérios, etc. (Aluna 3, 3ºA)

Com esse trabalho podemos concluir que nossa cidade passou por muitas mudanças até chegar nos dias atuais, ela já foi centro de grandes produções, e bem conhecida por terras férteis. Com o tempo isso acabou, e a população foi diminuindo. E hoje vivemos em uma cidade pouco movimentada, porém, tranquila. (Aluna 4 do 9ºA).

Nos trechos das narrativas acima, a consciência tipo exemplar prepondera, mesmo após as atividades desenvolvidas na pesquisa, pois, a forma que o aluno se relaciona com o tempo busca explicar o presente com exemplos do passado, sem problematizar, partindo de argumentações genéricas. Ainda mais um trecho de narrativa histórica:

O passado influencia o presente de Altamira do PR, na forma de compreendê-lo, esse conhecimento pode orientar no presente e no futuro, para elaborar projetos para cidade, analisando as principais ações necessárias, como polos de faculdades EAD e busca de parceiras com empresas e indústrias para geração de empregos, para que as pessoas não precisem ir embora para buscar oportunidades, sendo essencial também a manutenção da qualidade de vida de seus habitantes. (Aluna 1, 3ºA).

No trecho acima da narrativa percebo, a consciência histórica do tipo genética, na qual o passado é importante, para compreender as permanências e mudanças, problematizar o presente e projetar orientações futuras, buscar orientação para vida prática. A consciência do tipo genética, ocorre quando o aluno consegue fazer a leitura do mundo que está inserido, refletindo sobre o que houve no passado, e usando essa experiência para se orientar na vida.

Nesse contexto, as narrativas se colocam como possibilidades de análise das consciências, proporcionando ao aluno mobilizar sua capacidade interpretativa de acordo com as ferramentas adquiridas no processo de aprendizagem histórica. Ciente que nem todos os alunos desenvolveram as atividades nas expectativas desejada, mas ter o trabalho realizado e perceber a participação ativa de muitos alunos em todo processo, já é de grande valia, a eles na teoria e na prática.

Cabe aqui uma ressalva, devido as formas ensino remoto e incertezas causadas pela nova pandemia tanto no ano letivo de 2020 como 2021 já citadas anteriormente, além da dificuldade de organizar e cronometrar o processo de desenvolvimento da pesquisa, o processo se tornou lento, repetitivo e por vezes cansativo para mim e para os alunos que se faziam presentes no *meets* ou nos rodízios no retorno presencial, pois quando os ausentes compareciam, as explicações e orientações sobre a pesquisa eram retomadas.

Em todo período de desenvolvimento do Projeto, conforme os temas surgiam simultaneamente, eles eram abordados entre conteúdo/série, história local e acontecimentos no presente, conforme a necessidade de contextualização e principalmente, conforme a sequência do currículo norteador das aulas. Por vezes esses conteúdos sendo contextualizados com a História Local, mas os alunos necessitavam acompanhar os conteúdos base das aulas e isto demonstrou-se como uma dificuldade para a realização das atividades.

Como exemplos desses paralelos entre conteúdos podemos citar de maneira sintetizada, Era Vargas e a pesquisa sobre ofícios, Feiras medievais e a feira da cidade, colonização do Brasil e da região, entre outros, até mesmo houve um em um episódio de aula, que rumores de assalto com sequestro estava ocorrendo naquele momento no centro da cidade.

Com calma, indiquei aos alunos que questionassem se aquilo era verdade, e primeiro buscamos saber sobre personagens envolvidos e consultar pessoas próximas ao mesmo, buscar em sites sobre a notícia, e averiguar se alguém na escola estava sabendo o que estava ocorrendo. Nada foi encontrado nas buscas por informações, e logo a pedagoga trouxe a informação que falou com principal envolvido, e descobrimos que o fato havia ocorrido na noite anterior e só houve o furto, sem reféns. Nesse momento, trouxemos à tona a importância de sempre questionar os fatos, buscar cruzar fontes, não espalhar informações sem embasamento confiáveis, pois as consequências são reais.

Nesse processo, alguns alunos tiveram as seguintes falas: “Todo o conteúdo a professora dá um jeito de retomar a história de Altamira, mesmo não sendo a mesma coisa, já estou enjoado já”; “De novo sobre esse trabalho, professora”, “Coloca no grupo as explicações, professora, quem não veio que se vire”. O que trazia por vezes desmotivação e exaustão, a mim e há alguns

alunos, junto aos demais transtornos trazidos pela pandemia do Covid-19, o que em outro contexto poderia não ter ocorrido, pois o entusiasmo dos primeiros episódios de aula era contagiante.

Mesmo assim, na avaliação de metacognição encontramos trechos satisfatórios em relação a todo o processo de pesquisa. Segue alguns trechos descritos:

A realização desse projeto foi muito importante para o conhecimento que não tinha sobre a cidade e a História, uma das partes mais interessantes em tudo isso foi poder compartilhar com os pais e avós toda a família as evidências que nós alunos fizemos, como o do real número de habitantes através da nossa pesquisa, e também podem entrevistar os moradores mais antigos, que foram sujeitos históricos ativos, em toda essa mudança de Altamira do Paraná desde sua emancipação. (Aluna 1, do 2ºA)

Pretendo me mudar no futuro próximo pelo mesmo motivo descrito por muitos, (falta de oportunidade de emprego e oportunidade profissionalizantes) eu não preciso adequar ao ambiente, posso me retirar dele, mas desejo a família e seus moradores um desenvolvimento consciente, pois a história de Altamira agora também faz parte da minha história. (Aluna 2 do 3ºA).

Nesse trabalho com concluímos que Altamira é uma cidade considerada nova, sua população se formou como imigrantes, que lutaram para construir sua própria história. E no momento mesmo sendo pequena, é uma cidade atualizada, que desde o início a religião também esteve presente fazendo parte da sua história e da sua cultura modificando nossas vidas. Aí vai de cada um decidir se é para melhor ou não, lugar bom ou ruim e a gente que faz". (Aluna 1, 9ºA).

Nas narrativas percebi os alunos como sujeitos ativos do processo da construção das histórias de Altamira do Paraná, e isso traz significância ao ensino de história. Os objetivos do trabalho foram em grande parte alcançados, mesmo diante dos entraves do processo. A pesquisa culminou com a produção de narrativas e foi possível perceber a transformação de olhares que as atividades propostas e as discussões geradas produziram. A partir de tal constatação, afirma-se que o trabalho contribuiu com a ampliação da busca adequada de fontes de conhecimento assim como a produção do mesmo no ensino de História.

Na sequência, conforme discorri até aqui, essas atividades e os seus resultados foram analisadas e contribuíram para a sistematização e um material didático, organizado agora a partir de uma Unidade Temática Investigativa. A sequência apresentada intenciona auxiliar docentes da disciplina de História a produzir materiais semelhantes sobre a História local ou sobre outros temas pertinentes, que possibilitem a significação do ensino de história. Essa unidade será apresentada na sequência.

3.2 Uma proposta de Unidade Temática Investigativa para a História Local

As atividades a seguir estão construídas em tona da proposição de uma Unidade Temática Investigativa (UTI), pensada na perspectiva da Educação Histórica. Barca (2004) e Schmidt e Braga (2005/2006). Em suma, os resultados das atividades anteriores aprestadas serão sistematizados a partir de novas contribuições. Inicialmente desenvolvida por Barca, (2004) e por Fernandes (2008), essa adaptação para a uma Unidade Temática Investigativa, toma como parâmetro a seguinte organização:

- a - Definição de temática, conforme Diretrizes Curriculares;
 - b - Preparação da Investigação dos Conhecimentos Prévios, tendo por base os objetivos de ensino;
 - c - Aplicação da Investigação junto aos alunos;
 - d - Categorização e análise, pelo professor;
 - e - Problematização junto aos alunos;
 - f - Intervenção pedagógica do professor (interpretação e contextualização de fontes);
 - g - Produção de comunicação pelos alunos (narrativa história em quadrinhos, jornal, charge, paródia e outros);
 - h - Aplicação de instrumento de meta cognição:
 - i - Guarda de algumas produções dos alunos e reflexões do professor na biblioteca escolar.
- (Adaptado de FERNANDES, 2008, p. 11)

Na busca de facilitar a visibilidade das adaptações da Aula Oficina de Barca (2004), para Unidade Temática Investigativa de Fernandes (2008), buscamos estabelecer um paralelo entre ambas:

Figura 9 -Comparação entre modelo Aula Oficina X Unidade Temática Investigativa

AULA OFICINA, (BARCA, 2004, p. 47). Organização de 1-5.

1- Recolha inicial de dados sobre as ideias prévias dos alunos acerca de um conceito substantivo, selecionado dentro de uma determinada unidade em estudo.

UNIDADE TEMÁTICA INVESTIGATIVA, (FERNANDES,2008) Organização de A-I

A-Definição de temática, conforme Diretrizes Curriculares; Pois a clareza dos objetivos de ensino em relação a uma temática pode direcionar a elaboração das perguntas para investigar os conhecimentos prévios. Além disso, é importante para mostrar que o trabalho com o conhecimento prévio do aluno não se confunde com o relativismo. (FERNANDES,2008)

2. Análise das ideias prévias dos alunos segundo um modelo (simplificado) de progressão conceptual: categorização das ideias de alunos desde ideias incoerentes e alternativas até às relativamente válidas.

B-Preparação da Investigação dos Conhecimentos Prévios, tendo por base os objetivos de ensino: As práticas têm apontado para a importância de se fazer a problematização junto aos alunos, de preferência mostrando a tabulação para que eles se identifiquem e se localizem nas suas respostas. Acredita-se que esse momento é imprescindível para que se dê um início de conflito cognitivo quando o aluno começa a confrontar as várias interpretações dadas por ele e seus colegas à temática que será estudada. (FERNANDES, 2008)

C-Aplicação da Investigação junto aos alunos: Acredita-se que esse momento é imprescindível para que se dê um início de conflito cognitivo quando o aluno começa a confrontar as várias interpretações dadas por ele e seus colegas à temática que será estudada. (FERNANDES, 2008)

D-Categorização e análise, pelo professor; A realização da uma explanação a respeito dos resultados, levantando algumas questões. (FERNANDES, 2008)

3. Desenho, planejamento e implementação de uma unidade temática tendo em conta um refinamento progressivo das ideias históricas dos alunos previamente diagnosticadas.

E-Problematização junto aos alunos: As práticas têm apontado para a importância de se fazer a problematização junto aos alunos, de preferência mostrando a tabulação para que eles se identifiquem e se localizem nas suas respostas. (FERNANDES, 2008)

F-Intervenção pedagógica do professor (interpretação e contextualização de fontes): No decorrer do processo, essas interpretações serão confrontadas com documentos históricos, narrativa do livro didático e outras possibilidades. Se o professor “pular” essa fase, não dando oportunidade ao aluno em pensar a sua resposta, pode comprometer o resultado da aprendizagem. (FERNANDES, 2008)

4. Recolha de dados sobre as ideias dos alunos a posteriori, aplicando o mesmo instrumento do momento inicial.

G-Produção de comunicação pelos alunos (narrativa história em quadrinhos, jornal, charge, paródia e outros);

5. Aplicação de um instrumento de meta cognição aos alunos para monitorizar o processo de ensino e aprendizagem (BARCA, 2012, p. 47).

H-Aplicação de instrumento de meta cognição; na aplicação do instrumento de meta cognição, além das perguntas costumeiras estão sendo incluídas, perguntas do tipo “O que este conteúdo lhe ensina para o seu presente?” e “O que este conteúdo lhe ensina para o seu futuro?” As respostas dos alunos podem surpreender, muitas vezes. Mas podem dar indicativos do que ensinar, como ensinar, como o aluno apreende e interpreta as diversas narrativas. Perguntas para captar a verbalização do aluno quanto à consciência histórica. (FERNANDES, p.8, 2008)

I- (Novo Elemento) Guarda de algumas produções dos alunos e reflexões do professor na biblioteca escolar; Outra consideração importante foi o entendimento de que as produções/reflexões/registros não fiquem apenas arquivadas, embora essa perspectiva seja também valorosa. Mas que sejam utilizadas, como documentos, em outras turmas, em outros momentos. Muitas vezes, o professor trabalhou vários anos em uma mesma escola, desenvolveu práticas variadas e de toda essa experiência não fica um registro sequer. Tanto aprendizado pedagógico se perde, impedindo que outros profissionais possam aprender com as experiências precursoras. (FERNANDES,2008)

Dessa maneira, as práticas a partir do texto fundador da Aula Oficina têm mostrado indicativos que permitem algumas ênfases que já foram apontadas. Ademais existem diferenças na organização de ensino entre Portugal e Brasil. Para mencionar apenas uma, a hora-aula no Paraná tem a duração de 50 minutos, enquanto em Portugal, os “blocos” de aulas envolvem um tempo maior. Portanto, entende-se que o processo envolve um número maior de aulas, desde o planejamento da investigação inicial até a meta cognição, enfatizando o trabalho do professor como pesquisador. Nesse sentido, as considerações apontadas justificam a denominação unidade temática investigativa.

(FERNANDES, p. 8, 2008)

Sabemos que como toda proposta metodológica, ela não é um fim, mas um meio que deve ser adaptado às diversas realidades presentes nas escolas, com base no fato delas serem compostas por diferentes processos, como ocorreu em nosso trabalho, adaptado ao contexto pandêmico dos anos de 2020/2021 e ao estudo da História local. Assim como o novo elemento adaptado a aula oficina. Neste caso, ressalta-se o significado de um estudo de tema que carece de materiais pedagógicos.

Assim, a proposta busca levantar e analisar conceitos-chaves para as análises das fontes históricas sobre a História local. E é o caso do conceito de “progresso”, ele aparece em várias fontes pesquisadas sobre a História local do município de Altamira do Paraná, e permite questionar: como se constrói a ideia de “progresso” e como ele embasa ou aparece nas fontes históricas? Quais seriam as possíveis intenções envolvidas nesses discursos de progresso?

Essa ideia de progresso, muitas vezes, está relacionada à história da evolução humana, possibilitando maior compreensão das transformações e permanências ligadas ao processo de construção da história. E nesse contexto, o que significa, afinal, a palavra progresso no imaginário da comunidade local? Como justificam as raízes desse progresso? E que projeção para o futuro pode ser imaginada sobre o conceito atual de progresso? Será que a divulgação de uma possível alta taxa decréscimo populacional, acaba por ser associada a um certo “retrocesso”?

Essas questões, posicionamentos teóricos e posturas didáticas organizam a Unidade Temática Investigativa apresentada a seguir. Ela está ancorada na pesquisa e aulas realizadas sobre o município de Altamira do PR, mas poderá ser reorganizada para outras realidades de municípios. Possivelmente, as angústias e motivações que marcaram o posicionamento dos alunos envolvidos na pesquisa em tela sejam compartilhadas de diferentes formas por outros, sem se desconsiderar, evidentemente, as diferentes realidades históricas envolvidas. Recomenda-se a leitura da dissertação no seu todo para um melhor entendimento da Unidade.

Unidade Temática Investigativa

Uma proposta de estudo da História Local:

Primeiro momento: Temática:⁶⁰ As memórias e História de Altamira do Paraná e seu significado na Aprendizagem Histórica. Investigar os conhecimentos prévios que os alunos já possuem sobre conceito substantivo sobre: a História Local e de segunda ordem sobre: História, memória, tempo e evidências históricas e o conceito substantivo sobre a História Local;

- ✓ Verificar como a História Local aparece na vida cotidiana dos alunos;
- ✓ Investigar as várias perspectivas teóricas referentes a História e a História Local .

Segundo momento: Propomos solicitar que o aluno escreva individualmente ou em grupo uma narrativa histórica sobre o que sabem sobre a História local, momento quando o professor se coloca como investigador social, verificando o conhecimento dos alunos, sem propósito de julgá-los como corretos ou errados, mas de compreender os conhecimentos tácitos, para orientar transformações do pensamento histórico.

- ✓ Os alunos também responderam alguns questionários sobre: história como disciplina e a memória. O que é a História? Para que ela serve? Como é o ofício do historiador? A história e a Memória, são iguais? O que são fontes históricas? Quais são os tipos de fontes históricas e sua importância?
- ✓ Uso de questionários, atividade chuvas de palavras, e da produção de narrativas textuais sobre “o que sabiam” e sobre como poderiam acessar e produzir memórias e história de Altamira do Paraná.
- ✓ Propomos solicitar que o aluno escreva individualmente ou em grupo uma narrativa histórica sobre o que sabem sobre a História local, momento quando o professor se coloca como investigador social, verificando o conhecimento dos alunos, sem propósito de julgá-los como corretos ou errados, mas de compreender os conhecimentos tácitos, para orientar transformações do pensamento histórico.

⁶⁰ No cumprimento da Lei n. 13.381/01, que torna obrigatório, no Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública Estadual, os conteúdos de História do Paraná, podendo o conteúdo sobre história local ser adaptado aos diversos ano/série.

Terceiro momento: Analisar e classificar as respostas semelhantes, investigar: Os alunos entendem o significado dos conceitos de História e memória? O que sabem sobre a história local? O que gostariam de saber? A partir desta discussão, os alunos poderão ser sondados sobre o que eles sabem e/ou ouviram falar sobre o município de Altamira do Paraná, sobre o que gostariam de saber sobre a cidade, sua origem, a história, se tinham conhecimento sobre fontes históricas acerca disso? Se suas famílias guardavam alguma fonte histórica em casa? Qual(is)? Que significados ela possuía?

- ✓ Sugestão os alunos assistirem o vídeo do curta: “Dona Cristina perdeu a Memória” de Ana Luiza Azevedo da Casa de Cinema de Porto Alegre, analisamos conceitos que dizem respeito ao fato histórico e ao registro histórico, memória, história e identidade.
- ✓ Debater sobre os vários conceitos meta-históricos, sobre como seria o trabalho do historiador. Quais seriam as “provas” de que um fato realmente aconteceu? Se a história e/ou a historiografia é inquestionável? Se ela não for, o que torna ela confiável? Se é possível mais de uma versão sobre o mesmo fato. Sobre o que é memória individual e coletiva? Como os livros didáticos adotam uma versão dos fatos? Se é possível consultarmos fontes diversas para checar alguns acontecimentos.
- ✓ Aqui também podem ser incitados a refletirem sobre a “alteração” ou a omissão e novas descobertas ao longo da História, como os acontecimentos históricos podem comprovar, refutar, complementar ou alterar a produção historiográfica já existente
- ✓ Acredita-se que esse momento é imprescindível para que se dê um início ao conflito cognitivo, quando o aluno começa a confrontar as várias interpretações dadas por ele e seus colegas à temática que será estudada.

Quarto momento: O professor poderá realizar uma explanação a respeito dos resultados, levantando algumas questões como: o que temos e o que buscamos?

- ✓ Tornando evidente e necessário superar o “ouvir falar”, a recepção do conteúdo para memorização, sugerimos a reflexão a respeito de informações sem origens concretas e refletimos sobre relativizações de fatos, de formulações anacrônicas e a importância de elucidar conteúdos, conceitos e a utilização de métodos investigativos;
- ✓ Sugestões de vídeos para sequência das reflexões, para se pensar a relação entre a história e o método histórico com a história da “vida prática”: “A História: Um antídoto às fakes news (2018), de Luiz Estevam de Oliveira Fernandes” e “Leandro Karnal – Fake News” (2019).
- ✓ Nesse processo de reflexão cabe o “desconfiar” e o ato de contextualizar as chamadas “Fake News”, conforme sugerem os historiadores Karnal e Fernandes, para que os alunos se sintam

desafiados a buscar, formular e solucionar situações problemas trazidas por questões do presente, principalmente em relação a história local.

- ✓ Em suma, categorizar fatos memorizados – normalmente não contextualizados- sobre o significado da história e sobre a história local, por exemplo, as suas indagações sobre o número de habitantes do município a partir do impacto de fenômenos migratórios ocorridos num determinado recorte temporal, confrontando as respostas dos alunos.
- ✓ Delimitação de espaço-temporal: Altamira do PR, 1982-2021
- ✓ Objetivo a construção do pensamento histórico: evidência histórica a partir de fontes, explicação histórica a partir da historiografia e produção de narrativas históricas pelos alunos.

Quinto momento: Busca de fontes pelos alunos através de pesquisa na internet e consulta aos arquivos familiares que comportem fontes sobre a história local, (álbuns de fotografia, documentos pessoais, relíquias de família, entre outros).

- ✓ Sugestão de elaboração de uma capsula do tempo, nela os alunos deverão pesquisar como são produzidas capsulas do tempo e quais são as suas características, para seguirem os modelos escolhidos, com rotulo de identificação, contendo objetos referentes ao momento presente, com significância a eles como sujeitos históricos;
- ✓ Outra sugestão, a organização e produção de entrevistas, com uso da História Oral temática.
- ✓ Para que o professor construa uma intervenção pedagógica significativa a partir da historiografia local, deverá conhecer estes livros e considerar seus objetivos (seu conceito de história); essas obras, em muitos casos, possuem um caráter memorialista e estão preocupadas com a construção de uma história exemplar e tradicional).
- ✓ Uma possibilidade é a visita online ao portal do Museu da Pessoa, para que os alunos reflitam sobre sujeito histórico, memória individual e coletiva, e para que perceberem que as histórias de vidas são fontes de conhecimento.
- ✓ Também a possibilidade de análise da linha do tempo do Museu da Pessoa e outros modelos como sugestões, para os alunos criarem a linha do tempo, em diversos formatos sobre a história de seus familiares até a vida atual deles e perspectivas para futuro, paralelamente com fatos marcantes no local/regional/global.
- ✓ Selecionar algumas fontes que confrontem e/ou dialoguem entre si, para ser interrogadas na sequência das aulas.

Fonte 1

Trecho do Hino de Altamira do Paraná

Teu celeiro e tua pecuária
 Produzindo com muito fervor
 Com teus rios e tuas pastagens
 és progresso, és paz e amor.
 (Bis)

Letra por Terezinha Bruno Moreira

Fonte: Site da câmara municipal de Altamira do Paraná. Disponível em :
<https://www.camaraaltamira.pr.gov.br/?meio=15562>. Acesso em 20 de abril de 2021.

Fonte 2

Reportagem do jornal folha de Londrina



Fonte: Disponível em: FOLHA DE LONDRINA: <https://www.folhadelondrina.com.br/reportagem/altamira-do-parana-e-a-que-mais-perde-926937.html#:~:text=Altamira%20do%20Paran%C3%A1%2C%20no%20Noroe>

Fonte 3

Reportagem da RPC sobre Altamira do PR, Altamira do Paraná perdeu metade da população em 15 anos



Fonte: Globoplay. Altamira do Paraná perdeu metade da população em 15 anos. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4472292/> . Acesso em 20 de abril de 2021.

Fonte 4

Reportagem RPC sobre Altamira do PR ter mais eleitores que moradores



Fonte: Globoplay, Altamira do Paraná tem mais eleitores que moradores. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2045376/> . Acesso em 20 de abril de 2020.

Fonte 5



FONTE 6

Trechos do livro “Altamira do Paraná, Sua História, Sua Gente” (KLEIN,2020):

Na busca em relatos dos pioneiros sobre o modo de vida hábitos da época, pensamento e acontecimentos e perspectiva dos moradores, no momento que o povo toma consciência e inicia a luta para se tornar emancipado, na busca do progresso e desenvolvimento em todas as direções. (KLEIN, p.08, 2000).

(...) A luta não havia sido em vão o suor e as lágrimas derramados fizeram com que a semente germinasse e o progresso a partir de então seria conduzido pela própria população de Altamira. (KLEIN, p.12,2020)

FONTE 7

Alguns relatos descritos pelos moradores antigos, sobre a emancipação política do município:

“No início éramos distrito de Palmital com desmembramento, nossa cidade tornou-se independente, para que no futuro tornasse uma cidade de progresso”. (Sr. (o) JOANNA, entrevistado por um grupo de alunos do 2ªA). “Altamira já chegou a ter mais de 15 mil habitantes e se deu por causa

61 Consta no livro “Altamira do Paraná, Sua História, Sua Gente” (KLEIN,2020) o recorte citado do Jornal Folha de Londrina (1982). No trecho ao final da reportagem descrevem o município possuindo uma população de 14 mil habitantes, e cerca de 5 mil eleitores. Fato que pode explicar depoimentos de alguns moradores sobre o número de habitantes que o município já chegou a ter na década de 1980. O autor do livro Sr. (o) Ademar Klein quando questionado pelos alunos se concordava com esses números, respondeu: “Acredito que esses números sejam elevados do real, pois não havia como fazer há contagem” Sr. (o) KLEIN entrevistados pelos alunos do 9ªA.

das formas de ofício, colheita de algodão, plantação de feijão, café e hortelã, bastante trabalho agrícola braçal”. (Sr. (a) MATTOS, entrevistada por um grupo de alunos do 9ªA). “Eu acredito que Altamira tinha de 12 a 15 mil habitantes, a maioria do Povo era rural, tinha muitas casas no sítio e pouca gente na cidade”. (Sr. (o) SILVA, em entrevista a um grupo de alunos do 2ªA).

Sexto momento - A partir da leitura e análise das fontes os alunos, em grupo ou individualmente, sugerimos que os alunos abordem três fontes e traga informações conflitantes, para responder as questões abaixo:

- a) Quem é o autor e a data em que o documento foi produzido?
- a) Para que e para quem se fez essa produção? Existem interesses políticos em sua divulgação? Justifique:
- b) Qual é a relação do documento com o seu contexto histórico?
- c) Existe informações implícitas no documento? Justifique:
- d) Como podemos classificar o documento?
- e) Como o documento está relacionado a ideia de progresso a fonte?
- f) Os documentos escolhidos apresentam controversas?
- g) Como poderíamos interrogar os documentos mais a fundo?
- h) De que maneira os documentos contribuem com nossa pesquisa?
- i) Após análises dos documentos evidência algumas hipóteses para problemática da pesquisa:

- ✓ De forma geral, objetiva-se que aluno procure comparar os dados encontrados nas fontes com análises que tragam mais argumentos condizentes com a pesquisa já realizada, percebendo com isso que a partir desse ponto as fontes históricas se tornam evidências.
- ✓ Através das análises das fontes, busca-se desenvolver um olhar crítico as diversas versões de um mesmo fato, com ferramenta ao aluno aprendendo a desconfiar, buscar manipulações/distorções/intenções nas diversas fontes.

Sétimo momento: Sugerimos escrever uma nova narrativa sobre a História de Altamira do Paraná, abordando a questão demográfica e o progresso, com base nas análises das fontes do oitavo momento e nas seguintes fontes:

- ✓ Nesse momento os alunos terão oportunidade de fazer uma segunda narrativa expressando sua consciência histórica com uma possível progressão na aprendizagem histórica, pois acreditamos que ela até aqui já tenha adquirido “ferramentas” para a construção do processo de pesquisa, como a compreensão dos conceitos substantivos e de segunda ordem, percebendo a estruturação na construção do processo histórico, tendo base para argumentações e orientação no tempo e na vida prática.

Fonte A

Segundo DUPAS (2007):

O progresso é um mito renovado por um aparato ideológico interessado em convencer que a história tem destino certo e glorioso. (...) a quem o progresso serve, quais são os riscos e custos de natureza social, ambiental e de sobrevivência da espécie e que catástrofes futuras ele pode gerar. Dessa forma, busca apontar elementos para desconstruir o discurso hegemônico sobre a globalização associada à ideia de progresso inexorável.

DUPAS, Gilberto. O mito do progresso. Novos estudos CEBRAP, p. 73-89, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/vSJfnDnZJfTkZGBlKdK45RN/?lang=pt>. Acesso em 07 junho de 2022.

Fonte B

FERREIRA (1995) exemplifica algumas características que as cidades pequenas podem apresentar:

Não é raro encontrarmos pequenos núcleos urbanos com problemas semelhantes aos dos grandes centros, como excesso de poluição, populações marginalizadas, favelas e cortiços, desemprego em grande escala etc... Ao mesmo tempo em que se pode encontrar no Brasil cidades pequenas, que abriga em sua área, indústrias e serviços os mais diversos, potencialidades para o turismo e mesmo centros de pesquisas e universidades que lhes permitem estar em contato simultâneo com todo o mundo.

FERREIRA, F. P. M. As Pequenas Cidades e sua Importância para o Brasil atual. Reúna: Revista de Economia da UNA, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-45. Disponível em: 1995.<http://repositorio.fjp.mg.gov.br/handle/123456789/180> acesso em 11 de novembro de 2021.

Oitavo momento: Aplicação do instrumento de meta cognição. Nessa fase o aluno poderá responder questões como:

- 1) O que você aprendeu com essa pesquisa?
- 2) Quais foram as principais dificuldades?
- 3) Seu trabalho foi igual ao de um historiador? Justifique:
- 4) O que você aprendeu sobre o seu presente?
- 5) A pesquisa pode contribuir para lhe ajudar no futuro? (No caso da temática abordada na pesquisa os alunos podem descrever sobre a história local e sua relação com o “Progresso”).
- 6) Que futuro você imagina em relação a cidade de Altamira do Paraná, caso tudo continue como está? E se houver mudanças?

- ✓ Esse instrumento possibilita não apenas a avaliação do processo de desenvolvimento da aprendizagem do aluno, mas também da experiência realizada pelo professor, tornando possível até mesmo aprimorar o que foi realizado, e desenvolver novas temáticas sobre a pesquisa.

Nono momento: Acervo de algumas produções e reflexão do professor para a biblioteca escolar. Material ou digitalmente, para serem utilizados posteriormente em sala aqui se justifica ainda mais, pelo pouco material para pesquisa sobre história local de Altamira do Paraná.

(Adaptado de FERNANDES, 2008, p. 07-11)

- ✓ Material analógico e/ou digital (Sugerimos pastas, banners, relatos das experiências no site da escola, cadernos, portfólios, revistas, entres outros.)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da observação que a escola e a sala de aula poderiam ser lugares de encontros do conhecimento escolar e acadêmico, com a linha de pesquisa “Saberes Históricos e Espaços Escolares”, procurei desenvolver uma pesquisa sobre o processo de ensino e aprendizagem da história local, considerando as especificidades dos saberes e práticas mobilizados na escola.

Assim, com o início do estudo e produção dessa pesquisa, pude refletir sobre minhas práticas docente, ter a experiência da aproximação enquanto aluna de mais perspectivas do conhecimento histórico, de mergulhar na ciência histórica, isto tudo durante um contexto pouco imaginável antes de 2020, com a pandemia do Covid-19, que trouxe uma nova rotina de estudos num contexto mundial, não sendo indiferente a minha realidade.

Em suma, a pesquisa foi produtiva, mas não totalmente completa, pois o contexto pandêmico por vezes já citado, dificultou processo de interação com os alunos, por mais que a tecnologias nos favorecessem, por várias vezes houve falta de sequência da organização programada, incertezas sobre a continuidade das mesmas com os mesmos alunos, que por vezes não seguiam as aulas via *Google Meet*, ou aulas presenciais nos retornos presenciais, entre outros fatores.

Nesse contexto, as atividades propostas nessa experiência didática procuraram mostrar aos alunos e alunas maneiras de como se é construída e interpretada a história, proporcionando aos estudantes - com a mediação do professor (a), tornar-se protagonista dessa construção, de forma que aquilo que lhe parecia sem sentido fosse problematizado e apreendido, com o aluno se reconhecendo como sujeito histórico, dando significância ao ensino de história.

Intentei que o aluno conhecesse e usufruísse do significado e da importância da historicidade, atuando com empatia e autonomia para buscar investigar e relacionar os conhecimentos que possuía, e problematizar questões do presente, produzir conhecimentos e usá-los na sua vida prática.

Tentando romper com a simples memorização, reprodução do que está pronto, mas imbuído na prática do conhecer, ensinar e produzir conhecimento, esse é o grande desafio aqui proposto ao se questionar a própria prática docente no ambiente da educação básica. Os esforços foram, assim, os de mediação do professor para que os alunos analisassem e também produzissem narrativas históricas, com uso de argumentos, contextualizando e projetando orientações futuras.

Cientes de que essa não é uma proposta nova, mas sim, ainda pouco utilizada nas escolas, reconhecemos a importância das práticas no processo pedagógico, também da necessidade de se lidar a partir deste material teórico e metodológico acionado diante do estudo da realidade de pequenos municípios, e isso contribui ainda mais com a realização das aulas de história a partir de uma abordagem significativa aos alunos de Altamira do Paraná.

Diante desta expectativa de ação e dos resultados alcançados, posso concluir que o trabalho com fontes pode oportunizar aos alunos uma reflexão sobre o significado de aprender história, sua utilidade para a vida prática, como o conhecimento histórico se processa, através da criação de evidências e narrativas históricas sobre as memórias e histórias.

No primeiro capítulo apresentei discussões a respeito das relações entre o Ensino de História, Educação Histórica e o Ensino de História local, isto a partir de nossas discussões realizadas com a turma sobre o conhecimento histórico.

No segundo capítulo trabalhei a contextualização da história do município de Altamira do PR, explicitando a importância na escolha de conteúdos significativos e a descrição das atividades desenvolvidas. Nesse processo buscamos o uso de argumentações e de análises de mudanças e permanências na intenção de se problematizar questões sociais e econômica locais e/ou regionais.

No terceiro e último capítulo apresentei uma análise das atividades efetuadas com a turma de 9º ano A, e com alguns alunos integrantes do Ensino Médio, convidados ao projeto, e uma síntese destas atividades a partir da discussão do processo de construção e reflexão sobre práticas educativas; o processo de análise das atividades, apresentadas diante da realidade do contexto da pandemia, marcado por diferentes ritmos de participação dos alunos ao projeto.

Na segunda parte deste capítulo apresentei o percurso de construção do material propositivo, a Unidade Temática Investigativa (UTI) voltado para a produção e análise de narrativas históricas, que tratam de memórias e a história de Altamira do Paraná, com a abordagem estruturada a partir da busca por respostas para a questão norteadora, do suposto fenômeno histórico do decréscimo populacional de Altamira do Paraná, desde sua emancipação (1982) até a realização pesquisa (2020/2021).

Tendo como desafio essa demanda por história que envolve o processo de transformação local/regional, sem se perder de vista também a problematização do mito do crescimento urbano relacionado ao progresso, buscamos o processo de desenvolvimento da consciência histórica, expressos justamente nas narrativas históricas, que contribuíssem para vida prática dos alunos, que envolvessem suas expectativas futuras com a cidade e suas relações de alteridade, norteadas pela aprendizagem histórica.

Essa proposta de Unidade Temática Investigativa organizada em forma de material didático esteve baseada no campo de pesquisa Educação histórica, tratou do recorte e temática da história local, valorizando a memória dos sujeitos históricos que constroem suas histórias diariamente, pois o ensino de história local permite que possamos valorizar ao aluno como sujeito histórico.

As atividades atentaram à diferentes leituras sobre a história municipal, as quais chegavam até a sala de aula carregadas de “achismo”. Evidentemente não foi possível estabelecer uma dada resposta para a realidade do município, principalmente sobre seu decréscimo populacional, uma das expectativas dos alunos no início do projeto.

Contudo, foi possível pensar na aceitação e/ou refutação de argumentos, isto partir da comparação com outros municípios da região com estudo de processos econômicos e geográficos regionais, além do reconhecimento de práticas, saberes e ofícios presentes nas memórias dos moradores.

Diante dessa expectativa de ação e dos resultados, concluo que o trabalho com fontes pode oportunizar aos alunos uma reflexão sobre o significado do aprender história, sua utilidade para a vida prática, como o conhecimento histórico se processa, através da criação de evidências e narrativas históricas sobre as memórias e histórias de Altamira do Paraná

REFERÊNCIAS

- ADMINISTRAÇÃO, MUNICIPAL- **Brasil- Altamira Do Paraná**. 2. Altamira do Paraná (município) -História.I, Título. CDD (19º ed.)1988.
- ALTAMIRA DO PARANÁ. **Projeto Político-Pedagógico**. Colégio Estadual Altamira do Paraná EFM, 2012.
- BARBOSA, Yuri Amaral; AMBRÓZIO, Júlio Cesar Gabrich. A CIDADE E O PROGRESSO Considerações sobre os impactos da ideologia do progresso no espaço urbano do século XIX. **Revista de Geografia-PPGEO-UFJF**, v. 4, n. 2, 2014.
- BARCA, I.; GAGO, M. **Aprender a pensar em História: um estudo com alunos do 6º. Ano de escolaridade**. REVISTA PORTUGUESA DE EDUCAÇÃO, Braga, V. 14, N. 1, P. 239-261, 2001.
- BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. **Para Uma Educação De Qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica**. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED) / Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144.
- BARCA, Isabel. **Educação História: Pesquisar O Terreno, Favorecer A Mudança**. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora e BARCA, Isabel (Orgs.) **Aprender História: Perspectivas Da Educação Histórica**. Ijuí: Editora Unijuí, 2009.
- BARCA, Isabel. **Ideias Chave Para a Educação Histórica: Uma Busca de (Inter) Identidades**. História Revista, v. 17, n. 1, 2012.
- BARCA. I. **Educação Histórica: uma nova área de investigação**. In: NETO, J. M. A. (org). Dez Anos De Pesquisas Em Ensino De História. Londrina: AtritoArt, 2005. p. 15-25.
- BARROS, José D’Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.
- BARTHELMES, Verner Arthur Conrado. **O massacre da Serra da Pitanga. Exumação de um genocídio**. Curitiba: Serviços Gráficos da Assembleia Legislativa do Estado do Paraná, 1997.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livro Didático E Saber Escolar, 1810-1910**. Autêntica, 2008.
- BRASIL. **Constituição (1988). Constituição Da República Federativa Do Brasil**. Brasília, DF:Senado **Federal**: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. Parecer CNE/CEB nº 5, de 4 de maio de 2011. **Diretrizes Curriculares Nacionais Para O Ensino Médio**. Diário Oficial da União, Brasília, 2011. Disponível em: Acesso em: 15 jun. 2020.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos Sobre A História**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BRAUDEL, Fernand. **História e Ciências sociais. A Longa Duração**. In: Revista de História, Vol. 30, nº 62, abril-junho, 1965.

CAINELLI, Marlene Rosa; TUMA, Magda Madalena P. **História e memória na construção do pensamento histórico: uma investigação em educação histórica**. Revista Histedbr Online, Campinas, v. 34, p.211-222, jun. 2009. Disponível em:<http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/34/art14_34.pdf>. Acesso em 20 de abril de 2021.

CAINELLI, Marlene. **A Aula-Oficina como Possibilidade de Mudança Metodológica na Forma de Ensinar História no Brasil**. In: Vinte anos das Jornadas Internacionais de Educação Histórica/XX, Congresso Internacional das Jornadas de Educação Histórica. 2021.

CAMARGO, Manoel Borba de. **Abril Violento: A Revolta Dos Índios Kaingangs**. Curitiba: Base Editora, 1999. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/25602/18398>

CERRI, L. F. **Os Conceitos de Consciência Histórica e os Desafios Da Didática Da História**. Revista de História Regional. 6(2): 93-112, Inverno 2001.

CERRI, Luis Fernando. **Cidade e Identidade. Região e Ensino de História**. In: ALEGRO, Regina Célia [et al.]. Temas e questões: para o ensino de História do Paraná. Londrina: EDUEL, 2088. p. 27-41.

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de História e Concepções Historiográficas**. Espaço Plural, v. 10, n. 20, p. 149-154, 2009.

DE MORAES FERREIRA, Janaína Amado Marieta. **Usos e Abusos da História Oral**. Editora FGV, 2015.

FERNANDES, Lindamir Zeglin. **A Reconstrução de aulas de História na perspectiva da Educação Histórica: da aula oficina a unidade temática investigativa**. Anais do VIII Encontro Nacional de Pesquisadores de Ensino de História: Metodologias e Novos Horizontes. São Paulo: FEUSP-Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2008.

FERREIRA, F. P. M. **As Pequenas Cidades E Sua Importância Para O Brasil Atual**. Reúna: Revista de Economia da UNA, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-45, 1995.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História, Tempo Presente e História Oral**. Topoi (Rio de Janeiro), v. 3, p. 314-332, 2002.

FONSECA, Selva Guimarães. **História Local e Fontes Oraís: Uma Reflexão Sobre Saberes e Práticas de Ensino De História**. *História Oral*, v. 9, n. 1, pp. 125-141, 2006.

FONSECA, Thais Nívia de Lima. **História e ensino de história**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2011.

FRAGA, Nilson Cesar; CAVATORTA, Mateus Galvão. **Massacre Dos Kaingang Em Pitanga-Pr**, um conflito atrelado à ideologia do branqueamento e à expansão do capital sobre os territórios indígenas. **Serviço Social em Revista**, v. 18, n. 1, p. 81-100. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia Da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. **Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional**. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, n.1, 1988

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990

HARTOG, François. **Evidência Da História: O Que Os Historiadores Veem**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico De Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN: Museu Imperial, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Resultados do Censo 2010**. Disponível em <http://www.censo2010.ibge.gov.br>. Acesso em: 26/06/2021.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL – IPARDES. **Cadernos Municipais**. Disponível em <http://www.ipardes.pr.gov.br>. Acesso em 26/06/2021.

LACERDA, Rosane. **A Conquista da América, o Genocídio e a afirmação dos Povos Indígenas no Brasil**. O Direito Achado na Rua, vol. 7, p. 75.

LE GOFF, Jacques. **Memória**. In: **História E Memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.

LEE, Peter. "Nós Fabricamos Carros e Eles Tinham Que Andar A Pé": compreensão das pessoas do passado. In: BARCA, Isabel. (Org.). **Educação histórica e museus**. Minho: CIED, Universidade do Minho, 2003

LEE, Peter. **Educação Histórica, Consciência Histórica e Literacia Histórica**. In.: Estudos de Consciência Histórica na Europa, América, Ásia e África – Actas das Sétimas Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Org. Isabel Barca. Universidade do Minho. Braga, 2008.

LEE, Peter. **Em direção a um Conceito de Literacia Histórica**. Educar em Revista, p. 131-151, 2006.

MEIHY, José Carlos Sabe Bom. Manual de História Oral. São Paulo: Vértice, 2005. _;
HOLANDA, Fabiola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2011.

NEVES, Joana. **História Local e Construção Da Identidade Social**. Sæculum – Revista de História, n. 3, 10 dez. 1997.

NORA, Pierre. **Entre Memórias E História: A Problemática Dos Lugares**. Projeto História, São Paulo, Ed. da PUC, nº 10, pg. 7-28, dez. 1993.

PAGLIARINI, Raphael et al. **O Colono na cidade: memórias e viveres rural-urbanos em Marechal Cândido Rondon (Oeste do Paraná, 1970-2009)**. 2009. Mestrado.

PARANÁ. **Caderno de Expectativas: História**. Curitiba: SEED/SUED/DEB, 2008.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares Da Educação Básica: História**. Curitiba: SEED/SUED/DEB, 2008.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares Da Educação Básica: História**. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. 2008.

PARANÁ. Prefeitura Municipal de Altamira do Paraná. Prefeitura. **História da cidade**. Disponível em: [Prefeitura Municipal de Altamira do Paraná - PR \(altamiradoparana.pr.gov.br\)](http://Prefeitura Municipal de Altamira do Paraná - PR (altamiradoparana.pr.gov.br)). Acesso em 18/01/2022.

PINSKY, Jaime. PINSKY, Carla Bassanezi . **Novos Combates Pela História: Desafios - Ensino**. Editora Contexto, 2021.

POLLACK, M. “**Memória e Identidade Social**”. In: **Estudos Históricos**, 5 (10). Rio de Janeiro: 1992.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Vai di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944). __ **AMADO**”, J.; FERREIRA, MM (Coord.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, p. 103-130, 1998.

RAMOS, Márcia Elisa Teté; CAINELLI, Marlene Rosa. **A Educação Histórica Como Campo Investigativo**. Diálogos, v. 19, n. 1, p. 11-27, 2015.

ROSA, Michele Rossoni. **Educação Histórica, Fontes Históricas e Novas Tecnologias: Descompassos e Possibilidades**. Revista Àgora (ISSN 2175-3792). Porto Alegre: no 2, 2011.p.12-24.

RÜSEN, J. **Aprendizagem Histórica: Fundamentos e Paradigmas**. Curitiba: W. A. Editores, 2012. _____. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 2, p. 163-209, mar. 2009.

RÜSEN, J. **Jorn Rüsen e o Ensino De História**. Curitiba: UFPR, 2010.

RÜSEN, J. **Razão Histórica: Teoria Da História: Os Fundamentos Da Ciência Da História**. Brasília: UnB, 2001.

RÜSEN, Jörn. **Jörn Rüsen e o Ensino de história**. Schmidt, m. A.; barca, i.; martins, e. R.(orgs.). 2 reimp. Curitiba: ed. Ufpr, 2014.

SALVADORI, Maria Ângela Borges. **História, Ensino e Patrimônio**. Araraquara (SP): Junqueira & Marin Editores, 2008. (Coleção Escola).

SANTOS, Flávio Batista dos; CAINELLI, Marlene Rosa. **Educação Histórica e Temporalidade: Campo E Categoria Do Ensino E Aprendizagem Em História**. **Revista HISTEDBR**. Campinas, SP v. 19, p. 1-16, julho 2019.

SCHMIDT, M. A. Literacia histórica: um desafio para a educação histórica no século XXI. **História & Ensino**, Londrina, v. 15, p. 9-21, ago. 2009.

SCHMIDT, M. A. O Significado Do Passado Na Aprendizagem E Na Formação Da Consciência Histórica De Jovens Alunos. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2009.

SCHMIDT, M.A. (ORGS.). **Educação Histórica: teoria e pesquisa**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2011. p.81-90.

VASCONCELOS, José Antônio. **Metodologia Do Ensino De História**/ José Antônio Vasconcelos. – Curitiba: Inter Saberes, 2012. – (Série Metodologias), ISBN 978-85-8212-440-6.

VAZ, Terezinha Aguiar. **Lendário Caminho do Peabiru na Serra da Pitanga**. Guarapuava: Grafel, 2002

WACHOWICZ, Ruy Christovan. **História Do Paraná**. 2. ed. Curitiba, PR: Editora dos Professores, 1968.

WOOD, Ellen Meiksins. **A Origem do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Fontes entrevistadas:

As entrevistas se deram de diversas maneiras no contexto pandêmico do ano letivo de 2021, desde presenciais com os devidos cuidados de biossegurança, gravações em vídeos, áudios e online via *WattsApp*, em grupos ou individualmente conforme a disponibilidade dos alunos, abaixo as citadas no texto.

JOANNA, Osmar Pereira. **Entrevista concedida a um grupo de alunos do 2^aA do Colégio Estadual Altamira do Paraná.** Altamira do Paraná, 26 de agosto de 2021. (Presencial Duração de aproximadamente 01 h. Entrevista.)

KLEIN, Ademar. **Entrevista concedida a turma 9^aA do Colégio Estadual Altamira do Paraná.** Altamira do Paraná, em 27 de setembro de 2021. (Presencial duração de aproximadamente 01 h. Entrevista.)

MATTOS, Geni Souza de. **Entrevista concedida a um grupo de alunos do 9^aA do Colégio Estadual Altamira do Paraná.** Altamira do Paraná, em 13 de setembro de 2021. (Vídeo de aproximadamente 01h. Entrevista.)

PEREIRA, Marialva de Oliveira. **Entrevista concedida a um grupo de alunos do 2^aA do Colégio Estadual Altamira do Paraná.** Altamira do Paraná, 25 de agosto de 2021. (Presencial duração de aproximadamente 01 h. Entrevista.)

SILVA, Sebastião. **Entrevistado por um grupo de alunos do 2^aA do Colégio Estadual Altamira do Paraná.** Altamira do Paraná, em 12 de setembro de 2021. (Áudio de aproximadamente 01h. Entrevista.)

SPACOV, Miriam. **Entrevista concedida a um grupo de alunos do 9^aA do Colégio Estadual Altamira do Paraná.** Altamira do Paraná, 23 de agosto de 2021. (Vídeo de duração de aproximadamente 01 h. Entrevista.)

PIRES, Manoel da Silva. **Entrevista concedida a um grupo de alunos do 2^aA do Colégio Estadual Altamira do Paraná.** Altamira do Paraná, 12 de agosto de 2021. Duração de aproximadamente 01 h. Entrevista.

RIBEIRO, Flauza Maria. **Entrevista concedida a um grupo de alunos do 1^aA do Colégio Estadual Altamira do Paraná.** Altamira do Paraná, 12 de setembro de 2021. Duração de aproximadamente 01 h. Entrevista.